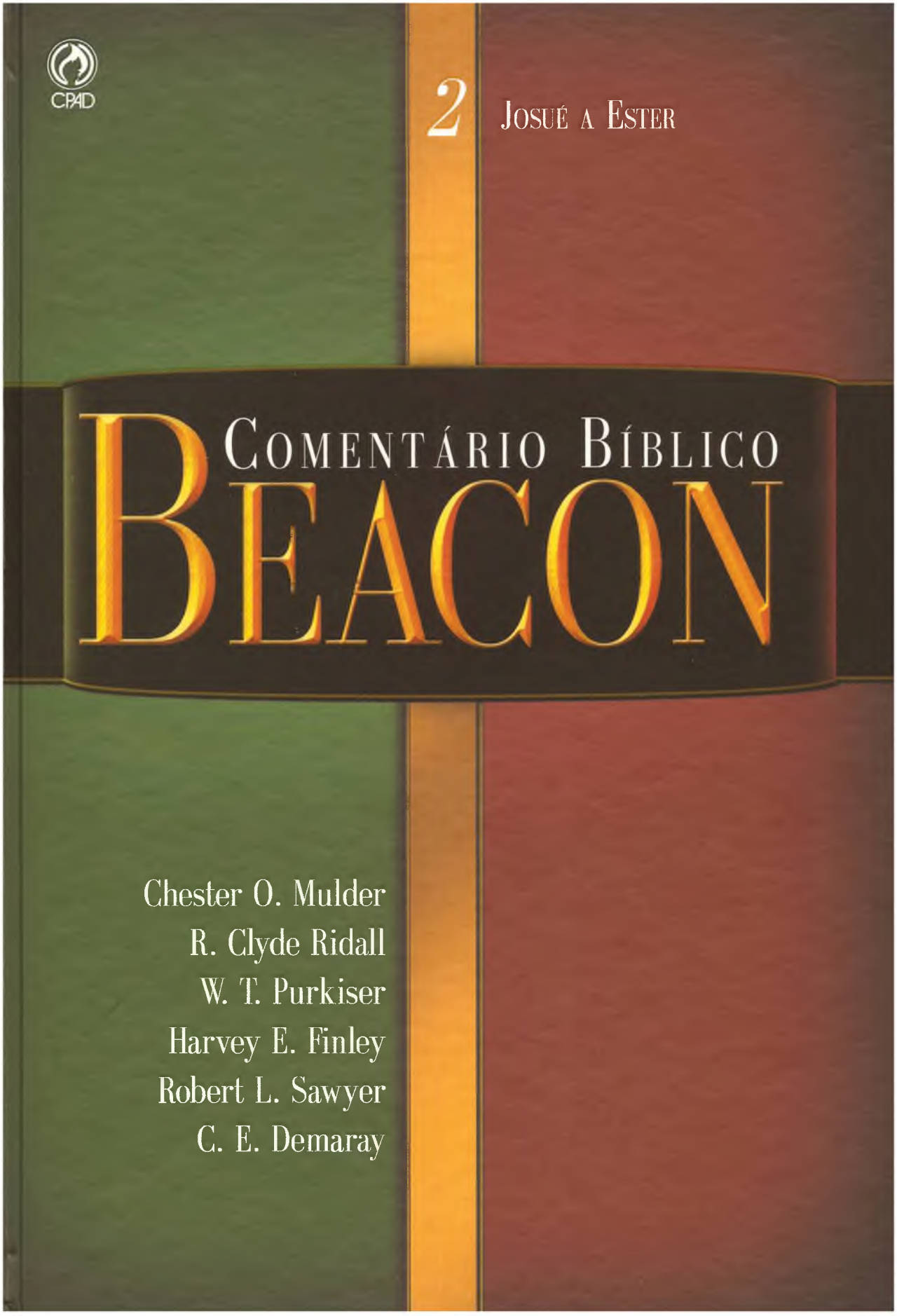

CPAD
2
Josué a Ester
Comentário Bíblico
BEACON
Chester O. Mulder
R. Clyde Ridall
W. T. Purkiser
Harvey E. Finley
Robert L. Sawyer
C. E. Demaray

# COMENTÁRIO BÍBLICO BEACON



CPAD

Os Livros das

# CRÔNICAS

Robert L. Sawyer

# Introdução

## A. Título e Lugar no Cânone

Na Septuaginta (LXX), a versão em grego do Antigo Testamento, o título das Crônicas é *Paralipomena*, que significa "assuntos (previamente) omitidos" em Reis e Samuel. Os dois livros das Crônicas eram originalmente um só texto. Jerônimo traduziu o título em hebraico *divre hayyamin*, "eventos ou anais dos dias (tempos)" (1 Cr 27.24) pela palavra em latim *Chronicorum*, ou "a crônica da história divina completa".

1 e 2 Crônicas estão colocados com os "escritos" ou *hagiographa* no Cânone Talmúdico e nas bíblias hebraicas publicadas pela Hebrew Publishing Company. No entanto, na Septuaginta e na Vulgata, assim como na tradução em português, eles aparecem imediatamente depois dos livros dos Reis.

## B. Autoria e Data

Não existe uma afirmação específica nos textos das Crônicas quanto ao seu autor. O ponto de vista tradicional tem sido que esses dois livros da nossa Bíblia faziam parte de um conjunto com os de Esdras e Neemias. De acordo com a tradição judaica, Crônicas foi, afinal, escrito pelo próprio Esdras, para fazer a transição entre a história do passado e os problemas contemporâneos do período pós-exílio, com relação ao restabelecimento da Terra Prometida. Existem divergências quanto a isto, e alguns sugerem que Esdras foi o autor somente das genealogias[1]. Delitzsch, entretanto, o vê como o compilador do material usado nas Crônicas[2]. Este ponto de vista tem encontrado alguma aceitação.

Outros autores conservadores preferem considerar esses livros como uma compilação. Mas, as evidências internas, assim como o peso da opinião, penderia para o lado de um único autor. Os livros indicam que eles são do período pós-exílio; eles tratam de interesses similares; e foram escritos com o mesmo estilo literário. Assim, Esdras certamente se encaixa na descrição de um autor como este, melhor do que qualquer outro homem conhecido daquela época.

Os livros tratam da história dos hebreus até o final do cativeiro e da restauração, com Ciro. Estes fatos exigiriam uma data do pós-exílio. Por exemplo, com base em 2 Crônicas 35.25 teria que ser obviamente após a época de Jeremias. Se, devido à linguagem, estilo e ponto de vista histórico, Esdras for aceito como o autor, os livros teriam que ser do final do século V a.C. W. F. Albright defende a autoria de Esdras e fixa a data entre 400 e 350 a.C.[3].

Desde Wellhausen até Pfeiffer, os críticos tentaram fixar uma data posterior para os livros, mas eles admitem a falta de argumentos conclusivos. Os três principais argumentos para uma data posterior são: (1) linguagem e espírito; (2) a genealogia de 1 Crônicas 3.17-24; (3) a última data de Esdras-Neemias[4].

Como Unger enfatiza, o argumento de Pfeiffer de que a linguagem e o estilo são artificiais e decadentes dificilmente se aplica, uma vez que o vernáculo é mais aramaico

que hebraico. É impossível determinar se há cinco ou onze gerações listadas após Zorobabel, como os próprios críticos admitem[5].

Certamente essas evidências são insuficientes para colocar Esdras e Neemias em uma época muito posterior ao século V.

## C. Propósito e Fontes

É axiomático que os livros de Crônicas foram escritos para dar perspectiva e continuidade histórica aos hebreus que enfrentaram tarefas hercúleas em sua volta do exílio. Entre essas atividades se incluíam a reconstrução do Templo e a restauração da adoração que envolvia o sistema levítico de sacrifícios. O povo também enfrentou a necessidade de reconstruir as cidades para os legítimos herdeiros dentro das áreas tribais específicas, e a reconstrução da nação como o povo escolhido de Deus para a salvação do homem.

Os livros de Samuel e dos Reis refletem o ponto de vista profético, e incluem as histórias dos reinos do Norte e do Sul. Os livros de Crônicas refletem o ponto de vista sacerdotal e não meramente repetem ou acrescentam alguns detalhes para a posteridade. Ao invés disso, por causa do ponto de vista, são dados detalhes a respeito do Templo e dos rituais, e as omissões e adições são importantes para uma compreensão abrangente dos hebreus e do plano divino da salvação.

O primeiro livro de Crônicas em parte corresponde ao segundo de Samuel; ele trata das tribos fiéis, Judá e Benjamim, que formaram o Reino do Sul. A maior parte do texto lida com o material já encontrado nos outros livros do cânone do Antigo Testamento, desde Gênesis até Reis. As genealogias levam até os reinos de Davi e Salomão com as suas contribuições para a nação dos hebreus.

As assim chamadas omissões, lacunas e diferenças de grafia foram desencorajadoras para muitos estudiosos da Bíblia, mas não devia ter sido assim. No segundo livro de Crônicas a história do Reino do Norte – desde a morte de Salomão, em 931 a.C., até a queda de Samaria, em 721 a.C. – é completamente omitida, pois nenhum dos reis se afastou dos pecados de Jeroboão, e desta forma eles não deram qualquer contribuição para a verdadeira adoração a Deus no Templo de Jerusalém. Judá era o único reino que prosseguia, conforme havia sido profetizado e prometido por meio de Davi, da tribo de Judá. Daí, o grande detalhe a respeito dos reinos de Davi e de Salomão, incluindo aqueles reis do Reino do Sul que seguiam a trilha deixada por eles. O segundo livro de Crônicas abrange o mesmo período dos livros dos Reis: dos últimos dias de Davi até o exílio na Babilônia.

Deve-se notar que toda a história anterior a Davi está resumida pelos quadros genealógicos. Os hebreus precisavam recuperar o trono de Davi e estabelecer a adoração ao Senhor, como na "era dourada" que culminou no reinado de Salomão. O autor omite com muito tato os grandes pecados de Davi e de Salomão porque essas narrativas nada acrescentam ao seu propósito de escrever.

A contribuição peculiar das Crônicas está no material que aparece aqui e não é encontrado nem nos livros de Samuel nem em Reis, e que trata enormemente, se não exclusivamente, dos temas dos rituais relacionados com a adoração no Templo.

O cronista inclui dados omitidos por outros. Com a orientação do Espírito Santo, ele usou aqueles fatos que se adequavam ao seu objetivo. Ao fazer isso, ele menciona algumas das suas fontes, das quais uma parte não está disponível ao estudioso da atualidade.

Além do verdadeiro conhecimento do autor e do uso dos fatos encontrados nos outros livros, desde Gênesis até Reis, ele menciona pelo menos dez ou mais fontes. São citados os escritos de oito profetas: Samuel, Natã, Gade, Aías, Semaías, Ido, Jeú e Isaías. O livro dos reis de Judá e Israel não deve ser confundido com os livros canônicos dos Reis (por exemplo, 1 Cr 9.1; 2 Cr 27.7; 33.18; 36.8 referem-se a materiais não encontrados nos nossos livros canônicos em sua forma atual). Os inúmeros quadros genealógicos e fatos poderiam ser encontrados em publicações, diários e registros públicos além dos do Templo, que eram acessíveis ao autor na sua época.

Ao avaliar o ponto de vista do autor, Cartledge diz:

> O ritual pode facilmente ser superenfatizado ou usado inadequadamente, mas também pode ser uma parte importante adjunta à verdadeira adoração. O ritual pode enfatizar a importância da pureza moral e a necessidade de lidar-se com o problema do pecado[6].

Ele prossegue, ao dizer que no Novo Testamento nós podemos ver exemplos daqueles que tomaram os rituais como um substituto para a espiritualidade, mas o ritual no Antigo Testamento era um prelúdio necessário e uma profecia daquele que satisfez todos os aspectos da lei dos judeus.

## D. A Importância das Crônicas

Keil ressalta que os livros das Crônicas referem-se "àqueles tempos", "àqueles homens" e "àqueles eventos" que viriam a ser a base para a reconstrução de uma nova nação. Eles também se referem a uma nova adoração no Templo, aceitável a Deus, e profética quanto à revelação da plenitude do Messias, o Filho de Deus[7]. Sem as Crônicas, estaríamos empobrecidos em nossa perspectiva histórica.

Podemos reconhecer que existem aparentes discrepâncias nas menções a alguns nomes e números. Os números nas Crônicas, às vezes, são maiores do que aqueles que são apresentados em outras partes do Antigo Testamento, e parecem ser inacreditáveis para o leitor. Não precisamos ignorar estes fatos, pois não há perigo em confrontá-los. Tampouco colocaríamos toda a responsabilidade naqueles que estiveram envolvidos na transmissão do texto. Depois de tudo o que foi dito sobre o problema, nenhum fato essencial da vida espiritual foi alterado. Podemos ser leais tanto aos fatos como eles são, quanto a uma sólida doutrina de inspiração. O autor é preciso em tudo o que é essencial, e suas fontes são confiáveis (cf. nota de rodapé, Et 9.1-16).

## *Esboço*

I. As genealogias, de Adão a Davi, 1 Cr 1.1—9.44

A. De Adão a Noé, 1.1-4
B. Os Descendentes dos Três Filhos de Noé, 1.5-27
C. De Abraão às Tribos, 1.28-54
D. Os Filhos de Israel, 2.1-4
E. A Tribo de Judá, 2.5–4.23
F. Simeão, Rúben, Gade e Manassés, 4.24—5.26
G. A Tribo de Levi, 6.1-81
H. Descendentes de Issacar, Benjamim, Naftali, Manassés, Efraim, Aser, 7.1-40
I. Os descendentes de Benjamim, 8.1-40
J. Registros de Israel e Judá, 9.1-44

II. O reino de Davi, 1 Cr 10.1—29.30

A. A Morte de Saul, 10.1-14
B. Davi como Rei, 11.1–27.34
C. Salomão é Coroado Rei, 28.1–29.30

III. O reino de Salomão, 2 Cr 1.1—9.31

A. A Confirmação de Salomão, 1.1-17
B. A Construção do Templo, 2.1-5:1
C. A Consagração do Templo, 5.2–7.22
D. A Glória de Salomão, 8.1–9.31

IV. A história de Judá, 2 Cr 10.1—36.23

A. O Primeiro Ciclo na História de Judá, 10.1—20.37
B. O Segundo Ciclo na História de Judá, 21.1—32.33
C. O Terceiro Ciclo na História de Judá, 33.1—35.27
D. O Quarto Ciclo na História de Judá, 36.1-23

SEÇÃO I

# AS GENEALOGIAS DE ADÃO A DAVI

*1 Crônicas 1.1—9.44*

O objetivo destes quadros genealógicos é o mesmo dos dois livros juntos. Aqui podemos ver o autor esforçando-se para ajudar os levitas, que eram os responsáveis pela adoração no Templo, e os judeus da família governante de Davi, a encontrar a sua reintegração adequada e a responsabilidade pela sua herança. Cada tribo estaria interessada e seria responsável pela sua própria participação e pelo seu lugar na restauração, sob a liderança de Esdras, o servo de Deus.

As genealogias são incompletas e não se parecem, em absoluto, com um diário. Mas elas, realmente, oferecem uma ligação de geração-a-geração, através de Davi, à restauração e também o percurso oposto. O ano do jubileu e o fator do sacerdócio levita hereditário, fizeram com que fosse imperativo manter e assumir o título da propriedade da terra e dos ofícios. Ao invés de serem confusas, estas genealogias ressaltam o caráter histórico do Antigo Testamento.

A omissão de algumas vidas importantes, como, por exemplo, a de Eli, e a inclusão de personagens menos importantes, seguem o princípio que se deduziu acima, de que a ênfase está naqueles que cumpriram a vontade de Deus, fosse ela grande ou pequena. Aqueles cujas vidas não parecem ter contribuído para o objetivo principal do autor foram omitidos.

## A. DE ADÃO A NOÉ, 1.1-4

Esta parte, assim como a seguinte, pressupõe um conhecimento de Gênesis 5.1-32. Os treze nomes não incluem Caim nem Abel. Não se verifica um esforço para mencionar

a duração da vida de cada homem. Talvez isto ocorra porque não há coincidência entre os textos: o hebraico, que cobre 1.056 anos no total; o samaritano, que cobre 707 anos; e a Septuaginta (LXX), que cobre 1.662 anos para os homens mencionados.

## B. Os Descendentes dos Três Filhos de Noé, 1.5-27

Aqui, a ordem na qual são citados os filhos de Noé é a inversa do relato de Gênesis, sem dúvida para enfatizar que os descendentes de Sem são o povo escolhido de Deus.

### 1. *A Linhagem Familiar de Jafé* (1.5-7)

**Jafé** é o mais moço; então é considerado em primeiro lugar, para se apresentar por último a linhagem principal de Sem. Esta passagem é idêntica a Gênesis 10.2-4, mas omite o versículo 5: "Por estes, foram repartidas as ilhas das nações nas suas terras, cada qual segundo a sua língua, segundo as suas famílias, entre as suas nações".

### 2. *A Linhagem de Cam* (1.8-16)

Novamente podemos ver aqui a escassez de detalhes, mas essencialmente os mesmos nomes de Gênesis 10.6-20. A lista consiste dos quatro filhos de **Cam: Cuxe**, **Mizraim**, **Pute** e **Canaã** (8) – com os netos e bisnetos, exceto que não há descendentes de Pute, o terceiro filho mencionado. Há seis netos de Cuxe, incluindo **Ninrode** (10); sete netos através de **Mizraim** (11); onze netos através de **Canaã** (13); e uma menção a dois bisnetos através de **Raamá** (9), o quarto filho de Cuxe. Isto leva a lista a um total de trinta pessoas.

### 3. *A Linhagem de Sem* (1.17-27)

Esta lista se divide em duas na ocorrência do nome Pelegue, exatamente a meia distância na lista dos dez homens de Sem até Abraão.

*a. A lista até Pelegue* (1.17-23). Novamente a lista não fornece o número de anos, mas pára em Pelegue, a fim de dar o nome de seu irmão, **Joctã**, e os nomes dos treze filhos de seu irmão. Em Gênesis 11.10-26 e 10.21-32, podemos ver que os supostos nove filhos de Sem são, na realidade, cinco filhos e quatro netos. Uz, Hul, Geter e Más (ou Meseque) são descendentes de Arã, o último filho de Sem que é mencionado. A linhagem continuará até Abraão por meio do terceiro filho de Sem, Arfaxade, cujo neto, através de Héber [ou Éber], é Pelegue. **Pelegue** quer dizer "divisão", e se explica como vindo da divisão da terra em várias áreas de população (19). Existem vinte e seis nomes nesta lista.

*b. A lista de Pelegue até Abraão* (1.24-27). Em Crônicas não existe a narrativa do Dilúvio nem de Babel. Esta lista, até Abraão, é fornecida sem os números de anos nem comentários, exceto para identificar **Abrão** com **Abraão** (27). A lista inclui dez nomes. Aqui a ênfase é removida de Adão, o "pai comum da carne", e colocada sobre Abraão, o "pai dos fiéis"; da "aliança da inocência" para a "aliança da graça"[1].

## C. DE ABRAÃO ÀS TRIBOS, 1.28-54

Todos os filhos de Abraão são mencionados, mas não as suas mães. Somente Quetura, concubina de Abraão, tomada após a morte de Sarai, é mencionada em conexão com os seus filhos.

1. *Os Filhos de Ismael* (1.28-31)

**Isaque** (28) é citado em primeiro lugar, pois ele é o filho da aliança. Mas **Ismael**, o filho de Agar, a serva egípcia, é mencionado juntamente com os seus doze filhos (cf. Gn 25.13-15, *Hadade* em lugar de *Hadar*). Após começar pelo menos importante, o autor relaciona os demais descendentes de Abraão fora da linhagem da aliança.

2. *Os Filhos de Quetura* (1.32,33)

O termo **concubina** é usado aqui ao invés de esposa, como em Gênesis 25.1-4. Há treze nomes nesta lista: seis filhos; sete netos, dois através do segundo filho, Jocsã, e cinco através do quarto filho, Midiã. Exceto pelos três bisnetos através do segundo neto, a lista é a mesma aqui e em Gênesis 25.

3. *Isaque, Esaú e Israel* (1.34)

Este único versículo destaca a importância de **Isaque** e continua o registro com uma lista dos descendentes de Esaú antes de continuar a linhagem através de Israel (Jacó). O autor usa os nomes **Abraão** e **Israel**, ao invés de Abrão e Jacó, para conservar o seu propósito de rastrear os relacionamentos de Deus com o seu povo.

4. *As Gerações de Esaú* (1.35-54)

Aqui, novamente, os nomes são dados exatamente como em Gênesis 36.1-43, sem mencionar as mães.

*a. Filhos e netos* (1.35-37). São mencionados os cinco filhos de **Esaú** (35), os sete netos de Elifaz e os quatro netos de **Reuel** (37). Deve-se observar que, em Gênesis 36.12, **Timna** (36) é mencionada como uma concubina, cujo filho era Amaleque.

*b. Os descendentes de Seir* (1.38-42). Obviamente **Seir** (38), o horeu, não é um descendente de Abraão, mas o nome de um homem que, provavelmente, deu o seu nome a um lugar e a um povo. A área com esse nome é uma região montanhosa que atinge o sul desde o mar Morto, na Palestina, até o golfo de Ácaba, onde Petra é uma das suas principais cidades. Desse povo, Esaú tomou uma esposa ou concubina, **Timna** (39). A partir de Deuteronômio 2.12 se sabe que eles foram expulsos pelos edomitas, assim como os israelitas expulsaram os habitantes de Canaã.

*c. Os príncipes de Edom* (1.43-54). A palavra **príncipe** (51) não deve ser confundida com o título, mas, como afirmam as Escrituras, se aplica aos reis ou governantes sobre a terra que os edomitas possuíam.

A história dos edomitas como inimigos de Israel é fascinante, se a estudarmos através dos profetas. Nós os encontramos como convertidos à religião judaica durante o período macabeu.

O governador de Israel na época de Cristo era Herodes, um edomita. Eles desapareceram da história em cumprimento à profecia de Obadias, da destruição de Jerusalém por Tito, o romano, em 70 d.C. Talvez a história posterior dê razão suficiente para uma lista tão extensa aqui.

## D. Os Filhos de Israel, 2.1-4

Com este capítulo, começam as genealogias que são a principal preocupação do cronista, os doze filhos de Israel e os seus descendentes. Todas as genealogias preliminares são esboços, mas a partir deste ponto a inclusão ou exclusão dos nomes e fatos está de acordo com o seu propósito principal.

1. *Os Doze Filhos de Israel* (2.1,2)

A ordem na qual estão listados aqui os filhos de Jacó é diferente daquela da bênção de Jacó, por ocasião de sua morte, em Gênesis 49.3-27, como também é diferente da listada por Moisés, em Êxodo 1.2-4. A ordem aqui é: (*a*) os seis filhos da primeira esposa de Jacó, Léia; (*b*) o filho mais velho da criada de Raquel, Bila; (*c*) os dois filhos da primeira mulher que ele amou, Raquel; (*d*) o outro filho da criada de Raquel, Bila; (*e*) os dois filhos de Zilpa, a criada de Léia. Não há outro registro no Antigo Testamento que organize os nomes nesta ordem. Muitos comentaristas acham a posição de Dã, o filho de Bila, a criada de Raquel, a mais difícil de justificar[2].

2. *Os Filhos de Judá* (2.3,4)

A partir do capítulo 2 existe alguma repetição, e uma aparente confusão, suficiente para fazer com que muitos comentaristas tenham desistido de tentar esclarecer as coisas. Embora as linhagens estejam obviamente descritas para ajudar aqueles que retornavam (do cativeiro), achamos difícil compreender o seu ponto de vista e entender todas as coisas que estavam envolvidas.

Judá, que é listado como o quarto filho de Israel, vem em primeiro lugar. O material aqui é o mesmo de Gênesis 38.6-30 (cf. também Gn 46.12 e Nm 26.19-22).

Judá tem cinco filhos com a sua esposa e com a sua nora: três através da filha de Sua, a cananéia – Er, Onã e Selá; e dois através de Tamar – Perez e Zerá (veja Gn 38.6-30). Er e Onã morreram sem herdeiros, e nós retomamos a linhagem de Selá em 1 Crônicas 4.21-23.

## E. A Tribo de Judá, 2.5—4.23

As passagens de 2.3-17,21-41 e as passagens de 4.1-23 são consideradas como genealogias paralelas da tribo de Judá. É fácil ver que Rão, Calebe e Jerameel são os três mais importantes nas genealogias gerais. A descrição dos livros de Crônicas aparece por meio de Rão, a linhagem nobre.

1. *Alguns Descendentes de Judá* (2.5-8)

Este parágrafo dá diversas gerações, tanto de Perez como de Zerá, que são filhos de Judá através de **Tamar, sua nora** (4). O autor ignora **Selá** (3) para chegar ao ponto

principal, ou seja, a casa real de Davi. Nos versículos 3 e 7, **Er** e **Acar** (Acã) são mencionados pelas suas más ações, embora isto seja de alguma maneira excepcional nas Crônicas.

2. *Os Antepassados de Davi* (2.9-17)

Os três filhos de Hezrom são o elo principal nestas genealogias, na opinião do cronista. No versículo 9, **Quelubai** deveria escrever-se Calebe, como nos versículos 18,42,50 e 4.15. A tradução da Septuaginta usa *ch* ao invés de *c* em cada caso (4.11)[3].

Devido às referências em 4.15 e em Josué 14.6, alguns estudiosos consideram todas as referências a Calebe como o mesmo homem, e com **Jerameel** (9,25,42) para referirem-se a ambos como possuidores de uma origem edomita[4]. Entretanto, isto certamente não é obrigatório.

Há muitas outras genealogias de Davi, que concordam, em sua maioria, com esta passagem (cf. Mt 1.2-6; Lc 3.31-34).

A menção a **Davi** (15) como o **sétimo** filho difere de 1 Samuel 17.12-14, onde ele é mencionado como o oitavo filho. Em 1 Crônicas 27.18 há a menção a Eliú, que poderia ser identificado com Eliabe do que como o sétimo filho que falta. É perfeitamente possível que um filho morto anteriormente a este período não tivesse importância para a revisão do cronista.

De acordo com 2 Samuel 17.25, **Abigail** (17) era o nome de uma meia irmã de Davi, como também era o nome de uma de suas quinze esposas.

3. *Calebe* (2.18-20)

Existem pelo menos três possíveis interpretações ou identificações para **Calebe** (18): (1) todas as passagens, versículos 9,18,42,50 e 4.11,15, referem-se ao mesmo homem, um israelita descendente de Judá e relacionado com Josué[5]; (2) todas as passagens referem-se ao mesmo homem, que não é de origem israelita, mas sim dos nômades edomitas, amalgamados na história e na vida de Judá[6]; (3) as referências em 9,18,42,50 são ao mesmo Calebe descendente de Judá, mas o Calebe de 4.11 e 15 é de origem edomita, e deve ser identificado como tendo vivido em uma época posterior, ou seja, na época de Josué. A última interpretação tem certamente mais argumentos a seu favor, e está de acordo com a maneira de Deus lidar com o seu povo. Ele sempre teve um homem para fazer a sua obra, quer na linhagem hereditária ou não.

4. *Mais sobre Hezrom* (2.21-24)

Na verdade, os versículos 21-24 e 25-41, a respeito de Hezrom e Jerameel, parecem ser uma interrupção no quadro genealógico de Calebe, encontrado em 18-20 e em 42-49. Esse **Jair** mencionado no versículo 22 é, algumas vezes, identificado com o Jair de Juízes 10.3.

No versículo 23, **Gesur** é provavelmente um reino pequeno e vizinho a Arã, que é mais geralmente identificado como o território sírio cuja capital era Damasco (cf. 2 Sm 3.3; 13.37; 15.8). No versículo 24, parece quase impossível identificar **Calebe-Efrata** (cf. 2:19), embora alguns tenham sugerido que se trate de Belém-Efrata[7].

5. *Descendentes de Jerameel* (2.25-41)

Esta segunda interrupção, antes de prosseguir com a linhagem de Calebe, diz respeito aos descendentes de **Jerameel** (25). Ele não é citado em outra parte, embo-

ra o seu povo seja mencionado em 1 Samuel 27.10 e 30.29. O seu nome significa "aquele que Deus ama, aquele de quem Deus se compadece".

No versículo 25 do texto hebraico, não aparece o conectivo **e**; isso poderia dizer que Aías foi a mãe dos quatro homens anteriormente mencionados. O próximo versículo substancia esta hipótese. Nos versículos 25 e 9, **Rão** não se refere necessariamente ao mesmo homem. Poderia se tratar de um tio e um sobrinho com o mesmo nome.

A genealogia continua no versículo 30, em pares de filhos, exceto no versículo 31, onde a palavra **filhos** é seguida por um único nome, o que indica a possibilidade de um registro incompleto. No texto hebraico, a palavra traduzida como **filhos** significa "filhos homens", evidentemente porque no versículo 34 afirma-se que Sesã não teve **filhos**, somente **filhas**. Mas esta poderia ser uma referência específica àquela época[8].

Nos versículos 35-41 são mencionados os descendentes de **Jara** (35), o servo egípcio, e nenhum deles pode ser identificado em alguma outra parte da Bíblia Sagrada. Certamente, os judeus não eram de uma linhagem pura, embora essa descendência não se torne uma parte da genealogia do sangue de Davi. Alguns nomes comuns são usados, mas não é possível fazer uma identificação.

6. *Mais Descendentes de Calebe* (2.42-55)

Esta é uma continuação da genealogia do mesmo homem mencionado em 2.18-20, **Calebe** (42), filho de Hezrom e **irmão de Jerameel**. Nos versículos 46-49 podemos ver os descendentes de duas de suas concubinas.

Com respeito aos versículos 50-55, Keil sugere que a expressão **filho de Hur, o primogênito de Efrata** (50), deveria ser lido em conexão com a frase "**estes foram os filhos de Calebe**", para significar que virá em seguida a relação dos descendentes de Calebe através de seu filho Hur, o primogênito de sua esposa Efrata, e lê-se **filho** como "filhos de" (cf. 19)[9].

É interessante observar que poucas mulheres, como as mães, são mencionadas no cap. 2; que Deus trará os indivíduos ao julgamento pelos pecados que praticaram; que alguns nomes aqui parecem ser títulos tanto de pessoas como de lugares, o que está de acordo com qualquer período, quer contemporâneo quer antigo.

7. *A Família de Davi* (3.1-9)

O cronista dirigiu-se apressadamente a este ponto. A sua narrativa, condensada, resultou em algumas omissões que pressupõem um conhecimento, por parte do leitor, dos materiais registrados nos livros históricos anteriores. Esta seção começa a genealogia – através de Rão, o segundo filho de Hezrom – que tinha sido interrompida em Jéter, em 2.17. Agora continua com Davi até uma época *posterior* ao cativeiro. O restante destes dois livros tratará dos homens mencionados neste capítulo.

Aqui se afirma que Davi teve seis filhos, nascidos de seis diferentes esposas durante os sete anos e meio em que ele governou em Hebrom (1-4). Em Jerusalém, ele governou trinta e dois anos e meio, e teve nove filhos nascidos de outras esposas, além dos quatro de Bate-Seba. Também se menciona que ele teve outras **concubinas** (9) e filhos, além da sua filha, **Tamar** (2 Sm 13.1). Assim, ele teve um total de dezenove filhos de suas esposas, pelo menos uma filha e outros filhos com as suas concubinas, e talvez outras filhas também (5-9). Em 2 Samuel 15.16, existe uma menção a dez concubinas (cf. 9). Há

mais variações dos nomes dos filhos nascidos em Jerusalém do que dos nascidos em Hebrom (cf. 14.4-7; 2 Sm 5.14-16). No versículo 5, **Bate-Sua** é obviamente Bate-Seba.

8. *A Linhagem de Davi através de Salomão* (3.10-24)

A rapidez na enumeração da descendência real aqui reanima, porque os nomes são mais familiares. Os livros de Samuel e de Reis têm o mesmo conteúdo, com a adição dos reis do norte de Israel.

É de se esperar que o cronista ignore Atalia, que usurpou o trono e que reinou durante seis anos. De Davi a Josias há dezesseis gerações de sucessões ao trono do tipo pai-para-filho. Depois surgem quatro sucessões ao trono que representam quatro irmãos, filhos de Josias; então aparecem um neto e um bisneto, através de Jeoaquim.

No versículo 15, os nomes não se encaixam no mesmo tipo de sucessão de pai-para-filho que consta nos versículos precedentes. O reino efetivamente terminou com **Josias**, porque os quatro reis remanescentes eram vassalos do Egito ou da Babilônia. **Joanã** não é conhecido nas outras fontes e não deve ser identificado com Joacaz. **Salum** e Joacaz são a mesma pessoa (cf. 2 Rs 23.30; 2 Cr 36.1; Jr 22.11). Se compararmos 2 Reis 23.31 e 24.18, descobriremos que **Salum** não é o mais jovem, mas é colocado por último por causa do seu curto reinado e do fato de que ele e Zedequias eram filhos da mesma mãe[10].

O **Zedequias** do versículo 16 não é o mesmo mencionado no versículo 15. Uma vez que não é registrado novamente, ele deve ter morrido em Judá antes de ser levado cativo, porque a genealogia que se segue retoma a linhagem somente através de **Jeconias**. Dos quatro últimos reis, três eram irmãos, e **Jeconias** ou Joaquim é um filho de **Jeoaquim**, o que faz dele um sobrinho do seu sucessor, **Zedequias**, o último rei conhecido de Judá (cf. 2 Rs 24.17ss.; 2 Cr 36.10).

A genealogia dos versículos 17-24 contém muitos nomes que não são usados em outro lugar. Os dois que aparecem em outras passagens são **Sealtiel** (17) (ou Salatiel) e **Zorobabel** (19). Em Edras 3.2; Ageu 1.1; Mateus 1.12; Lucas 3.27, afirma-se que Zorobabel era o filho de Sealtiel, uma palavra que pode significar neto[11]. Mas aqui se deduz que ele era um sobrinho de Sealtiel e um filho de Pedaías (17,18). Keil tenta solucionar a aparente discrepância, ao mostrar que, segundo a lei de casamento dos levitas (Dt 25.5-10), Pedaías poderia ter se casado com a sua cunhada depois da morte de Sealtiel, e criado um filho em nome de seu irmão. Desta forma, Ageu, Esdras e Mateus estariam corretos ao dizerem que Zorobabel era filho de Sealtiel e não de Pedaías[12].

A principal importância deste quadro genealógico está em ajudar a definir as datas dos livros de Crônicas por meio do número de gerações a partir de Zorobabel, que liderou o primeiro retorno a Jerusalém, em 536 a.C. O esforço da maioria dos comentaristas é o de determinar se existem duas ou onze gerações listadas, o que altera a última data possível dos escritos, de aproximadamente o ano 400 a.C. para 270 a.C. Embora os distintos pontos de vista sejam defendidos por aqueles que os afirmam, não há uma razão conclusiva para evitar que mantenhamos a idéia de que Esdras foi o autor das Crônicas [13].

9. *Uma Genealogia Geral ou Fragmentada de Judá* (4.1-23)

Crockett e outros consideram esta como uma genealogia paralela à de 2.3-17,21-41, porém muito fragmentada. Os nomes dos cinco filhos mencionados em 2.3 e 4.1 não são idênticos. A partir de uma comparação de 2.9,19,50, o nome **Carmi** corresponde a Calebe.

Até este ponto, muito pouco esclarecimento biográfico foi dado aos homens mencionados; mas, no versículo 10, **Jabez** é mencionado não pelo mal, mas, sim, por sua vida de oração e fé no Deus de Israel. Ele conquistou o seu pedido de ser mantido **longe do mal** ou dos desastres, talvez para antecipar, de alguma maneira, o padrão do Novo Testamento, da oração do Senhor.

"A oração de Jabez" nos versículos 9 e 10 é uma verdadeira pérola enterrada em uma longa série de genealogias. (1) Ele era o filho de uma mãe preocupada, 9; (2) ele era um homem honrado, 9; (3) ele orou para pedir bênçãos, engrandecimento, a presença e a proteção de Deus, e a preservação do mal, 10; (4) **E Deus lhe concedeu o que lhe tinha pedido**, 10.

Nos versículos 13 e 15, a menção de **Otniel** e **Calebe** neste quadro dá a impressão de que **Calebe** era de uma dinastia não israelita (cf. comentários sobre 2.18-20). Afirma-se que este **Calebe** era **filho de Jefoné** (cf. Js 15.17 e 14.6).

No versículo 21, acrescenta-se a interessante informação de que alguns tinham o talento para fabricar **linho,** e no 22 há a referência a **registros antigos** como a fonte dos dados do cronista. Grande parte deste material parece ser de pouca importância para nós na atualidade, mas, certamente, tinha muito valor para aqueles que retornavam a Jerusalém. No versículo 23, a menção aos **oleiros** que trabalhavam nas terras do rei dá um interessante esclarecimento sobre o fato de que alguns eram servos. É mais significativo transliterar as palavras **Netaim** e **Gedera** como nomes de lugares, ao invés de **hortas e cerrados**. "Estes eram oleiros e habitantes de Netaim e de Gedera".

## F. Simeão, Rúben, Gade e Manassés, 4.24—5.26

### 1. *Simeão* (4.24-43)

Simeão talvez esteja incluído aqui por causa de sua íntima associação com Judá (cf. Js 19.9). No versículo 27, obtemos algum esclarecimento sobre o motivo pelo qual Simeão era uma tribo relativamente sem importância, ou seja, porque suas famílias eram muito pequenas. No versículo 31, a menção da época de Davi nos fornece outro esclarecimento sobre as fontes do cronista. De acordo com 1 Samuel 27.6, pelo menos uma dessas cidades de Simeão se tornou parte de Judá.

Nos versículos 34-38, o autor menciona determinados nomes devido a sua importância; ou seja, eles eram **príncipes** (38) e bastante ricos. Nos versículos 39-41, descobrimos que esses homens evidentemente tomaram a terra e as cidades de que necessitavam desde o tempo de Ezequias.

Nos versículos 42-43, **quinhentos** pode ter sido outro grupo de homens que seguiu na direção sul até **as montanhas de Seir** em Edom, ao lado do mar Morto, na sua conquista do tradicional inimigo de Moisés, Saul e Davi (cf. Nm 13.29; 1 Sm 14.48; 15.7; 2 Sm 8.12). A expressão **até ao dia de hoje** (43) significa até a época do cronista ou até o dia da fonte – pelo menos até o período de Ezequias ou algum tempo depois.

### 2. *Rúben* (5.1-10)

A razão da posição de Rúben aqui é o fato de que, embora fosse o primogênito, foi deserdado a favor dos filhos de José (Gn 35.22; 49.3,4). No entanto, foi Judá que recebeu

o primeiro lugar e através de quem a linhagem messiânica foi traçada. Os filhos de José são levados em conta depois de Rúben, embora a razão para esta ordem esteja aberta a discussões (cf. Gn 29.32; 35.22ss; 48.15,22). No versículo 3, a lista dos filhos de Rúben não é a mesma encontrada em Gênesis 46.9; Êxodo 6.14 e Números 26.5, nem podemos encontrar uma explicação ou conexão com o **Joel** do versículo 4. Existe uma variação na grafia de **Tiglate-Pileser** (6), que também é mencionado em 2 Reis 15.29 e 16.7. A expansão na direção leste para o **Eufrates** (9) indica o desejo por pastagens, assim como a pressão de Moabe para o sul. A guerra aqui descrita pode ser a mesma de 18-22. **Os hagarenos** (10) indicariam um relacionamento com os descendentes de Agar através de Ismael (Gn 25.12-18). **A banda oriental de Gileade** ainda estaria a oeste do Jordão.

3. *Gade* (5.11-17)

Os detalhes encontrados em Números 26.15-18 são omitidos. Os **arrabaldes de Sarom** (16) é melhor traduzido como "as terras de pastagens de Sarom". **Jeroboão,** no versículo 17, teria que ser Jeroboão II (cf. 2 Rs 14.16,28; 15.5,32).

4. *Uma Afirmação Histórica* (5.18-22)

Esta batalha registrada, que contou com a cooperação de Rúben, Gade e meia-tribo de Manassés é provavelmente a mesma que é mencionada no versículo 10. Em Números 32.33 se indica que a meia tribo de Manassés estava assentada a leste do rio Jordão; daí as freqüentes referências ao seu nome.

Os nomes no versículo 19, **Jetur, Nafis e Nodabe** (Quedemá) aparecem em 1.31 e em Gênesis 25.15, como descendentes de Ismael. A relação entre a confiança em Deus e a resposta às orações está bem exposta: **porque clamaram a Deus na peleja, e lhes deu ouvidos, porquanto confiaram nele** (20). A quantidade de gado (21) é grande, mas certamente possível. Por **habitaram em seu lugar** (22) leia-se "habitaram no lugar deles". O exílio mencionado é o cativeiro sob os assírios governados por Tiglate-Pileser (6). Estas tribos ocidentais sempre eram as primeiras a serem aprisionadas pelos inimigos que vinham do norte e do leste.

É possível que nem Reis e Samuel, nem Crônicas contenham uma história completa das tribos[14]. Estas informações, portanto, são tão interessantes quanto importantes, por ser um detalhe não registrado em outra parte.

5. *Manassés* (5.23-26)

Esta **meia tribo de Manassés** (23) não é conhecida por sua piedade e devoção ao Deus de Israel. Existem mais informações em 7.14-19. Em 2 Crônicas, a batalha com os assírios não é descrita com detalhes, mas é a mesma de 2 Reis 15.29; 17.6,7; e 18.11.

No versículo 26, **Pul** e **Tiglate-Pileser** são nomes diferentes para o mesmo rei da Assíria. **Até ao dia de hoje** se refere à época em que viveu o escritor.

## G. A TRIBO DE LEVI, 6.1-81

O texto destes versículos está repetido e expandido nos capítulos 23-26. Aqui há um registro dos descendentes de Levi, a linhagem dos sumos sacerdotes até o cativeiro, e a

enumeração das cidades levitas. A abundância de detalhes e a repetição aqui refletem a importância que o cronista dava à adoração daqueles que retornavam.

1. *A Linhagem do Sumo Sacerdote* (6.1-15)

A genealogia começa com os três **filhos de Levi** (1) e prossegue através do segundo, **Coate**, a **Anrão** (2). Em seguida, **Arão, Moisés e Miriã** (3). A linhagem continua através de Anrão e de seus quatro filhos. No versículo 3, os descendentes de **Nadabe** e **Abiú** são ignorados, como também acontece com a família de **Itamar.** A genealogia deste está apresentada em Samuel e em Reis (a casa de Eli).

Nos versículos 4-15, as três omissões óbvias, desde Arão até o cativeiro são: (1) Joiada, 2 Reis 11.15; 2 Crônicas 22.11; (2) Urias, 2 Reiss 16.11,16; (3) o Azarias contemporâneo de Uzias e Ezequias, 2 Crônicas 26.17,20; 31.10. **Jeozadaque** é importante (15) por ter sido o último sacerdote antes da nação ter sido levada ao **cativeiro** em 586 a.C. Os versículos 49-53 são aparentemente paralelos a esta lista.

2. *Gérson, Coate e Merari* (6.16-30)

As três linhagens começam nos versículos 20,22 e 29, na ordem dada no versículo 16, e incluem todas as famílias dos levitas. Nos versículos 17-19, são citados todos os descendentes dos três filhos de Levi; e nos versículos 20,27,29 a linhagem continua somente através do mais velho.

Aqui fica claro (27,28), ainda mais do que em 1 Samuel 1.1; 8.2, que **Samuel** era filho de **Elcana**, um levita, e não de um "efraimita" ou "judeu".

3. *Os Antepassados de Hemã, Asafe e Etã* (6.31-48)

Hemã, Asafe e Etã são três músicos designados por Davi para o serviço do louvor em conexão com a arca do Senhor, em Jerusalém, antes e depois da construção do Templo. Os três filhos de Levi – Gérson, Coate e Merari – tiveram um filho ou um neto ao serviço da música. Nos versículos 33-38, a genealogia de **Hemã** é apresentada retrocedendo até o segundo filho de **Coate**. Nos versículos 39-43, a linhagem de **Asafe** é apresentada da mesma forma, até o neto de **Gérson**; e nos versículos 44-47, a linhagem de **Etã** retrocede até o segundo filho de **Merari**. Há diversas variações entre os versículos 20-28 e 33-38. Nenhuma destas listas teria que estar perfeitamente completa para servir aos propósitos do autor.

4. *A Linhagem de Arão* (6.49-53)

Este parágrafo deve ser encarado como um paralelo a 6.1-15, especialmente 4-8. Os nomes são exatamente os mesmos.

5. *As Cidades Levitas* (6.54-81)

**Os seus castelos nas suas costas** (54) significam "os seus acampamentos nos seus termos [ou limites]". O cronista reordenou e resumiu uma parte das informações encontradas em Josué 21.1-42. A variação usual na grafia dos nomes está presente. As cidades levitas, **e os seus arrabaldes,** (57), terras de pastagens, foram dadas aos três filhos de Arão (Coate, Gérson e Merari) e às suas famílias, lançando a sorte. Dentre as cidades levitas, seis foram designadas como uma classe especial de comunidades chamadas **cidades de refúgio** (67).

Nos versículos 54-63 estão registradas, como em Josué 21.1ss., treze cidades que foram dadas por sorte aos **coatitas** (54) de Judá e Benjamim, e dez da meia-tribo de Manassés (cf. Js 21.5). **Gérson** (62) recebeu **treze cidades** (cf. Js 21.6) e **Merari** (63) **doze cidades** (cf. Js 21.7) – um total de quarenta e oito (Js 21.41).

O registro dos versículos 54-63 não é uma lista completa. Em 64-81 existem mais detalhes em relação a que família foi entregue qual cidade, e de que tribo ela era originária. De acordo com Números 35.6ss., havia seis cidades de refúgio, três do lado leste e três do lado oeste do Jordão, além de quarenta e duas adicionais de todas as tribos. Em Jusué 20.7,8, as seis cidades são especificamente mencionadas, e também de que tribo e de que região era cada uma delas. Não é fácil obter essas informações somente a partir de Josué 21 ou de 1 Crônicas 6.54-81. Comparando as duas narrativas, podemos identificar: (1) *Quedes* ("sagrada") na Galiléia, no monte Naftali (1 Cr 6.72; Js 21.32); (2) *Siquém* ("ombro ou força") nas montanhas de Efraim (1 Cr 6.67; Js 21.21); (3) *Hebrom* ("companheirismo") ou Quiriate-Arba, na montanha de Judá (1 Cr 6.57; Js 21.13); (4) *Bezer* ("fortaleza") no deserto acima da planície da tribo de Rúben (1 Cr 6.78; Js 21.36); (5) *Ramote* ("exaltação") em Gileade, da tribo de Gade (1 Cr 6.73; Js 21.38); e (6) *Golã* ("alegria") em Basã, da meia-tribo de Manassés (1 Cr 6.71; Js 21.27). Mesmo nesta comparação, é um pouco difícil ter certeza sobre Bezer em Josué 21.36. A passagem em Josué 20 é a que dá a orientação.

As cidades de refúgio eram designadas àqueles que matassem alguém por acidente. Em uma destas seis cidades o homicida poderia encontrar segurança e proteção dos resultados de seu ato, até a morte do sumo sacerdote. Então ele estaria livre para voltar à sua própria cidade, a sua casa, família, e, ao seu trabalho. As cidades de refúgio são um belo tipo de Cristo. Como elas estavam no alto das montanhas e eram de fácil acesso a todas as tribos, dos dois lados do Jordão, assim também Jesus está acima de todos, mas disponível a todos aqueles que precisem dEle. As cidades eram bem marcadas e os seus nomes sugerem tudo aquilo que Cristo pode ser para o homem que está sujeito à pena de morte. Jesus, o nosso Sumo Sacerdote, por sua morte nos traz liberdade e libertação de todos os pecados. Que glorioso refúgio é o nosso Cristo! Não temos outro!

## H. DESCENDENTES DE ISSACAR, BENJAMIM, NAFTALI, MANASSÉS, EFRAIM, ASER, 7.1-40

Este capítulo contém alguns dados genealógicos sobre seis tribos adicionais dentre as outras doze. Duas tribos, Zebulom e Dã, são inteiramente omitidas nestes quadros genealógicos de Crônicas. As de Issacar e Aser, a primeira e a última apresentadas aqui são particularmente conhecidas por sua coragem na guerra. Efraim é conhecida por uma tragédia particular.

### 1. *A Tribo de Issacar* (7.1-5)

A variação na grafia dos nomes pode ser observada na comparação de Gênesis 46.13 e Números 26.23-25. **Puá** também é traduzido como "**Puva**"; **Jasube** também é traduzido como "**Jó**" em Gênesis 46.13 (cf. Nm 26.24). Os números, 22.600 para **Tola**, 36.000 para **Izraías** e 28.400 para os **seus irmãos** – um total de 87.000 – não mostram um grande aumento sobre a época de Moisés (Nm 1.29), quando havia 54.400, e

mais tarde, em Números 26.25 quando havia 64.300. O período da ilegalidade durante a época dos juízes, que precedeu a Davi, certamente não levou a um grande aumento da população[15].

2. *A Tribo de Benjamim ou Zebulom* (7.6-12)

A genealogia aqui apresentada para Benjamim cria um problema difícil, embora pequeno. Ela não está de acordo com a genealogia detalhada desta tribo, fornecida no capítulo seguinte, nem com as genealogias de Gênesis 46.21 e Números 26.38. É difícil ver por que duas genealogias seriam dadas para uma tribo, ao passo que nenhuma é dada para Zebulom e Dã. Na ordem geográfica, seria possível encontrar Zebulom aqui[16].

Por essa razão, muitos estudiosos acreditam que esta lista na verdade pertence a Zebulom. Uma variação de escrita é bem possível, porque o primeiro filho de cada homem se chama Belá. Outros sustentaram, com menos plausibilidade, que a intenção era Dã, e não Zebulom. No entanto, Dã também está omitida da lista das tribos em Apocalipse 7.5-8, provavelmente por causa da extensa idolatria dessa tribo, e porque a maioria de suas famílias foi absorvida em Judá[17].

3. *A Tribo de Naftali* (7.13)

Aqui os nomes são os mesmos que os encontrados em Gênesis 46.24ss e, em Números 26.48ss, com exceção do primeiro que é "Jazeel", ao invés de **Jaziel**; e o último é "Silém" ao invés de **Salum**. Não estão mencionadas as famílias dos três em nenhuma das passagens.

4. *A Meia Tribo de Manassés* (7.14-19)

Esta tabela parece estar incompleta, se comparada à de Números 26.29-34, que menciona quatro famílias a mais, seis no total, desta parte da tribo assentada em Canaã, do lado oeste do Jordão. A meia tribo do leste é mencionada em 5.23-24. Existe também uma variação na grafia dos nomes.

5. *A Tribo de Efraim* (7.20-29)

Os primeiros quatro nomes, aqui, correspondem aos dos filhos encontrados em Números 26.35-36, com grafias diferentes. Os versículos 21 e 22 referem-se ao ataque do gado dos **homens de Gate** por **Eser** e **Eleade** na Filístia, e o seu conseqüente assassinato pelos homens de Gate. Os detalhes não deixam claro se o ataque foi do Egito ou de Canaã. Se foi de Canaã, a frase **Efraim, seu pai** não significaria necessariamente o filho de José, mas um descendente[18]. Há menos problemas envolvidos se interpretarmos como procedente do Egito. Este acontecimento não está registrado em nenhuma outra passagem.

No versículo 24, **Uzém-Seerá** não pode ser localizada com segurança, mas pode ser a moderna Beit Sira, em torno de 20 quilômetros a noroeste de Jerusalém, perto de **Bete-Horom**.

A genealogia de Josué, nos versículos 25-27 é exclusiva porque os cinco primeiros nomes não são mencionados no Pentateuco (cf. Êx 17.9; 24.13). A falta de genealogias detalhadas para as dez tribos do norte confirma o interesse básico do cronista em Judá.

Os territórios designados aos filhos de José – Efraim e a meia-tribo do oeste de Manassés – certamente são importantes para a definição das fronteiras das tribos. O autor não se propõe a dar os nomes de todas as cidades (28,29). Efraim sempre soube da sua importância e tentou obter mais terras e honra do que merecia. O cronista evidentemente mostrava a sua desaprovação quanto a esta atitude (cf. Abimeleque, Jz 9; o ataque de Efraim a Jefté, Jz 12; e Jeroboão, filho de Nebate, em 1 Rs 11.26).

**Gezer** (ou Gaza, 28; cf. Js 15.47) provavelmente não é a cidade de mesmo nome dos filisteus[19].

*6. A Tribo de Aser* (7.30-40)

Com **Aser** (30), o cronista conclui os quadros genealógicos das doze tribos, ao ignorar tanto Zebulom como Dã (cf. comentário sobre 7.6-12). Os versículos 30 e 31 são os mesmos encontrados em Gênesis 46.17 e Números 26.44-46, com a exceção de **Birzavite** (31), que alguns pensam se tratar de uma cidade[20].

Os nomes encontrados nos versículos 32-39 são quase impossíveis de identificar em qualquer outra passagem. O número de homens, 26.000 (40) pode se referir a uma única família (Héber), pois não corresponde aos 41.500 de Números 1.41 nem aos 53.400 de Números 26.47 ou aos 40.000 de 1 Crônicas 12.36[21].

## I. OS DESCENDENTES DE BENJAMIM, 8.1-40

Este capítulo traça a genealogia desde Benjamim até o rei Saul. Os nomes em 7.6-12 são de difícil identificação com este quadro. As informações de 9.35-44 correspondem à casa de Saul em 8.29-40 e 1 Samuel 14.49-51.

*1. A Tribo de Benjamim* (8.1-28)

A grande quantidade de material aqui se deve provavelmente à importância de Saul. Mas o fato de que Saulo de Tarso tenha sido capaz de rastrear sua linhagem até sua tribo, pode indicar que os registros detalhados algumas vezes foram conservados (cf. Rm 11.1; Fp 3.5).

Os descendentes imediatos de **Benjamim** (1-5) são difíceis de harmonizar com Gênesis 46.21 e Números 26.38-40.

Existe pouca informação sobre a linhagem de **Eúde** (6; cf. Jz 3.15) disponível em outras passagens da Bíblia Sagrada. A menção a **Ono** e a **Lode** (12) vem de Edras 2.33, nos tempos pós-exílicos e, portanto, assume a interpretação de que a maioria dos nomes é de habitantes de Jerusalém na época do pós-exílio (8.28; 9.3 e Ne 11.4)[22]. A batalha na qual os filisteus de **Gate** foram expulsos (13) não está narrada em nenhuma outra passagem, e não sabemos quando ela pode ter ocorrido.

*2. A Casa de Saul* (8.29-40)

**E em Gibeão habitou o pai de Gibeão** (29). Aqui está a razão para os detalhes relacionados à tribo de Benjamim. Esta passagem é praticamente idêntica à 9.35-44. No entanto, se compararmos 1 Samuel 9.1 com 8.33, veremos que o cronista omitiu alguma informação. Em 1 Samuel 14.51 também está indicado que Ner e Quis eram

irmãos. **Abinadabe** é incluído aqui, no versículo 33, e em 1 Samuel 31.2, mas não em 1 Samuel 14.49. Evidentemente houve assentamentos tanto em Jerusalém como em Gibeão (28–29, 32).

Dummelow identifica **Esbaal** (33) e **Meribe-Baal** (34) com Isbosete e Mefibosete, respectivamente. A substituição de *baal*, que é o nome de uma divindade pagã, por *bosheth*, palavra que significa "vergonha", indica a falta de apreço pela divindade pagã (cf. 2 Sm 2.8; Os 2.16)[23].

A **destreza** dos benjamitas com as flechas, mencionada no versículo 40, não é encontrada em 9.35-44.

## J. Registros de Israel e Judá, 9.1-44

Aqui a informação se refere à comunidade em Jerusalém nos tempos do pós-exílio e à repetição dos antepassados e descendentes de Saul. Nesta passagem, como em Neemias 11.1-19 podemos encontrar listas que são similares mas não exatamente correspondentes. Aparentemente não há esforço para unir estes quadros aos encontrados nos capítulos precedentes. Keil afirma que o capítulo 9 é anterior ao exílio, e que Neemias 11.1-19 é posterior[24]. Entretanto, Terry afirma que ambos são da época do pós-exílio, mas separados por aproximadamente 100 anos – 536 a.C. e 444 a.C.[25].

### 1. *Os Chefes das Famílias* (9.1-9)

A menção às quatro classes (2) procura separar os leigos dos clérigos – os israelitas em geral, dos **sacerdotes, levitas e netineus** (porteiros).

Chamar a atenção a **Efraim e Manassés** (3) parece ter o objetivo de rejeitar a reivindicação dos samaritanos como os verdadeiros sobreviventes daquelas tribos. Muitos desses habitantes do norte se uniram a Judá (cf. 2 Cr 15.9; 34.9)[26].

### 2. *Os Sacerdotes* (9.10-13)

Evidentemente, o cronista aqui não está preocupado com os sumos sacerdotes. Mas a frase no versículo 11, **maioral da casa de Deus**, se refere em 2 Crônicas 31.10,13, ao sumo sacerdote, embora não em 2 Crônicas 35.8.

### 3. *Os Levitas* (9.14-16)

Em Neemias 11.15-19 são mencionados tanto Semaías como Matanias. Muitos estudiosos consideram que eles sejam da época do pós-exílio, mas isto não se pode assegurar[27]. Os **netofatitas** (16) eram os habitantes de Netofa, uma cidade ou um grupo de aldeias perto de Belém (Ne 7.26), cuja localização não pode ser identificada.

### 4. *Os Netineus: Porteiros ou Guardas dos Portões* (9.17-34)

Este registro parece encurtar aquele encontrado em 1 Crônicas 26.1-19. Aqui são enfatizadas as obrigações de alguns dos levitas, em conexão com o Templo. O termo "netineu" foi aplicado aos levitas na época de Moisés (Nm 3.9; 8.19) e também a um dos dois grupos designados para ajudar os levitas, os midianitas e os gibeonitas (Nm 31.47; Js 9.27). Os gibeonitas são aqueles identificados aqui, pela tradição judaica, com os

netineus. Eles tinham obrigações servis, mas como os seus deveres estavam relacionados com o Templo, a sua genealogia é cuidadosamente preservada com a dos sacerdotes (Ed 2.43-58); estes eram, como um grupo, parte do relacionamento da aliança (Ne 10.28 e Dt 29.11)[28]. No versículo 22, os nomes de **Davi** e **Samuel** conferem honra ao grupo, pois eles ajudaram na reorganização das suas tarefas nos primeiros dias da monarquia. Os versículos 23-33 fornecem algumas indicações das suas tarefas.

Os **utensílios do ministério... por conta** (28) evidentemente significa os utensílios caros que eram numerados (ou seja, **contados**) e levados e trazidos com grande cuidado quando necessário.

Em 1 Reis 7.45-40, como também aqui, todos os instrumentos do santuário são listados.

5. *A Família de Saul* (9.35-44)

Esta passagem é idêntica à de 8.29-38 e forma uma transição e introdução ao reinado de Davi. Muitos estudiosos pensam que ambos se originam dos mesmos documentos[29].

SEÇÃO II

# O REINADO DE DAVI (1010-970 a.C.)

*1 Crônicas 10.1—29.30*

## A. A MORTE DE SAUL, 10.1-14

O capítulo 10 representa uma transição, assim como uma introdução à casa de Davi. Os quadros genealógicos dos capítulos anteriores formam o cenário para o restante das informações encontradas nos dois livros de Crônicas.

A informação do capítulo 10 também é encontrada em 1 Samuel 31.1-13. A descrição da derrota de Israel (1-7) pelos filisteus, seus inimigos de longa data, está condensada nos detalhes da morte de Saul e de seus três filhos: Jônatas, Abinadabe e Malquisua. A morte suicida deste rei de Israel foi o fim de um homem que havia se esquecido de Deus. Ele tinha procurado um **espírito familiar** com a ajuda de uma **adivinhadora** ou médium, e o Senhor não ouviu os apelos divididos de tal adorador (13).

Nos versículos 8-12 o resgate do corpo de Saul é parcialmente vingado pelos seus belicosos homens, que perceberam ser ele o ungido de Deus e merecia um enterro decente. Aqui se relembra que o rei derrotado tinha sido decapitado, e que os filisteus tinham **fixado a sua cabeça na casa de Dagon** (10), o ídolo filisteu (cf. 1 Sm 31.9; 5.2).

Certamente, houve uma razão adequada para transferir o reino a **Davi, filho de Jessé**. Evidentemente, o filho mais jovem de Saul, Isbosete (2 Sm 2.8) e o seu neto, Mefibosete (2 Sm 9.1-6) não foram considerados (6) como parte da **casa** de Saul porque não estavam na batalha. Aqui, uma vez mais, o cronista mostra sua interpretação da história; ou seja, a rejeição ou aceitação de Deus, por parte do homem, faz dele um digno ou indigno.

## B. Davi como Rei, 11.1—27.34

### 1. *Davi é Ungido Rei* (11.1-9)

As semelhanças com o registro de Samuel (2 Sm 5.1-10) já foram ressaltadas no capítulo 10, mas algumas das omissões do cronista fazem com que seja difícil organizar uma narrativa detalhada dos acontecimentos da vida de Davi. Aqui, as duas narrativas são praticamente idênticas. Nos versículos 1-3, Davi é feito rei sobre **todo o Israel** (1) pelos **anciãos** (3). **Davi fez... aliança... perante o Senhor** (2 Sm 5.2) e também com o povo, de modo que todas as coisas fossem feitas de acordo com as instruções de Deus dadas a conhecer por meio de Samuel.

O primeiro passo de Davi para assegurar o seu trono foi tomar **Jerusalém**. Esta era a cidade dos **jebuseus,** os quais tanto Josué (Js 15.8,63; Jz 1.21) como os filisteus não tinham conseguido expulsar (4-9). Assim Davi tinha duas tarefas à sua frente. Certamente, estabelecer Jerusalém como a cidade do rei foi uma de suas grandes realizações. Na batalha pela fortaleza, **Joabe** (6) se mostra como o capitão do exército do rei. O nome **Milo** (8) em hebraico significa "preenchido"; evidentemente o vale entre as duas colinas de Sião e Moriá, onde a cidade estava, necessitava considerável preenchimento para seu nivelamento. Talvez o versículo 8 pudesse ser "ele construiu a cidade ao redor do lugar preenchido, enquanto Joabe renovou o resto da cidade" (veja os comentários sobre 2 Sm 5.9 e 1 Rs 9.15).

### 2. *Os Poderosos de Davi* (11.10-47)

O gosto do cronista por genealogias leva-o a incluir a lista dos **heróis** (10) que ajudaram Davi a assegurar e manter unida uma nação poderosa (cf. 2 Sm 23.8-39). A frase: **que o apoiaram fortemente no seu reino** (10) mostra que nem todos os eventos que se mencionam a seguir aconteceram antes da consagração de Davi como rei sobre todo Israel, mas ocorreram durante o reinado de Davi.

Os heróis mencionados nos versículos 10-14 são apenas dois aqui, mas o terceiro, Sama, é relacionado em 2 Samuel 23.25. As divisões da corporação de 37 homens de Davi são: (1) o capitão geral, (2) os três primeiros, (3) outros três e (4) os demais dentre os 30 (26ss).

Dos três capitães que arriscaram a vida para conseguir água fresca para Davi, dois são relacionados pelo cronista e um deles é mencionado por Samuel[1]. Os outros três, além dos **primeiros três**, são apresentados em 20-25, mas, tanto Samuel como o cronista, omitem o terceiro nome deste segundo trio (cf. 2 Sm 23.19ss). Dos heróis mencionados em 25-47, a lista a partir de **Zabade** (41-47) não é encontrada em nenhuma outra passagem.

### 3. *Os Poderosos de Davi no seu Exílio* (12.1-40)

Uma vez mais, aqui temos materiais que enriquecem nosso conhecimento a respeito de Davi, porque eles não são encontrados em qualquer outra parte das Sagradas Escrituras (cf. 1 Sm 22.2; 27.8; 29.11 e 2 Sm 2.3). O cronista prossegue com a sua enumeração de homens bons e valentes que se uniram a Davi.

*a. Os homens que vieram a Ziclague* (12.1-7). Aqui, há uma notável relação dos benjamitas que se uniram a Davi, mesmo antes da morte de Saul. Eles podem não ter sido os primeiros seguidores do filho de Jessé, mas foram os primeiros em importância e coragem.

*b. Os gaditas* (12.8-15). De alguma maneira motivados, **os gaditas** que cruzaram o Jordão para o leste tinham se unido ao grupo de Davi no deserto. Ao decidirem se separar da sua própria tribo e do rei Saul, eles provaram a sua lealdade e devoção a Davi. Os dois Jeremias mencionados nos versículos 10 e 13 não têm os nomes escritos da mesma forma no texto hebraico.

*c. Mais reforços* (12.16-18). A frase **ao lugar forte** (16) muito provavelmente se refere à caverna de Adulão (cf. 1 Sm 22.1,2). A precaução e reserva de Davi no versículo 17 reflete a sua própria sabedoria, assim como a bênção de Deus em sua vida. Ele aceita todos aqueles que estejam do lado de Deus, e aqui especificamente alguns benjamitas e judeus.

A referência a **Amasai** (18) como um dos heróis em quem "**entrou o Espírito**" (hebraico) poderia ser a Amasa, pois Amasai não é mencionado em qualquer outra passagem (cf. 2 Sm 17.25; 19.13). Ou talvez ele pudesse ser o terceiro homem, cujo nome não é fornecido, do segundo trio dos capitães.

*d. Homens que se uniram a Davi no caminho a Ziclague* (12.19-22). De **Manassés alguns passaram a Davi** (19). Homens de Manassés seguiram Davi depois que os filisteus o libertaram, após o desconsiderarem um soldado mercenário. Estes o soltaram com medo de que ele pudesse trair o povo deles. Estes homens não se arriscaram tanto quanto os primeiros seguidores mencionados por seus nomes, porque o destino de Saul parecia bem definido nesta época. Os novos recrutas uniram-se a Davi quando ele viajava pelo território, ao abandonar os filisteus para recuperar Ziclague das mãos dos amalequitas (cf. 1 Sm 30). Nessa época, os recrutas de Davi haviam se tornado um grande exército honrado por Deus.

*e. Mais informações sobre os guerreiros* (12.23-40). Esta lista das tribos de Judá, Simeão, Levi, Benjamim, Efraim, a meia-tribo de Manassés, Issacar, Zebulom, Naftali, Dã, Aser e as tribos do leste do Jordão – Rúben, Gade e a outra meia-tribo de Manassés, não mostra apenas meros números, mas a qualidade do apoio que deram a Davi como o rei reconhecido em Hebrom.

Os homens chamados **Joiada** (27) e **Zadoque** (28) não são necessariamente os sacerdotes de mesmo nome. Nem os levitas, mencionados no versículo 26, são necessariamente os guerreiros das cidades levitas. Eles eram representantes das suas cidades, reunidos para a coroação do novo governante. **Eram pela casa de Saul** (29) significa "até aqui tinham mantido a sua aliança com a casa de Saul".

No versículo 32, os homens de **Issacar** são mencionados como **destros na ciência dos tempos**; isto é, entendedores do curso de ação adequado a Israel em meio à crise daquele momento. Homens como estes são valiosos em todos os tempos e gerações.

O grande número de soldados, incluindo os levitas e os sacerdotes, precisava da contribuição de todos durante o banquete que durou **três dias** (39). Até mesmo **Issacar, Zebulom e Naftali** (40), ao norte de Judá, enviaram provisões. O número dos guerreiros de Israel era 603.550 na época de Moisés (Nm 1.46) e 800 mil (além dos 500 mil de Judá) nos últimos anos do reinado de Davi (cf. 2 Sm 24.9). Desta forma, os números do cronista, que totalizam quase 350 mil, parecem bastante adequados.

Certamente todos estes acontecimentos que culminaram neste grande banquete nacional representaram uma época de **alegria em Israel**.

4. *Davi e a Arca* (13.1—17.27)

*a. A primeira tentativa de trazer a arca a Jerusalém* (13.1-14). Davi, seguindo o espírito da lei que a arca continha, fazia o necessário, com o intuito de trazê-la de Quiriate-Jearim e da casa de Abinadabe a Jerusalém. Esta informação corresponde ao texto de 2 Samuel 6.1–7.29.

(1) *A reunião de Israel* (13.1-8). Davi convocou os representantes de Israel para pedir a sua ajuda e bênção no que ele entendia que era a vontade de Deus (2 Sm 6.1). A arca tinha sido negligenciada por Saul.

A confiança que Davi e Israel sentiam na vontade de Deus, unida ao respeito pela arca, que simbolizava a presença de Deus, expressou-se na alegria que significava a sua elevada consideração pelas coisas espirituais. **Sior do Egito** (5) é identificada como Uádi el Arish, que deságua no Mediterrâneo a leste do Nilo. **Hamate** é a falha topográfica que separa a Palestina do norte da Síria (cf. Js 13.3,5). **Baalá** (6) é a mesma Quiriate-Baal de Josué 15.60.

(2) *A Ira do Senhor* (13.9-14). **A ira do Senhor** (10) contra Uzá, aqui descrita, é vista por Davi com indignação e ao mesmo tempo medo, que se transformam em respeito a Deus, cuja presença a arca representava. O nome **Quidom** (9) é dado como Nacom em 2 Samuel 6.6. (Cf. comentários sobre 2 Sm 6.6-10.)

A casa de **Obede-Edom** (14) foi singularmente abençoada durante **três meses** (14) nos quais a arca permaneceu ali, até que Davi se sentisse seguro para trazê-la a Jerusalém. Obede-Edom é citado entre os levitas.

*b. Os primeiros acontecimentos do reinado de Davi* (14.1-17). Os detalhes interessantes, aqui apresentados, confirmam o julgamento da nação, de que Davi era o escolhido de Deus (cf. 2 Sm 5.11-25).

(1) *A cooperação de Hirão* (14.1-2). Este rei não deve ser confundido com o homem de mesmo nome, que se encarregou da construção do Templo, sob o reinado de Salomão. Aquele era um talentoso artesão, cujo pai era um homem de Tiro e cuja mãe era israelita. **Hirão** reconhece Davi como rei ao fornecer-lhe a matéria-prima para o desenvolvimento de Jerusalém.

(2) *Salomão é apresentado* (14.3-7). Novamente são enumeradas as esposas que Davi tomou em Jerusalém, e as treze crianças ali nascidas. **Salomão** é o quarto filho nascido de Davi na cidade santa (cf. 3.5-8).

(3) *Vitória em Baal-Perazim* (14.8-12). Aqui a vitória de Davi sobre os filisteus é precedida pela sua busca da orientação do Senhor, e culmina com a sua ordem de queimar os deuses filisteus. Isto foi apenas o começo da completa derrota da Filístia como uma ameaça ao futuro de Israel.

(4) *A vitória final sobre a Filístia* (14.13-17). Então, Davi prosseguiu com o plano marítimo e de norte a sul – **desde Gibeão até Gezer** (16; veja mapa) – expulsou os filisteus, para assegurar a completa vitória de Israel contra o seu eterno inimigo. As instruções de Deus tinham ficado conhecidas: **ouvindo tu um ruído de andadura**

**pelas copas das amoreiras** (15). Esta campanha vitoriosa trouxe grande fama a Davi, e muito respeito entre as outras nações, tanto as próximas como as distantes.

*c. A segunda tentativa de trazer a arca* (15.1—16.43). Desta vez, Davi preparou-se com os levitas, que eram os servos escolhidos por Deus para cuidar da arca.

(1) *A preparação adequada* (15.1-15). **Santificai-vos** (12) significa que eles deveriam se preparar, como Deus tinha ordenado, para realizar uma tarefa sagrada. Uzá estava morto, não porque Deus não quisesse a arca em Jerusalém, mas porque ele não era um levita e tinha tocado a arca com suas mãos não santificadas. Esclarecimentos auxiliares estão na tradução do versículo 13: "Não foram vocês que a carregaram da primeira vez, e por isso o Senhor, nosso Deus, nos castigou por não o termos consultado como devíamos".

(2) *A indicação de Hemã* (15.16-24). Com o homem certo encarregado, a tarefa é realizada sob a bênção de Deus.

(3) *A caminho de Jerusalém* (15.25-28). A viagem é feita com grande júbilo, desta vez com o respeito e a reverência adequados, e a obediência aos mandamentos de Deus.

(4) *Mical* (15.29). **Mical**, a filha de Saul, e esposa de Davi, despreza-o por sua exuberância – correndo, dançando e divertindo-se – ao vê-lo de sua janela, enquanto a arca é trazida à cidade (cf. comentários sobre 2 Sm 6.16,20-23).

(5) *A adoração regular e a especial* (16.1-6). O acontecimento é comemorado com adoração pública e banquetes, com **holocaustos e sacrifícios pacíficos** (1-3), assim como as celebrações especiais dos levitas **perante a arca** (4) na tenda erguida para ela. **Saltérios, alaúdes, harpas e címbalos** (5) eram instrumentos semelhantes à harpa. Os sacrifícios representavam a mais elevada devoção e o mais alto relacionamento que um homem podia alcançar tanto com Deus como com os seus companheiros.

(6) *Um salmo de louvor* (16.7-36). Podemos fazer uma pausa para agradecer a Deus por todas as grandes almas e por todas as grandes ocasiões que nos dão a adequada linguagem de louvor. Davi, o inspirado do Senhor, escreveu este **louvor** para a ocasião. Partes dele se encontram nos salmos 105.1-5; 96.1-13 e 106.1,47,48. Estes textos foram, sem dúvida, extraídos daquele, porque eles são quase literalmente idênticos. Os versículos 7-16 são uma exortação ao povo para que estivessem cientes daquilo que Deus pode fazer e ser para eles; em 17-22 o rei lembra o que Deus já realizou; o texto em 23-36 traz uma exultação e adoração do **Senhor Deus de Israel**. No final, **todo o povo disse: Amém! E louvou ao Senhor** (36).

Nos versículos 7-22 encontramos "uma canção de agradecimento". Davi convoca todos a **louvar o Senhor**, 8 (1) por **todas as suas maravilhas**, 9; (2) **seu santo nome**, 10; (3) pelos **juízos da sua boca**, 12; (4) por seu perpétuo **concerto**, 13-21; (5) e por sua **unção**, 22.

"A glória do Deus verdadeiro" é o tema dos versículos 23-33, que também aparece em salmo 96.1-13. Aqui vemos que: (1) O Senhor é o único Deus verdadeiro, 25,26; (2) Ele é o Deus Criador, 26; (3) Ele é o Deus da nossa salvação, 23; (4) Ele é o Senhor da história, 24; (5) Ele é a fonte da força e da alegria, 27; (6) Ele deve ser adorado **na beleza da sua santidade**, 29; e (7) Ele **vem a julgar a terra**, 33.

(7) *O ministério em Jerusalém e em Gibeão* (16.37-43). Estes versículos finais nos ajudam a preencher alguns detalhes a respeito do Tabernáculo. **Zadoque, o sacerdo-**

**te... em Gibeão** (39), evidentemente, era o sumo sacerdote ativo durante a época de Saul, no tabernáculo em Gibeão, que tinha sido levado para lá depois da morte dos sacerdotes em Nobe (1 Sm 22.19). Davi indicou Asafe para ministrar perante a arca na tenda (não no Tabernáculo) em Jerusalém. **Para abençoar sua casa** (43), isto é, para invocar ao seu próprio lar as bênçãos que ele tinha dado ao povo (2).

*d. O interesse de Davi pela construção do Templo* (17.1-27). Este capítulo é quase idêntico a 2 Samuel 7.1-29.

(1) *Objetivo* (17.1,2). **Davi**, após compartilhar sua nobre ambição ao **profeta Natã,** encontra inspiração e encorajamento em seu amigo espiritual. Nenhum homem se engana seriamente quando segue um impulso de prestar algum serviço a Deus.

(2) *A resposta de Deus* (17.3-15). O propósito de Davi estava correto, mas a ocasião não era adequada. Talvez se tivessem orado antes, eles teriam entendido também a ocasião adequada. Davi não obteve permissão para construir o Templo, porque ele era um homem de sangue e de guerra, mas seu filho teria condições de realizar esse desejo de construir uma casa para o Senhor. Embora Deus tivesse que desapontar o seu ansioso servo, Ele fez a Davi uma grande promessa de compensação: **te fiz saber que o Senhor te edificaria uma casa** (10). Não somente Salomão, o filho de Davi, construiria o Templo, mas também no maior "Filho de Davi" o **trono será firme [estabelecido] para sempre** (14).

Para estar no centro da vontade de Deus e ter as suas bênçãos, são necessários três elementos de nossa parte: (1) devemos fazer a *coisa certa*, 1; (2) no *tempo certo*, 11-12; e, (3) por *motivos e intenções certos*, 2 Cr 6.8. Se qualquer desses elementos faltar, é impossível servir a Deus de modo aceitável. Davi não se qualificou no segundo, mas ele estava de acordo em mais de dois terços dos requisitos.

(3) *A oração de Davi* (17.16-27). Como a atitude de Davi estava correta, ele pôde responder com louvor e gratidão, mesmo diante da recusa de Deus em aceitar sua oferta. Ele entendeu que o Senhor, que tinha feito uma aliança com Abraão e falara através de Moisés, continuaria a abençoar Israel através da semente de Davi até o Messias. Esse foi um concerto eterno que se estendeu a todos os que são redimidos por Cristo, a Israel universal (16-17). Davi chega ao ponto máximo da sua oração no versículo 20: **Senhor, ninguém há como tu**.

Nestes versículos, há "elementos de verdadeira oração": (1) aceitação da vontade de Deus, 16; (2) gratidão pela promessa de Deus, 17,18; (3) reconhecimento da divindade de Deus, 19,20; (4) pedido da bênção de Deus, 23; (5) preocupação com a glória de Deus, 24.

5. *As Operações Militares de Davi* (18.1—20.8)

Aqui há um resumo das guerras de Davi contra os inimigos do povo do Senhor (cf. 2 Sm 8). Estas vitórias trazem exaltação e fama ao filho de Jessé entre seu próprio povo, e entre as nações do mundo. Ele recebe grande riqueza dos despojos da guerra e dos impostos.

*a. Filístia, Moabe, Damasco e Hamate* (18.1-11). Os detalhes dados sobre a Filístia, aqui no versículo 1, como também em 20.4-8, indicam um inimigo formidável. **Gate** (1) como a sua capital, com as outras **cidades ou lugares da sua jurisdição,** representavam a força da Filístia (2 Sm 8.1-14).

A conquista dos **moabitas** (2) é resumida, mas a derrota de Damasco recebe total consideração (3-8), com a menção ao rei **Hadadezer** (3), assim como a delimitação das fronteiras de **Hamate** até o **Eufrates**. Após capturar o rei e dominar o país da Síria, as fronteiras da nação de Davi estenderam-se para o leste, por toda a região que os sírios tinham controlado. Nem todas as cidades mencionadas são identificáveis hoje em dia. O número de **cavalos de carros** e **cavaleiros** (4) é o mesmo em 2 Samuel 8.4 da Septuaginta. Esta vitória foi importante por causa dos despojos de guerra. Davi era um líder militar que servia a Deus; suas vitórias eram usadas para glorificar o Todo-Poderoso. O rei **Davi... consagrou ao Senhor** (11) o **cobre** (8) apreendido em Damasco e os presentes de **Toú** (9-10).

*b. Um resumo* (18.12-13). No versículo 12, a vitória sobre Edom é atribuída a **Abisai**, ao passo que em 2 Samuel 8.13 ela é creditada a Davi. O rei deveria receber o crédito da vitória obtida porseus comandantes, que agiam sob as suas ordens.

*c. Os funcionários de Davi* (18.14-17). O reinado de Davi é famoso pela justiça e pelo juízo. Em 2 Samuel 8.18, os filhos de Davi são chamados sacerdotes, ministros ou príncipes (hebraico) ao invés de chefes (17). O cronista evitou a palavra "sacerdote" porque os filhos de Davi não eram levitas[2]. No versículo 16 deve-se ler Aimeleque ao invés de **Abimeleque** (24.3; 2 Sm 8.17).

*d. Guerra contra os amonitas* (19.1—20.3). Essa narrativa é paralela a 2 Samuel 10.1-19 com poucas variações de grafia e dados adicionais (cf. 2 Sm 11.1 e 12.26-31). Aqui o cronista omite o caso da bondade de Davi para com Mefibosete. Veja o comentário sobre 2 Samuel 10.

(1) *Hanum, o filho de Naás* (19.1-5). Às vezes, é difícil aceitar os bons motivos e não imputar más razões a outros. Os amonitas recusaram as propostas de paz de Davi e foram derrotados, com os seus aliados[3].

(2) *Joabe* (19.6-15). Estes **mil talentos de prata** (6) representavam uma soma imensa, porque Amazias mais tarde empregou cem mil homens por cem talentos (2 Cr 25.6). Joabe e Abisai, com a ajuda de Deus, são considerados dignos da tarefa de derrotar os amonitas. O versículo 13 reflete novamente o fato de que Deus recebe o reconhecimento nas grandes questões da vida de Israel.

(3) *A campanha síria* (19.16-19). Os números de cavalos, carros e cavaleiros apresentados aqui diferem dos de 2 Samuel 10.18. Alguns autores fizeram uma combinação deles, e o resultado foi sete mil cavaleiros, sete mil carros e quarenta mil homens a pé[4]. Mas outros consideram que houve alguma divergência na transmissão do texto[5]. Os sírios foram derrotados, e mesmo depois disso recusaram a ajuda aos amonitas.

(4) *A segunda guerra amonita* (20.1-3). Evidentemente, Davi foi a **Rabá** (2 Sm 12.26-31), para atender ao chamado de Joabe, embora o rei, a princípio, tenha ficado **em Jerusalém** (1).

**O tempo em que os reis costumavam sair para a guerra** seria depois das chuvas da primavera. A óbvia omissão do pecado de Davi com Bate-Seba não tem a finalidade de encobrir o acontecimento. O cronista prefere manter seu objetivo de narrar os detalhes da obediência deste rei à lei de Deus, e, como o Senhor realizou suas obras por

meio dele (cf. 2 Sm 11.4—12.24). Ellison sugere que a expressão **e cortar com** (3) seria *vvshm,* ao invés de *vyshr,* no texto em hebraico, e indica extrema servidão e não massacre[6] (cf. o comentário sobre 2 Sm 12.31).

*e. A morte dos campeões filisteus* (20.4-8). A leitura aqui serve como complemento ao texto hebraico de 2 Samuel 21.18-22, pois evidentemente existiram outros membros na família de Golias[7].

6. *O Pecado de Davi e a Praga* (21.1–22.1)

O cronista, apropriadamente, culpa **Satanás**, que, ao apelar para o orgulho do rei, incita Davi a contar o povo. A narrativa de Samuel dá a entender que o Senhor lhe permitiu esse pensamento. Certamente, como tinha acontecido com Jó, Deus permite; mas é Satanás que nos tenta e é o nosso adversário (cf. 2 Sm 24.1).

*a. A contagem* (21.1-6). O Senhor tinha prometido que os números de Israel seriam como a areia do mar, mas que a vitória na guerra não seria por força ou sabedoria superior, mas sim pelo poder de Deus. Se Davi estava preocupado com a força militar, ele deveria ter se lembrado disso. Se realmente estivesse interessado nos impostos, deveria ter consultado ao Senhor em primeiro lugar. Não é de se admirar que o Senhor estivesse insatisfeito!

*b. A escolha da punição* (21.7-13). A punição de Deus sobre as pessoas reflete a influência das escolhas do homem sobre os que estão próximos a ele. Davi poderia escolher entre **três anos** de **fome**; ou **três meses** de guerra amarga e humilhante, e derrota, ou **três dias** de **peste na terra** (12; 2 Sm 24.13). Ele escolheu a última opção.

*c. A peste* (21.14-17). A escolha da **peste** pareceu melhor a Davi, porque a mão de Deus era melhor do que a do homem. Foi a consciência de Davi que o ajudou a reconhecer o seu pecado, porque ele teve o conhecimento do pecado antes de ser ameaçado com a punição (8). Foi também a sua consciência que lhe indicou o caminho para o perdão (17).

*d. Um altar e um sacrifício* (21.18-27). A variação do nome, como aparece em 2 Samuel 24.16 (Araúna) e aqui, **Orna,** (18) é muito menor nas consoantes do hebraico.

Davi se recusou a viver segundo uma religião emprestada: **não tomarei o que é teu, para o Senhor...** (24). Ao admitir o seu próprio pecado e oferecer os seus próprios sacrifícios, que lhe permitiriam desfrutar do mais elevado e completo relacionamento com Deus e seus companheiros, Davi foi trazido a um relacionamento correto com o Senhor.

O preço aqui – **seiscentos siclos de ouro** (25) – parece ter incluído tanto a eira como a área toda (cf. 2 Sm 24.24).

*e. O sacrifício na eira de Ornã* (21.28—22.1). Após encontrar o tão precioso Senhor aqui, e desejoso de continuar na comunhão com Deus, Davi quis fazer um sacrifício no lugar dos jebuseus, embora o Tabernáculo ainda estivesse em Gibeão. Apesar do profundo entendimento de Deus por parte de Davi, existe refletida no versículo 30 uma atitude que não corresponde à certeza do perdão de Deus, expressa no Novo Testamento.

7. *A Preparação de Davi para a Construção do Templo* (22.2-5)

Não existe em Samuel um paralelo a esta seção, embora seja possível encontrar um em 1 Reis. Aqui a decisão é a de reunir a matérioa-prima e usar este lugar para o Templo que Salomão construirá. A expressão **os estranhos** (2) é provavelmente uma referência aos cananeus nativos que se tornaram escravos (2 Cr 8.7-10).

8. *A Exortação Final de Davi* (22.6-19)

*a. A Salomão* (22.6-16). Davi fez com que Salomão fosse ungido como rei antes da sua morte (23.1). A ambição de Adonias pode ter forçado o rei a escolher um sucessor, algo que ele talvez não tivesse feito sob outras circunstâncias (1 Rs 1.5).

No versículo 8, existe o registro do derramamento de sangue por Davi (mas não houve essa menção em 17.11-15, nem em 1 Rs 5.3) como uma razão para designar a Salomão a tarefa de construir o Templo. Não é necessário deduzir que o filho fosse moralmente superior, ou que as guerras de Davi tenham sido erradas. Esta era a vontade de Deus[8]. Se o povo tivesse conquistado Canaã completamente na época de Josué ou dos juízes, Davi poderia ter aproveitado as mesmas condições que Salomão, sem ter que corrigir as conseqüências da época sombria dos juízes.

Davi fez grandes preparativos em mão-de-obra, matéria-prima e artífices. Mas Salomão é que construiria. A oração do rei no versículo 12 pode ter suscitado o pedido posterior de Salomão por sabedoria e entendimento da tarefa a ele imputada. A expressão **na minha opressão, preparei** (14) pode ser traduzida como "**com muito esforço eu ajuntei**". No versículo 16, há uma clara indicação do ensino bíblico da interdependência entre a iniciativa humana e o poder divino: **levanta-te, pois, e faze a obra, e o Senhor seja contigo**. A mesma interdependência é vista na ordem de Davi aos príncipes de Israel: **Disponde, pois, agora, o vosso coração e a vossa alma para buscardes ao Senhor, vosso Deus; e levantai-vos e edificai o santuário do Senhor Deus** (19).

Nos versículos 6-16, "aquilo que é necessário para construir para Deus" é sugerido. Os requisitos são: (1) O conhecimento da vontade de Deus, 9-11; (2) sabedoria e entendimento, 12; (3) obediência, 12,13; (4) força e coragem, 13.

*b. Aos príncipes* (22.17-19). As guerras foram concluídas. Deus tinha dado, não apenas a Salomão, mas ao povo, a tarefa de edificar o seu Templo. **Príncipes** (17, em hebraico *Sarim*) não significam apenas homens da casa real de Davi, mas todos os líderes de Israel, tanto civis como religiosos.

9. *A Convocação Nacional* (23.1—27.34)

Nessa reunião, tanto os religiosos como também os líderes civis precisavam estar organizados para as suas tarefas particulares.

*a. Organização e obrigações dos levitas* (23.1—26.32). O cronista coloca aqui, em primeiro lugar, os líderes religiosos e as suas obrigações (cf. 23.3–26.32, líderes religiosos; 27.1-34, civis e militares). Estes capítulos apresentam alguma dificuldade para o estudioso crítico[9], mas aqui se pode ter uma bonita imagem de como Davi era o procurador do Senhor.

(1) *Os últimos atos de Davi* (23.1,2). Aqui a ordem **príncipes de Israel... sacerdotes e levitas** (2) está invertida; mas isto é basicamente um resumo da história de como Davi fez de Salomão rei (28.1—29.25) e **ajuntou todos os príncipes de Israel** (27.1-34), **como também os sacerdotes** (24.1-19) **e levitas** (23.3-32; 24.20—26.32).

(2) *Os vinte e quatro turnos dos levitas* (23.3-23). A idade limite daqueles homens contados para o serviço ativo era acima de trinta anos, e abaixo de cinqüenta (Nm 4.3,47). Em lugar de **o número deles, segundo as suas cabeças** (3) leia-se "foram contados". Os números no versículo 4 não parecem excessivos para a tarefa. A passagem em 24.20-31 é fragmentada em comparação com esta. Existem as usuais variações de grafia. Os dois filhos de Gérson forneceram dez das 24 ordens ou **turnos** (6). Os quatro filhos de Coate forneceram nove; os dois filhos de Merari forneceram cinco. É feita menção à morte de **Eleazar** (22), que **não teve filhos**.

(3) *A idade para o serviço no Templo* (23.24-27). Alguns percebem uma discrepância entre a idade mencionada no versículo 24, e aquela que é apresentada no versículo 3. A idade de **trinta** parece ter sido diminuída para **vinte anos** para algumas tarefas no Templo (cf. Nm 8.24 para outra idade). O limite de vinte anos de idade era aceitável e normal a partir do período de Davi (2 Cr 31.17; Ed 3.8). Em 25-26, o cronista nos recorda da mudança dos serviços levíticos quando a nação de Israel estabelecida já não precisava que o Tabernáculo fosse levado de um acampamento a outro.

(4) *Definição das tarefas dos levitas* (23.28-32). A tarefa dos levitas era ajudar na preparação dos sacrifícios: juntar madeira, acender o fogo, matar os animais, cuidar das purificações cerimoniais (28), preparar ofertas de manjares (29), realizar atos de adoração (30) e, cuidar do **Tabernáculo (ou tenda da congregação,** 32; cf. Nm 3.5-10; 18.1-7).

(5) *Os turnos sacerdotais* (24.1-19). Os descendentes dos dois filhos de Arão foram também divididos em 24 turnos para as suas tarefas oficiais. A família de **Eleazar** tinha **dezesseis chefes** (homens) **de famílias** (4) e **Itamar** tinha **oito** para chefiar os turnos. Cada levita era sorteado para um dos 24 turnos e cada um servia uma semana de cada vez; começavam no entardecer de um sábado e terminavam na manhã do sábado seguinte.

(6) *As famílias levitas* (24.20-31). Estes não eram os mesmos levitas mencionados acima, que eram assistentes do sacerdote. Esta lista não é a mesma do capítulo 23, mas inclui somente os descendentes de Coate e de Merari, que não são apresentados no capítulo 23. Estes homens também eram sorteados para servir nos 24 turnos.

A palavra transliterada **Beno** (26) deveria, possivelmente, ser traduzida como *seu filho*. **Jaazias** (26,27) não é necessariamente um terceiro filho de Merari, mas um descendente posterior. Segundo o versículo 31, a geração mais velha não parece ter tido vantagem sobre a mais jovem na escolha por sortes.

(7) *As famílias e os turnos de cantores* (25.1-31). Os músicos também foram escolhidos por sortes e divididos em 24 turnos. Davi reconhecia, como Samuel, a importância da música na adoração. **Profetizarem com harpas** (1) era louvar a Deus com voz e instrumentos (1 Sm 10.5). O sorteio incluiu os mais velhos e os mais jovens, professores e alunos, talentosos, e nem tanto. Conseqüentemente, os quatro mil levitas indicados para o serviço do canto incluíam o que havia de melhor. Ao mesmo tempo, os jovens e não muito talentosos estudantes podiam tirar vantagem da sua oportunidade de melhorar e dar o melhor de si a Deus.

Ao juntarmos frases de diversos versículos, vemos um claro testemunho ao "comissariado do talento musical": (1) **Jedutum... para tanger harpas... profetizava, louvando e dando graças ao Senhor**, 3; (2) **Todos estes... para exaltar a corneta**, 5; (3) **Todos estes estavam ao lado de seu pai para o canto da casa do Senhor, com saltérios, e alaúdes e harpas, para o ministério da Casa de Deus**, (6).

(8) *Os porteiros* (26.1-19). Os termos usados para a localização dos porteiros parecem obscuros (13.18). Eles estavam evidentemente mais relacionados com a tenda de Davi, do que com o Templo de Salomão[10]. Algumas traduções nos ajudam a compreender melhor este texto. Em algumas, a **casa de Supim** (15) é traduzida como "a casa das tesourarias". Uma possível tradução para os versículos 16-18 é a seguinte: "A Supim e Hosa, a do ocidente, com a porta Salequete, junto ao caminho da subida; uma guarda defronte de outra guarda. Ao oriente estavam seis levitas; ao norte, quatro por dia; ao sul, quatro por dia; porém às tesourarias, de dois em dois". Não se conhece o significado de **Parbar** (18). Há 24 porteiros mencionados, e os versículos 17 e 18 afirmam que eles trabalhavam simultaneamente. No versículo 13, **lançaram sortes** para os postos de serviço.

(9) *Os vários funcionários* (26.20-32). As duas principais divisões desta lista eram os tesouros do Templo (20-28) e os **oficiais** e **juízes** (29-32). O tesouro sagrado evidentemente era conhecido desde os tempos de Josué (Js 6.24). O versículo 27 reflete a política do uso religioso de Davi dos despojos de guerra. As **obras de fora**, isto é, as tarefas civis de **Israel,** (29-32) eram realizadas pelos escrivãos locais, magistrados, com professores para proclamar, expor e fazer cumprir a lei de Deus e as ordens do rei[11]. O grande número de homens incluídos aqui (cf. 30, 32) reflete a extensão dos funcionários públicos no ápice do reinado de Davi.

*b. Líderes militares e civis* (27.1-32)

(1) *Os turnos do exército* (27.1-15). Devia haver 24 mil homens em cada uma das doze divisões que serviam durante um mês do ano. Durante o restante do tempo eles eram livres para seguir a sua vida pessoal. Aqui o serviço militar era tão cuidadosamente organizado quanto o eclesiástico. Os nomes desses capitães são encontrados nas listas dos heróis de Davi (11.11-47 e 2 Sm 23.8-39). No versículo 5, **oficial-mor** significa "oficial chefe".

(2) *Os príncipes das tribos* (27.16-24). Todos, exceto Gade e Aser, são mencionados na enumeração dos líderes tribais. Estes homens são os respeitados anciãos de cada uma das tribos. O censo (23-24) é mencionado outra vez para mostrar que os números aqui são de outras fontes; os resultados do censo jamais foram incluídos nos registros reais[12].

(3) *Os funcionários do rei* (27.25-31). Os homens aqui relacionados eram os doze comissários chefes sobre as propriedades reais.

(4) *Os conselheiros do rei* (27.32-34). Esta não parece ser a mesma lista de 18.14-17 e de 2 Samuel 20.23-26; esta é, provavelmente, uma lista complementar dos conselheiros mais próximos.

## C. Salomão é Coroado Rei, 28.1—29.30

O ato final da convocação nacional para organizar a vida nacional e militar, e as equipes de governo para o seu povo, foi o de coroar Salomão rei. Todos os detalhes meti-

culosos teriam sido inúteis sem um herdeiro para o seu trono. Não foi apenas a escolha de Davi, mas também a de Deus, de que Salomão deveria suceder o seu pai (5).

1. *Salomão é Apresentado à Assembléia* (28.1-8)

Perante a augusta assembléia dos líderes e governantes de Israel, Davi relatou duas coisas: (1) ele queria construir uma casa para o Senhor, mas Deus rejeitou a sua oferta (2,3); e (2) Deus tinha prometido que a semente de Davi teria um trono eterno, e Salomão era o escolhido de Deus entre os seus filhos (4-7). Portanto, ele transmitia as suas ordens tanto para o povo como para Salomão, ao apresentar o rei já ungido por Deus (8).

2. *Instruções com Respeito ao Templo* (28.9,10)

A escolha era de Deus. Salomão poderia decidir se obedeceria ou não, mas ele não poderia escolher as conseqüências. Havia aceitação se ele obedecesse; rejeição, se não cumprisse o mandato do Senhor. Davi exortou Salomão: **Esforça-te e faze a obra** (10). Esta exortação ecoa e volta a clamar nos ouvidos de todos os servos de Deus em suas próprias gerações.

Os versículos 6-10 sugerem "as condições para se estabelecer". Entre elas estão (1) a busca e o cumprimento dos mandamentos de Deus, 7 e 8; (2) um conhecimento pessoal de Deus, 9; (3) um coração perfeito, 9; (4) uma mente disposta, 9; (5) a força para obedecer, 10.

3. *Os Projetos do Templo* (28.11-19)

Davi recebeu o projeto ou modelo **por escrito... por mandado do Senhor** (19; cf. Êx 25). Este estava naturalmente baseado no projeto do Tabernáculo, com vários adicionais. **O risco de tudo quanto tinha no seu ânimo** (12) era "a planta de tudo quanto tinha em mente". É interessante que o Templo não é usado nas Escrituras como um símbolo, como acontece com o Tabernáculo. Como o projeto do Templo se baseou no do Tabernáculo, com o qual Davi já estava familiarizado, é provável que o **mandado do Senhor** a Davi (19) fosse o Espírito de Deus trabalhando através da própria mente dedicada de Davi.

Os **castiçais de prata** (15) não são mencionados em qualuqer outra passagem[13]. A frase o **carro... dos querubins** (18) pode ser lida como "o carro, e mesmo os querubins". Porque os querubins são o carro de Deus (cf. Sl 18.10 e Ez 1.5).

4. O *Encorajamento a Salomão* (28.20,21)

Este texto parece ser uma continuação das palavras de encorajamento de Davi, que tiveram início em 9 e 10.

"Uma promessa para uma grande tarefa" é vista quando Davi encoraja seu filho Salomão a se preparar para a construção do Templo. Este inclui: (1) a presença capacitadora de Deus, 20; (2) a cooperação dos ministros e dos leigos – sacerdotes, artesãos, príncipes e do povo, 21; (3) força e coragem para completar a tarefa, 20.

5. *Um Apelo à Generosidade* (29.1-5)

Davi prosseguiu com as suas palavras, ao declarar que grande parte de sua própria fortuna tinha ido para o Templo; portanto, outros deveriam fazer o mesmo pelo Senhor. Aqui certamente há um incentivo válido para fazer uma oferta pela causa de Deus.

6. *A Resposta* (29.6-9)

Houve uma pronta resposta de todo o povo. Era generosa e suficiente para a tarefa. As quantias eram grandes, mas a causa era desafiadora. Somente as doações feitas **voluntariamente** e com um **coração perfeito** (9) são aceitáveis a Deus. As pessoas que doam por motivos menos nobres terão a aclamação popular como única recompensa.

7. *A Oração de Agradecimento* (29.10-19)

A oração está dividida em duas partes: (1) ação de graças e louvor (10-13); e (2) a petição (14-19). Esta é uma das mais belas orações do Antigo Testamento, e é certamente comparável à súplica de Salomão na consagração do Templo (2 Cr 6.14-42).

A vida do homem na terra é breve (15) e não existe esperança, exceto na vontade de Deus. Davi ora para que o povo possa sempre reagir tão positivamente ao Senhor quanto naquele dia (18).

Davi entoa um hino de louvor que é uma expressão bíblica do pensamento: "Quão grandioso é o Senhor!" Ele glorifica a Deus como (1) o Senhor de toda a criação, 11; (2) o provedor de todo bem, 12; (3) o dono de todas as riquezas, 13,14; (4) a esperança do nosso destino eterno, 15; (5) o juiz de cada coração, 17.

Também refletidos nesta oração do Antigo Testamento estão os princípios básicos da mordomia do Novo Testamento. (1) **Tua é, Senhor, a magnificência**, 11; (2) É Deus quem dá a **força** e a riqueza aos homens, 12,13; (3) Podemos dar a Deus somente o que Ele nos deu, 14-16; (4) Deus conhece os nossos motivos e se alegra com as doações generosas e prazerosas, 17,18.

8. *O Encerramento da Convocação* (29.20-25)

*a. A resposta da congregação* (29.20-22*a*). O povo **louvou ao Senhor** e dedicou o devido respeito ao seu **rei** (20); eles fizeram sacrifícios e banquetes porque Deus estava com eles. **Adorar** em hebraico significa prostrar-se (Ap 19.10).

*b. A segunda unção de Salomão* (29.22*b*). A segunda unção veio em meio à pompa e circunstância apropriada. **Zadoque** (22) foi feito sumo sacerdote em substituição a Abiatar, que tinha perdido a qualificação ao se juntar à conspiração de Adonias (1 Rs 1.7; 2.26,35). O autor de Reis confere a Salomão o crédito pela deposição de Abiatar, que evidentemente teve a aprovação da assembléia.

*c. Salomão é aclamado rei* (29.23-25). Até mesmo Adonias, entre **os filhos do rei Davi** (24) parece ter aclamado Salomão, e não houve governante mais magnífico em todo Israel. O curso do destino de Israel sob as ordens de Deus está refletido nas expressões: **o ungiram** [a Salomão] **ao Senhor** (22), e **Salomão se assentou no trono do Senhor** (23).

9. *Um Resumo do Reinado de Davi e da sua Morte* (29.26-30)

A revisão do reinado de quarenta anos, sete em Hebrom e trinta e três em Jerusalém, resume não apenas o período, mas confere um significado aos **atos... do rei Davi** (29).

Em hebraico, usam-se três palavras diferentes para "profeta": Samuel, o vidente (***ro'eh***); o profeta Natã (***nabi***); e Gade, o vidente (***chozeh***) (29). *Ro'eh* – **vidente** ou profeta – é usada onze vezes no Antigo Testamento. Ela significa, literalmente, "ver". Samuel foi o precursor espiritual dos profetas (1 Sm 9.9). Estes homens tinham poderes de visão especiais. *Chozeh* é usada vinte e nove vezes no Antigo Testamento e tem um significado correlato ao de *ro'eh*, que enfatiza o ato de ver ou contemplar, com o significado de receber a verdade ao invés de qualquer outro tipo de entrega ou comportamento[14]. *Nabi* é usada trezentas vezes no Antigo Testamento e enfatiza a transmissão da mensagem, e não a visão. Esta é a palavra traduzida pela palavra grega *prophetes* na Septuaginta. Os profetas que escreveram estão classificados nesse tipo.

Todo o conteúdo do primeiro livro de Crônicas é relacionado com Davi, mas não é somente isso, porque foi através deste rei, o leão da tribo de Judá, que veio o Messias, o Cristo. O cronista estava, em parte, consciente do lugar único de Davi na história divina da salvação.

Davi conheceu algumas frustrações – o seu desejo de construir o Templo foi rejeitado, e o seu filho favorito, Absalão, desqualificado para a sucessão devido à traição e ao pecado. Mas ele certamente deve ter visto a confirmação do perdão de Deus para o seu pecado com Bate-Seba na escolha de Salomão, um dos filhos dela, para ser o seu herdeiro no trono. Nem todas as suas recordações poderiam ser bênçãos. Mas ele podia louvar a um Deus majestoso pelo perdão pessoal, pela paz entre os povos da terra, por um lugar entre as nações e pela presença de Deus em sua partida. Davi terminou a sua vida como um humilde e sensível servo de Deus, como iniciara quarenta anos antes: "**um homem segundo o coração de Deus**".

*Seção* III

# O REINO DE SALOMÃO (*cerca de* 971-931 a.C.)

*2 Crônicas 1.1—9.31*

Aqui a narrativa omite detalhes encontrados na passagem correspondente em 1 Reis 1.1—11.43. O cronista omite a revolta de Adonias e o castigo de Salomão (1 Rs 1—2); o casamento de Salomão com a filha do Faraó (1 Rs 3.1,2); o seu sábio julgamento (1 Rs 3.16-28); os seus funcionários públicos, os oficiais, a magnificência e a glória real (1 Rs 4.1—5.18); a construção do seu palácio (1 Rs 7.1-12); a sua idolatria e a crescente atividade dos seus inimigos (1 Rs 11.1-40). Por outro lado, há detalhes importantes, inclusive aqueles que são omitidos pelo autor do primeiro livro de Reis. Seis capítulos tratam dos detalhes do Templo. É evidente que a construção do Templo é mais importante para o cronista do que a biografia do construtor.

## A. A Confirmação de Salomão, 1.1-17

1. *A Ascensão de Salomão ao Trono* (1.1)

O cronista escreve este versículo como uma introdução a todo o reinado de Salomão. O monarca era de muitas maneiras majestoso e régio. Mas existem detalhes em Reis que fazem o seu talento menos que admirável, a partir de um ponto de vista democrático. Até mesmo o Senhor Jesus reconheceu o seu esplendor e a sua glória, mas reduziu-os ao compará-los com a beleza de um lírio. Os sucessos materiais de Salomão certamente não podem ser o único critério de avaliação. Ele só foi grande na primeira parte do seu reinado.

2. *O seu Sacrifício em Gibeão* (1.2-6)

A arca estava na tenda de Davi em Jerusalém, mas o altar de cobre encontrava-se no Tabernáculo, em Gibeão. **Salomão e a congregação o visitavam** (5) é traduzido me-

lhor como "Salomão e a congregação buscavam ao Senhor". Aqui ele pretendia unir o seu reino ao do seu pai, Davi, ao oferecer **em sacrifício mil animais** (6). Este altar de cobre em Gibeão fora criado por Bezalel (cf. Êx 31.2-5; 38.1-7). Grande parte do material destes versículos é peculiar a Crônicas (cf. 1 Rs 3.4).

3. *O seu Sonho e o Pedido por Sabedoria* (1.7-13)

O pedido de Salomão provavelmente foi inspirado pela oração de que ele, como novo rei, pudesse ter sabedoria e entendimento (1 Cr 29.10ss.). A aparição do Senhor, em visão, deu a ele a oportunidade de pedir o que quisesse (cf. 1 Rs 3.5-15). Aqui está o princípio hebraico de que **riquezas, fazenda e honra** (12) seguem aquele que faz a vontade de Deus. Isso não era sempre verdade naquela época, nem o é hoje em dia; mas o que era verdade então, e continua hoje, é que o homem que obedece a Deus é sempre melhor do que o que o ignora.

Nesta passagem, vemos "a grande escolha": (1) Deus dá a cada homem uma escolha, 7; (2) os fundamentos de uma herança divina, 8,9; (3) a escolha de valores mais elevados, 10; (4) a recompensa pelas escolhas corretas, 11,12.

4. *A sua Riqueza* (1.14-17)

Os detalhes aqui correspondem aos de 1 Reis 10.26-29 e são elaborados em 2 Crônicas 9.13-28. Dizer que o ouro e a prata eram **em Jerusalém** [tão abundantes] **como pedras** (15) é uma descrição vívida da riqueza do governo de Salomão.

A multiplicação de cavalos, que representa guerra ao invés de paz, e o acúmulo de ouro e prata eram expressamente proibidos pela lei mosaica (Dt 17.14-20). Também era proibido ter várias esposas, mas o cronista não as menciona ao narrar a riqueza do novo rei[1].

## B. A Construção do Templo, 2.1—5.1

Salomão se propõe, de coração, a construir uma casa para o Senhor, e um palácio para o seu reino.

1. *Salomão e Hirão* (2.1-10)

Salomão, antes de negociar com Hirão, realiza um censo de todos os seus construtores e das suas habilidades, para ter a possibilidade de obter os talentos adequados, e a força de trabalho suficiente para executar a sua tarefa herdada, porém dada por Deus.

Salomão contata **Hirão, rei de Tiro** (3) para garantir madeira de cedro para o Templo. Ele lhe afirma que será um edifício grandioso e magnificente, porque o seu **Deus é maior que todos os deuses** (5). Mas existe uma humildade que é envolvente no testemunho de Salomão: **Quem teria força... quem sou eu?** (6). Desta forma, ele pede ajuda – um arquiteto e materiais, em troca de produção agrícola (10).

A grandeza mencionada (5) não era em tamanho, porque a estrutura completa media somente 40x15 metros – um lugar para a morada de Deus, não uma grande sala para assembléias. Muitas igrejas podem ser maiores do que esta.

**Sábio para trabalhar** (7) significa talentoso no entalhe e no trabalho com ouro, prata e bronze. **Sabem cortar** (8) significa talentosos no corte e na preparação da madeira.

2. *A Resposta de Hirão e o Acordo* (2.11-16)

Hirão responde a Salomão por carta, ao reconhecer o Deus de Israel (11,12). Isto pode ter sido um reconhecimento genuíno ou um gesto de cortesia política; parece melhor acreditar na segunda hipótese[2].

O nome do arquiteto no texto em hebraico é *Huram-abi*, que pode ser traduzido como **Hirão, do meu pai ou Hirão-Abi** (13) ou ainda "meu trabalhador mestre", "Hirão, meu conselheiro de confiança". Este engenheiro era parcialmente hebreu, filho de uma mulher de Dã e de um homem de Tiro. Evidentemente, ele tinha sido treinado em seu ofício por seu pai. Hirão, o rei, concordou com a remuneração (15).

3. *As Levas de Trabalhadores de Salomão* (2.17-18)

Nos versículos 16-17, o autor trata, como no versículo 1, dos trabalhadores locais (153.600). Aqui, o cronista diz que eles eram estrangeiros, mas em 1 Reis 5.13 também existe a menção a uma leva de trabalhadores de Israel. Havia 70 mil carreteiros, 80 mil cortadores nas montanhas do Líbano e 3.600 inspetores. Em 1 Reis 5.16 há somente 3.300. Em 1 Reis 9.23 havia 550 chefes de oficiais, enquanto que em 2 Crônicas 8.10 mencionam-se 250. O total, em ambos os casos, é de 3.850[3].

4. *A Construção do Templo* (3.1-7)

Aqui o lugar é identificado como **monte Moriá** e **eira de Ornã** (1; cf. 1 Cr 21.18; Gn 22.2). As duas montanhas, ou elevações, onde Jerusalém estava situada eram Moriá, no nordeste, e Sião, no sudeste. Sião deu o seu nome a Jerusalém, mas o Templo foi construído em Moriá.

A descrição começa com o exterior e segue para o interior até o Santo dos Santos. As dimensões aqui são comparáveis àquelas de 1 Reis 6.2. O côvado é estipulado com 18 polegadas (aproximadamente 45 centímetros), embora alguns acreditem que essa medida possa ser variável[4]. O **alpendre** (4) de 120 côvados de altura, em frente a uma casa de 30 côvados, indica uma torre ao invés de um mero **pórtico**[5]. Ele era **coberto** com **ouro**[6].

Nos versículos 5-7, o interior do lugar sagrado é descrito como ouro sobre madeira de faia e decorado com **palmas e cadeias** esculpidas. A palavra **Parvaim** (6) não aparece em qualquer outra parte. A sua localização é desconhecida; provavelmente na Arábia do leste. Salomão também decorou as paredes com **pedras preciosas**[7].

5. *O Lugar Santo* (3.8-14)

Os **seiscentos talentos** (8; 65 mil libras, ou 29.500 quilos) parece desproporcional para ser fixado com **cinqüenta siclos** de **pregos** (9). Tradutores modernos interpretaram essas expressões com o significado de "o peso dos pregos era de um siclo para cinqüenta siclos de ouro". O lugar santo – a casa da Santidade das Santidades – era um cubo de vinte côvados (cf. 1 Rs 6.20).

O significado de **trabalho de imagem** (10) é incerto. A versão *Berkeley* traz o seguinte texto: "na casa da Santidade das Santidades fez dois querubins esculpidos, e cobriu-os de ouro". No versículo 13, os querubins, evidentemente, tinham os rostos **virados para a casa**, voltados para a casa da Santidade das Santidades, e não estavam dirigidos um para o outro (cf. Êx 25.20).

**O véu** (14) aqui é similar ao do Tabernáculo. Não é mencionado em 1 Reis 6.21 (cf. Êx 26.31).

6. *As Duas Colunas de Bronze* (3.15-17)

As colunas diante da casa em 1 Reis 7.15; 2 Reis 25.17 e Jeremias 52.21 são descritas com a medida de somente dezoito côvados, ao invés de trinta e cinco. No entanto, no texto em hebraico os números são escritos de maneira a causar uma fácil confusão. As **cadeias** (16) parecem ser decorações no topo das colunas. **Como no oráculo** pode ser interpretado "como um colar". Os nomes das colunas, à direita **Jaquim** e à esquerda **Boaz** (17), também aparecem em 1 Reis 7.21. **Jaquim** significa "**Ele estabelece ou estabelecerá**", e **Boaz** é traduzido "**força**" ou "**nele está a força**". Elas provavelmente simbolizam as promessas de Deus à casa de Davi.

7. *Os Utensílios* (4.1-8,10)

*a. O altar de bronze* (4.1). Este era o altar para os holocaustos. Media aproximadamente 9x9 metros, e 4,5 metros de altura. Se ele fosse construído com degraus de todos os lados, a área para as ofertas no topo mediria somente 5 metros de largura (Ez 43.13-17) [8]. (Veja os comentários sobre 1 Rs 7.23-50).

*b. O mar de bronze e a pia* (4.2-6,10). O cronista omite a descrição dos suportes para as pias, dada em 1 Reis 7.23-29. O termo **bois** (3) pode ser traduzido como *botões ornamentais* ou *figuras de colocíntidas*. Em 1 Reis 7.26 lê-se dois mil ao invés de **três mil batos** (5).

As **dez pias** (6), cinco de cada lado, serviam para lavar o que seria para o holocausto, ao passo que **o mar era para... os sacerdotes**. O **mar** era um grande recipiente para água, feito de bronze, no qual os sacerdotes lavavam as mãos e os pés antes de se aproximarem do altar.

*c .Os castiçais* (4.7). [Ele] **fez** aqui se refere a Salomão e não a Hirão. Os versículos 7-9 não são encontrados em 1 Reis 7. Havia **dez castiçais** (candelabros), divididos igualmente nos lados do lugar santo.

*d. As mesas* (4.8). Não deviam estar no lugar santo, como os castiçais. As **mesas** eram para o pão da proposição e não para os castiçais.

8. *Os Pátios* (4.9,10)

Os dois pátios não são descritos detalhadamente aqui. Um deles era o **pátio dos sacerdotes** e o outro era o **pátio grande** ou exterior (cf. 1 Rs 6.36; 7.12). No versículo 10 há outro detalhe a respeito da posição do **mar**.

9. *Resumo do Trabalho em Bronze de Hirão* (4.11-18)

Idêntico ao apresentado em 1 Reis 7.40-47. **Caldeiras, pás, bacias** (11), **as duas colunas** (12) com a sua decoração, as **pias, bases** (14), os **garfos** e todos os **utensílios** (16) foram feitos **em abundância** e fundidos na **campina do Jordão... entre Sucote e Zereda** (17,18). Em lugar de **Hirão, seu pai** (16) pode-se ler o nome **Hirão-Abi**.

10. *Os Utensílios de Ouro* (4.19–5.1)

Este texto é idêntico ao de 1 Reis 7.48-51. Parece haver uma diferença entre o versículo 19 e 1 Reis 8.48. O cronista menciona dez **mesas**; o autor de reis fala somente de *uma,* para o pão da proposição. De 2 Crônicas 13.11 a conclusão é de apenas uma; então, possivelmente, a antiga mesa do Tabernáculo era usada com as dez novas[9].

Em 5.1 temos a afirmação de que **se acabou toda a obra**; todas as **coisas consagradas de Davi** tinham sido trazidas; e todos os **utensílios** ou recipientes de ouro e prata foram postos **entre os tesouros da casa de Deus** (1 Rs 7.51; cf. 1 Cr 22.14; 26.26). A conclusão foi a ocasião para uma grande celebração. A bênção de Deus estava presente ali. Se Salomão não tivesse sido tão extravagante em outras áreas administrativas, com os impostos excessivos, os historiadores poderiam ter escrito uma história diferente no final de sua vida.

## C. A Consagração do Templo, 5.2–7.22

A grande celebração da consagração do novo Templo consistiu de quatro partes: (1) o transporte da arca à **Santidade das Santidades**, ou o Santo dos Santos, 7; 5.2-14; (2) o ato da consagração, 6.10–7.3; (3) os sacrifícios, 7.4-10; e, (4) a aprovação e a promessa de Deus, 7.11-22.

1. *O Transporte da Arca* (5.2-14)

Este capítulo é praticamente idêntico a 1 Reis 8.1-11. O banquete de consagração coincidiu com a Festa dos Tabernáculos no **sétimo mês** (3; Tisri). **Os sacerdotes e os levitas** não somente trouxeram a **arca,** mas também o antigo **Tabernáculo** (ou a **tenda da congregação**) de Sião a Moriá (4-8). **A arca** (4) era o símbolo da presença de Deus. Nessa época, ela continha apenas o segundo conjunto das **duas tábuas** (10) de pedra que Deus deu a Moisés no Sinai, depois que ele quebrou as primeiras. Seria interessante saber o que aconteceu com a vara de Arão e os vasos que continham o maná, mas não há algum indício de seu destino nas Escrituras. Evidentemente, a serpente de metal foi trazida juntamente com os utensílios do Tabernáculo, pois posteriormente teve que ser destruída porque o povo a adorava como a um ídolo (Nm 21.9; 2 Rs 18.4).

O cronista observa que os varais da arca eram vistos de cada lado das cortinas no oráculo e podiam ser removidos (8-10). O **dia de hoje** (9) seria a data em que o cronista escreveu. A arca encontrara o seu lugar permanente da mesma forma que os filhos de Israel acharam um lar permanente na Terra Prometida. Não seria necessário mudar-se novamente. A arca permaneceu ali até o cativeiro em 586 a.C., e, a partir desta data, não há mais menções a ela. Ela foi evidentemente destruída com o Templo, pelos babilônios (cf. Dt 10.2-5; 1 Rs 8.8,9; Hb 9.4).

Os versículos 11-14 representam um esclarecimento e um entendimento da celebração única de Crônicas. Os 120 sacerdotes com trombetas (não poderiam ser menos do que dois) e todos os levitas que eram cantores (não somente as turmas da semana) estavam ali, liderados por **Asafe, Hemã** e **Jedutum** (12). Deve ter sido uma bela visão, quando todos eles se apresentaram, vestidos de **linho** [branco] **fino** com seus

**címbalos, alaúdes, harpas** e **trombetas**. Alguns opinam que havia pouca harmonia na melodia, mas a música instrumental e o canto **uniforme, fazendo ouvir uma só voz** (13) deve ter sido delicioso para os ouvidos, e magnífico para os olhos, quando eles cantaram "*Ki tob, ki leolam chasdo*", **porque ele É bom, porque a sua misericórdia dura para sempre**. Que aprovação celestial, a ponto de a glória de Deus encher o lugar como uma **nuvem**, de tal maneira que os sacerdotes não puderam ficar **em pé, para ministrar, por causa da nuvem** (14)![10]. O serviço a Deus não está completo até que Ele venha nos encher e abençoar com a sua presença. E Ele o faz quando nos unimos para buscar as suas bênçãos.

2. *A Consagração* (6.1—7.3; cf. 1 Rs 8.12-61)

*a. As palavras de abertura de Salomão e a bênção* (6.1-11). A referência a Deus que habitaria **nas trevas** (1), e a nuvem majestosa que encheu o Templo falavam de aprovação, proteção, salvação e orientação para o povo de Israel (cf. Êx 16.10; 24.16; 40.34; Nm 9.15; 1 Rs 8.10-11).

As palavras de abertura e a bênção eram adequadas e aceitáveis, porque Salomão agia como um rei, e não como um levita ou um sacerdote. Ele lembrou à congregação que tudo se devia à escolha de Deus: **Jerusalém** (6) como o lugar da arca, e Salomão – a semente de Davi – como o seu construtor e conservador (10). O símbolo do **concerto** é a **arca** do Senhor (11)! Não há nos versículos 5 e 6 uma indicação clara de que Deus por várias vezes faz coisas novas à medida que habita no meio de seu povo?

*b. A invocação da constante proteção de Deus* (6.12-21). A **base** de metal (13), ou plataforma, é a mesma palavra para "pedestal", no hebraico (*kiyyor*). Evidentemente, era oval ou em forma de tigela, localizada perante o altar de bronze. Salomão subiu nela e ajoelhou-se diante do povo e perante o seu Deus (1 Rs 8.54; cf. Ne 8.40). Em sua oração, ele invocou a vindicação de Deus a respeito de seu servo Davi, e a proteção para o filho dele, ou seja, para si mesmo.

Nos versículos 18-21 está a oração de aceitação e de consagração: **o céu e o céu dos céus não te podem conter, quanto menos** (18) uma casa que mãos humanas construíram! Ela poderia conter os homens, mas não a Deus! Salomão pede a aceitação divina para si mesmo e para Israel. O costume de olhar para Jerusalém durante a oração (21) simbolizava o ato de adoração no Templo, o lugar de habitação da arca de Deus. Não era a arca, mas sim o Senhor que traria a salvação – **ouve, pois, e perdoa** (21).

*c. Um juramento é feito no altar* (6.22,23). Aceitar o juramento do acusado na ausência de testemunhas parece ter se tornado um costume, e era honrado como uma parte da lei[11]. Salomão pede a ajuda divina para alcançar a justiça através desse procedimento. Este é o primeiro de sete casos, expostos para especial consideração do Senhor pelo novo rei (cf. 1 Rs 8.31-46).

*d. Na derrota* (6.24,25). Salomão roga que se eles sofressem uma derrota por causa do pecado, e pedissem o perdão de Deus, fossem perdoados e obtivessem a vitória sobre os seus adversários.

*e. Durante a seca* (6.26,27). Aqui, Salomão pede ajuda caso a seca sobrevenha por causa do pecado (cf. 1 Rs 17.1). No entanto, não é pelo perdão fácil que o rei ora. Ele pede a misericórdia divina na ocasião em que Deus **lhes ensinar o bom caminho em que devem andar** (27).

*f. Na fome e na peste* (6.28-31). Todas essas oito calamidades poderiam vir por causa do pecado. Uma vez mais, Salomão pede misericórdia a favor de seu povo, para que viva de acordo com os requisitos do Deus justo; **ouve tu desde os céus... e perdoa... a fim de que te temam, para andarem nos teus caminhos** (30,31).

*g. Pelo estrangeiro* (6.32,33). A quinta oração de Salomão é para que aqueles que queiram ser prosélitos possam ser aceitos por Deus e pelo povo. Aqui se esclarece o fato de que o Senhor é o Deus de toda a terra. O rei ora por essa manifestação de misericórdia, **a fim de que todos os povos da terra conheçam o teu nome** (33).

*h. Batalha* (6.34,35). O sexto caso está relacionado com a guerra. O pedido consiste em dar a vitória ao seu povo. Mas, mesmo na guerra, o rei pede a vitória somente quando seu povo for para a batalha **pelo caminho** que Deus os enviar (34).

*i. No cativeiro* (6.36-39). O sétimo pedido se refere provavelmente à redenção da idolatria ou corrupção. A frase, **pois não há homem que não peque** (36) pode ser traduzida "pois não há homem que esteja isento de pecar" (cf. Lv 5.1; 1 Sm 2.25; 2 Cr 6.22)[12]. Este texto não fala de uma religião pecadora; simplesmente implica que se um homem peca enquanto está em período de experiência – e a possibilidade de pecar está sempre presente – ele pode e deve pedir perdão, e Deus perdoará! Tal perdão será concedido somente quando aqueles que pecaram "se converterem... com todo o seu coração e com toda a sua alma" (38).

*j. A conclusão da oração* (6.40-42). Esta passagem substitui a de 1 Reis 8.50*b*-53 como a conclusão da oração de consagração. Salomão ora pelos sacerdotes, como também por si mesmo.

**Estejam... os teus ouvidos atentos** (40) deve ser lido como "estejam os teus ouvidos atenciosos". A frase **os teus sacerdotes... sejam vestidos de salvação** (41), ou justiça, menciona o fato de que eles não estarão somente vestidos com linho fino e branco, mas também deverão estar adornados com a beleza moral da verdadeira santidade. O desígnio completo de um Deus santo é que Ele tenha um povo santo e sem pecado.

Salomão termina a oração mediante o pedido a Deus que se lembre das suas misericórdias – ou de seu "constante amor" para com Davi, seu servo, e que lhe estenda o mesmo favor (cf. Sl 132.10).

*k. A confirmação Divina* (7.1-3). O Senhor enviou fogo para consumir os holocaustos e os sacrifícios, e **a glória do Senhor Deus encheu o Templo**, provavelmente sob a forma da luz radiante conhecida como *Shekinah*. E o povo se encurvou com Salomão e adorou a Deus e o louvou. *Ki tob, ki leolam chasdo* – **porque ele É bom, porque a sua misericórdia dura para sempre** (3). Esta expressão não é encontrada na passagem paralela em Reis.

3. *Os Sacrifícios e o Banquete Público* (7.4-11)

Os holocaustos e ofertas pacíficas foram tão grandes que o novo altar de bronze não pôde abrigar a todos (4-6). Nessa ocasião não houve ofertas para expiação de pecados nem transgressão; este foi um ministério de devoção e de comunhão com Deus e os companheiros. O banquete durou **sete dias** e terminou com uma **grande congregação** no **oitavo dia** (7-10; cf. 1 Rs 8.62-66).

**Desde a entrada de Hamate até ao rio do Egito** (8) é equivalente a "**desde Dã até Berseba**". Esta expressão significa o país inteiro. **Prosperamente o efetuou** (11) pode ser entendido como "ele realizou com sucesso".

4. *A Segunda Aparição de Deus a Salomão* (7.12-22)

**O Senhor apareceu de noite a Salomão** para conceder-lhe bênçãos adicionais (12-18) juntamente com uma advertência (19-22; cf. 1 Rs 9.1-9). A oração de Salomão pelas bênçãos de Deus tinha sido condicional. A resposta do Senhor foi dada nas mesmas condições. Não importa quão profundo seja o problema trazido pelo pecado; existe uma promessa segura de Deus: **e se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face, e se converter dos seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, e perdoarei os seus pecados, e sararei a sua terra** (14). Mas o povo de Deus deve caminhar em obediência às suas leis ou será rejeitado.

"As condições para o renascimento nacional" são dadas em uma das passagens mais queridas e freqüentemente citadas: a dos versículos 12-16. Aqui temos (1) o problema – a fome e a peste que ilustram profundas necessidades morais e espirituais, 13; (2) a provisão: **Se o meu povo...**, 14; (3) A promessa: **então, eu ouvirei...**, 14; (4) a presença, 15,16.

## D. A Glória de Salomão, 8.1—9.31

Seria difícil exagerar na grandiosidade, na riqueza, na sabedoria, na honra e na grandeza que tinha Salomão. Não há necessidade de mencionar mais o assunto. As Escrituras são adequadas em suas descrições (cf. 1 Rs 9.10—10.29; 11.41-43). O conteúdo de 1 Reis 9.11-16 é omitido, ao passo que o cronista acrescenta a informação de 8.13-16.

1. *A Troca de Cidades entre Salomão e Hirão* (8.1,2)

Não se trata exatamente de uma contradição de 1 Reis 9.10-14. Estas cidades não tinham sido propriamente tomadas dos cananeus pelos israelitas. Elas não eram satisfatórias para Hirão, ou foram usadas apenas como garantia e voltaram às mãos de Salomão. O rei as restaurou como uma colônia de israelitas[13].

2. *O Grupo de Trabalhadores Forçados e a Construção das Cidades* (8.3-10).

*a. As cidades* (8.3-6). Entende-se que **Hamate-Zoba** (3) eram de fato duas cidades, Hamate e Zoba, as capitais dos pequenos reinos da Síria, no rio Orontes. O rei Toí de Hamate tinha sido um aliado de Davi (2 Sm 8.9ss.). Salomão evidentemente desejava essas cidades do norte, tanto para armazenamento como para proteção. **Tadmor** (4) é a cidade de Palmira, 240 quilômetros a nordeste de Damasco, na mesma região. Ela

já existia desde 1100 a.C., na época de Tiglate-Pileser I da Assíria. Alguns estudiosos, no entanto, consideram que ela pode ser uma variação de escrita, por causa de um texto de 1 Reis 9.18, onde se lê "Tamar", ao sul de Judá. Esta opinião não é necessariamente correta[14].

*b. O trabalho forçado* (8.7-10). O problema dos estrangeiros parece ser difícil de ter solução. Salomão obrigou todos os remanescentes dos povos nativos, os cananeus, a se empregarem como escravos. Os israelitas eram funcionários somente naqueles trabalhos que eram nobres ou um símbolo de status. Parece haver uma discrepância entre o versículo 10, **duzentos e cinqüenta, que presidiam**, e 1 Reis 9.23, que diz "*quinhentos* e cinqüenta". Entretanto, os totais, como mencionamos anteriormente em relação a 2 Crônicas 2.18 e 1 Reis 5.16 e 9.23, perfazem o mesmo valor, 3.850.

3. *A Filha do Faraó Recebe a sua Própria Casa* (8.11)

Esta esposa egípcia parece ter morado temporariamente na casa da mãe de Salomão, ou na casa de Davi, até que ele pudesse construir um palácio especialmente para ela (cf. 1 Rs 3.1; 7.8). Como a arca tinha encontrado um alojamento temporário no palácio de Davi, que Salomão ocupava, ele evidentemente não julgou apropriado que uma mulher estrangeira e pagã permanecesse ali. Este respeito pelas coisas sagradas não deve ser diminuído[15]. Atualmente faríamos bem se reassumíssemos esta atitude (1 Co 11.27).

4. *A Adoração de Salomão* (8.12-16)

A definição de Salomão dos serviços de adoração marcou a conclusão do projeto do Templo. O trabalho havia sido comissionado a ele por Davi desde a fundação até os cultos de adoração. A autoridade divina para a construção e o ministério, com as tarefas especiais atribuídas aos levitas foram **o mandado de Davi, o homem de Deus** (14)[16].

5. *A Marinha de Salomão e de Hirão* (8.17,18)

Os israelitas eram um povo agrícola. Não é de surpreender, portanto, que o país de Tiro, sob o governo de Hirão, que ganhava um bom dinheiro no mar, pudesse se mostrar disposto a fornecer marinheiros para manejar os barcos de Salomão em **Eziom-Geber**. Os pescadores da Galiléia não eram treinados para essa tarefa. O texto parece dar a entender que Hirão forneceu tanto os barcos como os homens, ou pelo menos a madeira para os barcos (cf. 1 Rs 9.26-28). Veja no mapa a localização de **Eziom-Geber... na praia do mar, na terra de Edom** (17).

6. *A Visita da Rainha de Sabá* (9.1-12)

Esta passagem é idêntica à de 1 Reis 10.1-13. A visita da rainha de Sabá é tão conhecida como qualquer acontecimento do Antigo Testamento, e o valor dos presentes trocados seria fabuloso em qualquer época. Estudiosos mais recentes negam que Sabá seja a Etiópia. Eles identificam a hóspede de Salomão como uma rainha de algumas tribos árabes do sul[17].

Houve muitas coisas que impressionaram a rainha: (1) a sabedoria de Salomão; **eis que me não disseram a metade da grandeza da tua sabedoria** (6); (2) a **sua ascensão** (veja a seguir); (3) os **seus servos**; (4) e a sua riqueza.

A expressão **sua ascensão** (4) tem causado considerável especulação. Pode ter sido sua entrada no Templo, ou a procissão real, ou as ofertas, ou uma ponte ou viaduto em arco sobre o vale Tiropeano, entre o monte Sião e o muro oeste da área do Templo. A distância é estimada em mais de 110 metros, com uma altura superior a quarenta metros. Esta teria sido certamente impressionante, caso fosse uma ponte ou um viaduto [18].

**Além do que ela mesma trouxera ao rei** (12) significa que "os presentes dados por ele eram equivalentes àqueles dados por ela" (Berk.).

7. *A Renda de Salomão, o Comércio e o Esplendor* (9.13-28)

Ao ler o relato do cronista sobre a glória do reino de Salomão, ao aproximar-se de seu final, ficamos impressionados com o que ele ignora: a verdadeira condição da nação; a saúde deteriorada do rei, uma presa dos seus inimigos, um idólatra e um ditador desprezado por causa das suas extravagâncias e dos impostos pesados. O Novo Testamento faz menos referências a Salomão do que a Davi, e não há a preocupação em retratá-lo como um homem devoto e temente a Deus no final de seu reinado (cf. Mt 6.29; 12.42; Lc 11.31; Jo 10.23; At 3.11; 5.12; 7.47)[19].

*a. A renda* (9.13-16). A renda anual de 666 **talentos de ouro** (13) seria de cerca de vinte milhões de dólares americanos (cf. 1 Rs 10.14). **Negociantes** (14) é uma palavra alternativa para "comerciantes". **Paveses** (15) eram grandes escudos feitos de ouro e cada um deles valia o equivalente a 280 mil dólares americanos. Os **trezentos escudos** (16) eram menores, e valiam 140 mil dólares cada. **A casa do bosque do Líbano** era "provavelmente assim chamada por causa do efeito das fileiras de colunas de cedro. Era provavelmente um salão para atos públicos com a armaria e o almoxarifado" (H. L. Ellison).

*b. O trono de marfim* (9.17-19). O trono de marfim de Salomão, e seus degraus com esculturas de leões dos dois lados, deve ter sido impressionante, especialmente quando as decisões tomadas naquele local eram justas e sábias. Os doze leões representavam as doze tribos, mas também simbolizam a de Judá, à qual pertencia o rei.

*c. O comércio* (9.20-22). **Reputava-se por nada** (20) – "a prata não era considerada durante a época de Salomão" (Berk.). No versículo 21, o cronista descreve o comércio com Társis (provavelmente a Espanha) pelo Mediterrâneo, ao invés de dar a volta pelo sul da África, pelo porto de Eziom-Geber. Muitos desses cargueiros eram exóticos, mas também traziam as especiarias e o incenso necessários para a adoração. (cf. a explicação alternativa no comentário sobre 1 Reis 9.26-28).

*d. Os presentes* (9.23,24). Estes presentes vinham das nações vizinhas, assim como das doze províncias do próprio reino de Salomão, uma quantia especificada anualmente. Em lugar de **armaduras** pode-se ler "roupas ou armas".

*e. Os cavalos* (9.25-28). Duas coisas que provam a grandeza mundana de Salomão eram a multiplicação dos seus cavalos e o acúmulo de ouro e prata. Embora isso impressionasse os homens, era algo repugnante a Deus, porque eram coisas expressamente proibidas em Deuteronômio 17.14-20. Alguns têm contestado o número de

**estrebarias de cavalos** (25) como exagerado, porém as escavações realizadas em Megido tendem a confirmar esta cálculo[20].

8. *O Resumo do Reinado de Salomão* (9.29-31)

O reinado de quarenta anos do filho de Davi chega ao seu final. O cronista ignora os tristes detalhes da carreira de Salomão ao enfatizar as glórias de seu período inicial. Ele faz isso porque está mais interessado nas instituições que o rei estabeleceu do que em sua biografia.

O cronista cita as suas fontes (29): **Natã, Aías** e **Ido** (cf. 1 Cr 29.29). **Roboão, seu filho, reinou em seu lugar** (31).

## Seção IV

# A HISTÓRIA DE JUDÁ

*2 Crônicas 10.1—36.23*

O texto em 2 Crônicas 10.1 marca um ponto na história em que o reino estabelecido durante o governo de Saul – e levado ao seu apogeu durante o governo de Davi e Salomão – foi dividido em dois. O filho, e também sucessor de Salomão, foi tanto fraco como incapaz, e vítima de um astuto e forte oponente, Jeroboão. Existiram dois reinos israelitas por pouco mais de dois séculos após Salomão. Eles eram conhecidos como Reino do Norte, ou Israel; e Reino do Sul, ou Judá. Somente restaram as tribos de Judá e Benjamim como remanescentes do reino de Salomão. As outras 10, que tinham Efraim como líder, retiraram-se da "casa de Davi" e foram governadas por uma sucessão de dinastias, das quais a de Jeroboão foi a primeira.

O cronista dá poucos detalhes sobre o Reino do Norte, pois nenhum de seus reis seguiu o Senhor para fazer sua vontade. Todos eles adoraram as imagens dos bezerros de ouro em Dã e Betel. Até mesmo em Judá houve apenas quatro reis reformadores que buscaram um reavivamento dentre os dezenove homens e uma mulher que se sentaram no trono de Davi: Josafá, Uzias, Ezequias, e Josias. A história de Judá pode ser dividida em quatro ciclos. Existiu um reformador para cada um dos períodos, exceto para o quarto. O segundo possuiu dois. Existem outros reis que poderiam ser classificados como bons, mas não foram tão bem-sucedidos na promoção de um reavivamento religioso.

## A. O Primeiro Ciclo na História de Judá, 10.1—20.37

Este primeiro ciclo contém as histórias de quatro reis; dois deles eram moral e religiosamente indiferentes, e dois eram bons.

1. *Roboão* – 931-913 a.C. (10.1—12.16)

Ocorreram muitos eventos importantes no reinado de Roboão: (1) sua tola política de não dar ouvidos ao sábio conselho dos mais velhos, e sim à orientação impulsiva dos jovens bajuladores e inexperientes com quem ele havia crescido; (2) a secessão de dez tribos sob Jeroboão; (3) a migração dos levitas e piedosos das dez tribos de Judá e Benjamim; (4) a invasão de Sisaque do Egito; e (5) o desvio do Reino do Sul ao seguir o exemplo de seu rei.

a. *O tumulto* (10.1-19). Os detalhes do retorno de Jeroboão e da secessão são tratados o mais rapidamente possível (cf. 1 Rs 12.20). Mas Crônicas discute o tumulto e a disputa civil entre as duas tribos do sul, Judá e Benjamin; e as dez do norte, que vieram a liderar em Siquém (1-5). As demandas das tribos do norte eram razoáveis – menos impostos e mais liberdade.

Os conselhos dos anciãos e dos jovens amigos foram avaliados por Roboão (6-11). Então, após três dias, Jeroboão e o povo retornaram para ouvir sua resposta, que era pouco realista e completamente insensível. Achavam que Salomão havia sido duro com eles, e ainda não tinham visto mudança alguma. No entanto, o novo rei pretendia afligi-los mais, ao acrescentar escorpiões aos açoites (12-15). O atraso nas decisões é melhor do que a precipitação, mas estas também devem ser sábias e válidas!

**Porque esta mudança vinha de Deus** (15). Tanto Roboão como o povo das tribos do norte agiram de acordo com a sua livre escolha. O novo rei aceitou um conselho iníquo, e os homens das tribos se revoltaram contra o governo legítimo. Porém o Senhor Deus trabalhou esta maldade dupla segundo a sua própria vontade, e usou-a como uma punição para a casa de Davi, por causa da apostasia de Salomão.

**Israel, cada um às suas tendas!** (16). O que Roboão esperava? Certamente não uma resistência passiva. As tribos do norte apedrejaram Hadorão, o coletor de impostos e formaram uma aliança de governo que durou até o cativeiro (722 a.C.) nas mãos de Sargão, o assírio.

b. *Semaías evita uma guerra civil* (11.1-4). Roboão reuniu seus melhores guerreiros em Jerusalém para vencer os rebeldes. Mas o profeta Semaías falou da parte do Senhor. Porque de mim proveio isso (4). E foi para o crédito de Roboão que ele ouviu o profeta de Deus. Assim, a passagem em 12.15 nos mostra que havia uma luta contínua na fronteira entre os reinos rivais.

c. *As fortificações de Judá* (11.5-12). Havia quinze cidades ao todo (veja o mapa) que se chamavam: Belém, Tecoa, Bete-Zur, Adoraim, Zife e Hebrom na região montanhosa de Judá, Etã, Socó, Adulão, Maressa, Azeca, Zorá e Aijalom nas terras baixas de Judá; Gate, uma cidade Filistéia; e Laquis na planície marítima. Aijalom e Zorá estavam provavelmente no território de Benjamim. Roboão, certamente, precisava de fortificações por todos os lados, pois Jeroboão e as tribos do norte levavam vantagem nos números e nos assuntos comerciais.

d. *A afluência dos levitas* (11.13-17). A afluência dos levitas a Judá não é surpreendente quando o escritor nos informa que os **demônios,** "bodes" (heb. *se'irim*), e os **bezerros**

que Jeroboão fez (15) teriam seus próprios **sacerdotes** ordenados por ele (cf. 1 Rs 12.31; 13.33). O rei do norte alienou muitos fiéis do povo, ao misturar a adoração egípcia e cananéia com a verdadeira adoração a Deus. Roboão deu as boas-vindas a esta afluência, e foi fortalecido por ela. Pelo menos por **três anos** (17) ele e seu povo **andaram no caminho de Davi e de Salomão.** A referência a Salomão seria certamente aos primeiros anos de seu reinado. Após estes primeiros três anos, o Reino do Sul também se esqueceu de Deus.

e. *A família de Roboão* (11.18-23). Roboão não excedeu seu pai em número de esposas (dezoito) e concubinas (sessenta), mas o fez em número de filhos (vinte e oito) e filhas (sessenta). **Jerimote** (18) não é em lugar algum mencionado como filho de Davi, mas pode ter sido dele com uma concubina.

Roboão escolheu **Abias** como seu sucessor (22). O herdeiro designado ao trono foi o **filho de Maaca**, a filha de Absalão, que foi amada por **Roboão mais... do que todas as suas outras mulheres e concubinas** (21). A distribuição de seus filhos ao longo de Judá e Benjamim em toda cidade murada e com suficientes propriedades, riquezas e esposas foi um movimento político. Isto deu prestígio às cidades e também evitou a possibilidade de uma ação de traição de outro "Absalão". A expressão **e lhes procurou uma multidão de mulheres** (23) pode ser lida como: "arranjando muitos casamentos para eles" (Moffat).

f. *A sua idolatria* (12.1). O sucesso subiu à cabeça de Roboão. A "religião da toca da raposa" do soldado moderno encontra em contrapartida uma devoção "de tempos difíceis" do rei. Assim que o problema foi solucionado, o rei **e todo o seu povo deixaram de obedecer à Lei de Deus** (1). O cronista não mantém uma distinção entre Judá e Israel, os nomes comuns aplicados aos reinos do Norte e do Sul, respectivamente.

g. *A invasão de Sisaque* (12.2-12). O rei egípcio é usado como um instrumento de punição para o Reino do Sul. Sisaque (2) teve como seus aliados os **líbios**, os **suquitas** (talvez residentes de cavernas próximas ao mar Vermelho), e os **etíopes** (3)[1].

Alexander Maclaren enfatiza as verdades espirituais desta passagem em um sermão sobre "Serviços Contrastados", baseado em 12.8 (1): Os mestres são contrastados (2); As experiências dos servos são contrastadas: (*a*) a obra de Deus é a liberdade; a do mundo é a escravidão. (*b*) A obra de Deus traz um sólido benefício; a do mundo traz a vaidade e o vazio. (*c*) A obra de Deus traz bênçãos eternas; a obra do mundo traz a condenação eterna.

h. *Resumo* (12.13-16). Roboão reinou por **dezessete anos** (13) e morreu com a idade de 58 anos. **E fez o que era mau** (14) é o epitáfio do cronista. **Semaías, o profeta, e Ido, o vidente** (15) são chamados de historiadores do reino de Roboão. O rei foi sepultado com seus antecessores **na cidade de Davi** (16).

2. *Abias* – 913-911 a.C. (13.1-22)

Os detalhes da guerra estendida entre Abias e Jeroboão muito acrescentaram ao nosso conhecimento sobre o segundo rei de Judá (cf. 1 Rs 15.1-8; Abias e Abião são variantes de escrita do mesmo nome).

a. *A ascensão* (13.1,2). **Micaía** poderia ser Maaca, a filha ou neta de Absalão (cf. 11.22). A guerra com o Reino do Norte começou após três anos de seu reinado.

b. *A guerra* (13.3-22). Abias evidentemente queria punir Jeroboão por sua rebelião, mas ele fora excedido em números (a dois por um) pelos exércitos das dez tribos.

(1) *O discurso de Abias* (13.4-12). No **monte Zemaraim** (4), na região montanhosa de **Efraim**, o rei tentou persuadir as tribos do norte ao retorno do aprisco. Ele argumentou que (*a*) eles haviam rejeitado o **concerto de sal** (5), que tornou a oferta da refeição eterna (Lv 2.13); em outras palavras, um memorial permanente da aliança de Deus com homens. (*b*) Eles haviam adotado em sacerdócio ilegítimo (*c*) Judá, pelo contrário, ainda tinha Deus ao seu lado, ao manter **sacerdotes** e **holocaustos** verdadeiros (10,11). (*d*) Portanto, os israelitas deveriam retornar a Jerusalém e à verdadeira adoração, e não lutar contra Deus (12).

(2) *A batalha* (13.13-20). Deus lutou por Abias, e 500.000 israelitas foram mortos (13-17). As tribos do sul tomaram várias cidades do norte, e três delas foram mencionadas: **Betel, Jesana e Efrom** (19). A localização das duas últimas é desconhecida. As palavras suaves e os golpes pesados de Abias foram efetivos, e ele lutou na força do Senhor[2]. Como resultado desta guerra, Jeroboão nunca recuperou a força e morreu dois anos depois de Abias (1 Rs 14.20; 15.9).

(3) *A família de Abias* (13.21,22). Abias teve quatorze esposas, vinte e dois filhos, e dezesseis filhas, e tornou-se poderoso (21). Todas estas coisas foram registradas **na história** (ou seja, o Midrash ou comentário) **do profeta Ido** (22).

3. *Asa* – 911-870 a.C. (14.1—16.14)

Asa não cumpriu a promessa de seu reinado, embora tenha sido um bom rei. O cronista adiciona alguns detalhes a 1 Reis 15.9-24, particularmente sobre a invasão de Zerá, o etíope.

*a. A ascensão e reforma de Asa* (14.1-8)

(1) *A ascensão* (14.1). Os **dez anos** (1) do descanso sem dúvida se devem à derrota de Jeroboão.

(2) *O caráter de Asa* (14.2-5). O cronista mostra os pontos fracos e fortes dos reis, embora enfatize aquilo que ajudou a dar continuidade à vontade de Deus para a vida de seu povo (cf. 14.2-4,7,11; 15.1-7; 16.7-10). Asa é, às vezes, classificado junto com Ezequias e Josias como um rei de reformas, embora pareça melhor dar esta honra ao seu filho Josafá.

A contradição entre 3 e 15.7 é apenas aparente. A primeira passagem não diz que Asa removeu todos os **altares, estátuas e bosques** ou ídolos. A segunda referência é a um tempo futuro, quando se tornaria óbvio que sua reforma não era um sucesso completo[3].

(3) *Sua política de defesa* (14.6-8). Asa construiu cidades para defesa, e levantou um exército que contava com um efetivo de 580.000 homens, vinte mil a menos do que o de Benjamim e de Judá. Estas cidades cercadas podem ter sido aquelas tomadas inicialmente por Sisaque, o rei Egípcio.

*b. A vitória de Asa sobre Zerá, o etíope* (14.9-15). A retomada e reconstrução das cidades fronteiriças pode ter sido a causa da nova invasão egípcia. **Maressa** (9), provavelmente a sudoeste de Jerusalém, uma das cidades que Roboão fortificou (11.8), foi o

local da batalha. Os israelitas estavam em menor número, mas, em resposta às orações de Asa, Deus interveio e as forças superiores dos egípcios foram completamente vencidas.

A fé e a oração de Asa neste momento não devem ser desconsideradas, apesar dele ter desobedecido a Deus mais tarde. Nem todas as petições feitas em momentos de grande dificuldade são desprovidas de sinceridade. O exército de Asa perseguiu o inimigo até **Gerar** (14), na costa do Mediterrâneo, e **toda as cidades** da região foram saqueadas.

*c. A advertência do profeta Azarias* (15.1-15)

(1) *A advertência* (15.1-7). Azarias é mencionado aqui, quando se fala sobre como Deus o usou a favor da causa da justiça. Com o objetivo de que a religião de Asa não fosse apenas um tipo de "covil de raposas", o profeta advertiu que as promessas, a presença e o poder de Deus dependiam da obediência à lei. O Senhor continuaria a dar a vitória se o rei e o povo andassem em seus caminhos.

Na mensagem de Azarias a Asa, temos o segredo do "triunfo em tempos difíceis" (1-7). Aqui podemos ver (1) A questão dos tempos, 5,6; (2) O pedido da bênção de Deus, 2; (3) A necessidade de um avivamento religioso, 3; (4) A fidelidade de Deus, 4; (5) A promessa do triunfo, 7.

(2) *A renovação da aliança* (15.8-15). O **profeta, filho de Obede** [ou Odede] (8). Aqui é usado o nome do pai de Azarias ao invés do próprio nome do profeta. Alguns comentaristas acreditam que a reforma de Asa teve dois estágios, o primeiro aconteceu no tempo de Obede e o segundo nos dias de Azarias. Outros acreditam que a advertência de Azarias foi uma ilustração específica da profecia de seu pai. Esta última opinião é certamente possível[4].

As **cidades** das **montanhas de Efraim** (8) podem ter sido cidades não mencionadas anteriormente, ou as que seu pai, Abias, tinha protegido (13.9).

Na Festa das Semanas (10), a reforma de Asa precisaria ter continuidade, mas não antes que os servos de Deus de Efraim, Manassés e Simeão viessem ao Reino do Sul. Evidentemente, a maior parte da tribo de Simeão havia migrado para o norte (veja no mapa a sua localização original). Judá deu as boas vindas aos migrantes. Havia alguns no Reino do Sul que reagiram como o irmão mais velho de Lucas 15 quando o filho prodígio voltou para casa.

A renovação da aliança foi acompanhada pela ameaça de morte por desobediência (13; cf. Êx 22.20; Dt 13.6-17; 17.2-7).

Sob o tópico "A procura que sempre encontra" Maclaren nota nesta seção: (1) A procura, 12; (2) O encontro que coroa a procura, 15c; (3) o descanso que resulta de se encontrar a Deus, 15*d*.

*d. As reformas* (15.16-19)

(1) *A remoção de Maaca, a rainha mãe* (15:16). Como parte da reforma, Asa removeu sua mãe e o **ídolo** que ela tinha em um **bosque** (16), para provar que a obediência começa em casa. A abominável imagem de Aserá representava uma religião licenciosa.

(2) *A reforma na adoração* (15.17,18). Evidentemente, a reforma descrita em 14.3 não foi completamente bem-sucedida. Mas não por alguma falha de Asa; o seu coração **foi perfeito todos os seus dias** (17). Ele trouxe todos os seus despojos, bem como os de seu pai, e os dedicou aos tesouros do Templo (18).

(3) *Paz* (15.19). Este versículo parece estar em contradição com o relato de 1 Reis 15.32. Alguns acreditam que a leitura do número seria "vigésimo" ao invés de **trigésimo**, enquanto outros mantêm a crença de que o relato em Crônicas seja mais preciso do que o de Reis[5].

*e. A guerra com Baasa* (16.1-6). As datas aqui e em 15.19 combinam (cf. 1 Rs 15.17-24). Alguns calcularam os trinta e seis anos a partir da revolta das dez tribos[6]. A iníqua aliança com Ben-Hadade, de Damasco, contra Baasa, de Israel, foi comprada com o tesouro da casa de Deus.

*f. A repreensão de Hanani e a transgressão de Asa* (16.7-10).

Judá foi vitorioso, mas perdeu a aprovação de Deus (7). O profeta Hanani repreendeu-o por confiar na Síria ao invés de crer no Senhor. Como resultado, sua mensagem foi: "Porque confiaste no rei da Síria e não confiaste no Senhor, teu Deus, o exército do rei da Síria escapou das tuas mãos. Porventura, não foram os etíopes e os líbios um grande exército, com muitíssimos carros e cavaleiros? Confiando tu, porém, no Senhor, ele os entregou nas tuas mãos. Porque, quanto ao Senhor, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é perfeito para com ele; nisso, pois, procedeste loucamente, porque, desde agora, haverá guerras contra ti". Asa, por isso, ficou tão furioso e lançou o profeta na prisão e oprimiu o povo que não aprovou a sua atitude.

Quão humano foi Asa! Com que rapidez ele se esqueceu do poder de Deus manifestado nas grandes crises da vida (8), e não confiou no Senhor nas decisões menores! Mas como Deus é fiel! **Porque, quanto ao Senhor, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é perfeito para com ele (9).**

*g. Resumo* (16.11-14)

(1) *A doença de Asa* (16.11,12). Não é de admirar que Asa tenha procurado os médicos ao invés do Senhor! Não que seja errado ou mesmo pecado procurar a medicina; mas este homem, que já fora um servo de Deus, tendo aprisionado o profeta de Deus, não podia, ele mesmo, dirigir-se ao Senhor e pedir ajuda para resolver seus problemas pessoais. Deus aproveitou esta oportunidade para lembrá-lo de sua desobediência (cf. Jr 17.5).

(2) *Sua morte* (16.13,14). Asa morreu no quadragésimo primeiro ano de seu reinado e foi sepultado **com seus pais** (13) em meio a grande ostentação e circunstância. Seus bons procedimentos sobrepuseram os maus atos de seus últimos anos. A **queima mui grande** (14) se refere a uma fogueira de especiarias preparadas segundo a arte dos perfumistas em honra ao rei morto.

4. *Josafá* – 870-848 a.C. (17.1—20.37)

Josafá parece ter sido co-regente com seu pai por aproximadamente três anos, 873-870 a.C. (cf. 1 Rs 22.41-50). Há mais detalhes nos livros das Crônicas do que em Reis. Ele é o primeiro rei avivalista-reformador a trazer verdadeiros resultados. Obviamente construiu sobre o antigo alicerce que fora preparado por seu pai, Asa.

*a. O caráter de seu reino* (17.1-6). A prosperidade foi maior sob o governo de Josafá do que sob o de seu pai, e foi dito que ele **andou nos primeiros caminhos de Davi** (3).

Algumas variações são possíveis nas versões em inglês: A versão Berkeley diz que "Ele andou nos antigos caminhos de Davi, seu pai"; a versão RSV diz: "Ele andou pelos primeiros caminhos de Davi". Ele estendeu o território da nação e finalizou o trabalho de remoção dos ídolos dos altos. Ele seguiu a tendência dos primeiros anos de fé de seu pai". **Não segundo as obras de Israel** (4) é uma alusão aos bezerros de Dã e Betel. O seu coração se exaltou (6) – Moffat traduz a expressão como: "A sua ambição passou a ser viver nos limites da eternidade".

*b. O ensino regular da lei* (17.7-9). Josafá enviou seus príncipes para ajudar a organizar o povo; assim, os levitas poderiam dar-lhes instruções completas através da lei. **Enviou seus príncipes** (7) pode ser lido como: "Ele expediu os seus príncipes", ou, "Ele comissionou os seus príncipes". Nenhum avivamento é possível sem que se honre a Palavra de Deus. Este foi um estudo sistemático da mensagem, da parte do Antigo Testamento que é chamada de Pentateuco, composta pelos cinco livros de Moisés (Cf. Ne 8.7). Cada levita tinha a sua própria cópia, e indica que elas podem ter sido raras. Este foi o início da educação religiosa fora de casa e do Templo. É o único registro deste tipo de missão (cf. 2 Rs 23.2 e Ne 8.3-18, onde a lei também foi ensinada, embora sob circunstâncias diferentes).

Existem verdades espirituais importantes nos versículos 1-10. (1) Um homem seguiu as pegadas de um bom pai, 1-3; (2) A fé religiosa foi decididamente mantida apesar da oposição, 3,4; (3) A prosperidade seguiu a fidelidade, 5; (4) Às vezes, um homem deve destruir algo para que então possa reconstruir, 6; (5) Um homem devoto deve compartilhar a sua fé, 7-10 (A. Maclaren).

*c. A grandiosidade e o poder de Josafá* (17.10-19). Existiu um tempo de relativa paz com todas as nações, até mesmo com a Filístia e a Arábia (10,11). Josafá construiu **fortalezas** (12, castelos) e cidades de munições (ou cidades-armazéns). Ele teve um exército de 1.160.000 homens (14-18), e é comparado com o meio milhão de homens de Judá no exército de Davi (2 Sm 24.9). Muitos consideram este número elevado demais (cf. 11.1; 13.3; 14.8; 1 Cr 12.23ss), e pensam que houve algum erro por parte dos copistas. O sistema hebreu de escrita de números dificultou muito o processo de cópia.

*d. A sua aliança com Acabe* (18.1-34).

(1) *Jeorão se casou com Atalia* (18.1-3). A respeito do relacionamento entre Josafá e Acabe, o livro de Crônicas traz a informação que o rei de Judá **aparentou-se** com o de Israel (por laços de casamento); ambos comeram juntos e fizeram uma expedição a Ramote-Gileade. Os relatos de Reis explicitam que Atalia, a filha de Acabe e Jezabel, foi dada em casamento a Jeorão, o herdeiro de Josafá. Certamente o objetivo era bom – tentar unir os reinos. Fizeram o correto, porém da maneira errada. Os fins não justificam os meios. Os nossos métodos devem ser condizentes com nossos objetivos.

(2) *Os profetas de Acabe prometem vitória* (18.4-11). Os quatrocentos profetas de Acabe deram-lhe a resposta que ele queria. Mas um deles, **Micaías, filho de Inlá** (7), odiado por Acabe por suas profecias pessimistas, que só previam o pior, ainda seria chamado. Todos os demais profetas haviam assegurado a Zedequias que os aliados feririam Ramote-Gileade como que com **chifres de ferro** (10; cf. 1 Rs 22.4-39). Cuidado com os falsos profetas. Um homem sempre pode encontrar alguém, ou até mesmo a maioria do

povo, a encorajar ao erro. **Estavam assentados na praça** (9) significa uma área aberta usada para eles joeirarem os grãos perto do portão de Samaria.

(3) *A profecia de Micaías* (18.12-27). Acabe não estava enganado quanto àquilo que Micaías diria. A aliança foi reprovada, bem como o fato e a forma pela qual foi selada – através de um casamento. A última parte do versículo 14 deve ser entendida como uma ironia. Moffatt entende as palavras de Micaías da seguinte forma: "Ó, subi, e sede bem-sucedidos; e eles serão entregues nas vossas mãos!".

Que desgraça é querer dar crédito a profetas que têm um espírito de mentira! Apesar da repreensão, seguida de agressão física do falso profeta **Zedequias** (23), Micaías posicionou-se como um fiel porta-voz de Deus. Até mesmo o seu aprisionamento, e a sua alimentação restrita a pão e água foram insuficientes para fazer com que este homem de Deus se tornasse transigente (25-27).

Nos versículos 6-13 temos "o retrato de um profeta". **Micaías, filho de Inlá** era: (1) Desejado pelos justos, 6; (2) Odiado pelos ímpios, 7; (3) Contraditado pelos falsos, 9-11; (4) Tentado pelo tempo de serviço, 12; (5) Um homem que falava a verdadeira Palavra de Deus, 13.

(4) *A derrota e a morte de Acabe* (18.28-34). Na batalha, Josafá clamou ao Senhor e pediu perdão; Deus ouviu a sua súplica e o libertou (31). Aqui, podemos ver o poder de Jeová em ação através dos meios naturais: "O Senhor o ajudou e... os desviou dele. Porque sucedeu que, vendo os capitães dos carros que não era o rei de Israel, deixaram de segui-lo". Apesar de seu disfarce, Acabe foi morto. A frase, **Vira a mão** (33) pode ser lida como, "Dê a volta", ou simplesmente "Vire-se".

*e. A aliança com Acabe é reprovada* (19.1-3). Josafá foi repreendido por Jeú, o filho de Hanani, devido à sua aliança ímpia com Acabe. Mas, apesar deste terrível ato, que teria futuras repercussões na história de Judá, ele foi capaz de manter um contínuo avivamento por toda a terra. Jeú expressa a razão disto: **Preparaste o coração, para buscar a Deus** (3). O cronista reconheceu que a aliança com Acabe foi um erro da "cabeça", e não do coração. Mas, as conseqüências que se seguiram não poderiam ser refreadas (21,22). Este ato isolado foi danoso para o reavivamento promovido por Josafá, e superou os benefícios trazidos pelos longos anos de sua reforma.

*f. A administração da lei* (19.4-11)

(1) *As reformas que se seguiram na adoração e na lei* (19.4-7). Josafá designou juízes subordinados com a finalidade de manter e administrar a causa de Deus em relação a todos aqueles que ele havia chamado a servir ao Senhor, desde Berseba até Efraim (cf. Dt 16.18-20). **Não julgais da parte do homem, senão da parte do Senhor** (6) é uma lembrança contínua da origem de toda a justiça, e dos padrões sobre os quais todo o juízo está baseado. A expressão **acepção de pessoas** (7) deve ser entendida como "parcialidade", e a **aceitação de presentes** refere-se a suborno.

(2) *Mais reformas* (19.8-11). Os levitas também receberam tarefas no processo de aplicação da lei de Deus, que eles deveriam administrar **com coração inteiro** (9). Eles deveriam ouvir os casos mais difíceis da periferia da cidade. **Amarias** era o chefe da corte para assuntos religiosos, e **Zebadias** estava sobre **todo negócio do rei** (11, a administração civil). Uma divisão bem clara entre a Igreja e o Estado, mas *ambas* administradas sob o

temor a Deus! A justiça geralmente requer coragem, mas, em todos os relacionamentos da vida, o homem deve sempre se lembrar que **o Senhor será com os bons** (11).

*g. A invasão dos moabitas* (20.1-4). Os moabitas e os amonitas começaram a se levantar contra Judá desde os dias de Davi (cf. 2 Sm 8.2; 12.26-30). Ao invés de **amonitas** (1) a Septuaginta traz o termo Meunim (ou meunitas), um povo do monte Seir (Jz 10.12). A invasão veio do leste ou do sudoeste. **Dalém do mar** (2) é uma referência ao mar Morto. Josafá conclamou o povo à oração e ao jejum em todo o território de Judá, a fim de buscar a ajuda e a direção de Deus.

*h. A oração de Josafá* (20.5-19)

(1) *A oração* (20.5-13). Em momentos de crise, a oração é uma fonte de força capaz de nos fazer recordar experiências prévias em que fomos ajudados por Deus. O rei invocou o Deus de seus pais, e relembrou libertações ocorridas no passado, **diante do pátio novo** (5). Este seria o pátio externo, provavelmente renovado ou reconstruído desde os dias de Salomão. Sob a sombra do Templo, Josafá se lembrou e citou a oração de seu tataravô, na ocasião em que o local santificado havia sido dedicado (6.28-31). O rei e seu povo se depararam com o tipo de dilema que todos nós enfrentamos mais de uma vez na vida: **e não sabemos nós o que faremos** (12). Mas ele, também tinha o recurso para a solução do problema. Este meio está à disposição de todo o verdadeiro servo de Deus: **Os nossos olhos estão postos em ti**. Seguindo uma liderança temente e obediente ao Senhor, as esposas (e também as crianças) permaneceram perante o Senhor com os seus maridos e com o seu rei.

(2) *A resposta de Deus* (20.14-19). Quando o povo de Deus ora com sinceridade, Deus responde. **Jaaziel** (14), de notada linhagem, era o porta-voz do Senhor. **Não temais, nem vos assusteis por causa desta grande multidão, pois a peleja não é vossa, senão de Deus** (15). **Ziz** (16) era a passagem para o norte, a partir de En-Gedi, e que levava a Jerusalém (veja o mapa). Às vezes é necessário inicialmente orar e então empreender todo o esforço humano natural. Mas existem outros tipos de vitórias espirituais. E esta era uma delas: **Não tereis de pelejar; parai, estai em pé e vede a salvação do Senhor para convosco** (17). O rei **se prostrou com o rosto em terra** (18) com todo o Israel e agradeceu, enquanto os levitas se levantaram para louvar ao Senhor em voz alta.

"A batalha é do Senhor"; este foi um pensamento encorajador apresentado ao rei Josafá nos versículos 14-20. (1) O povo de Deus estava diante de um adversário poderoso, 15; (2) Eles enfrentariam o inimigo sem medo ou espanto, 15; (3) Foi prometida a libertação pela mão de Deus, e não por qualquer outro meio, 17; (4) A recompensa da fé é a segurança e o sucesso, 20.

*i. A libertação* (20.20-30)

(1) *A aniquilação do inimigo* (20.20-24). Esta foi uma guerra santa. Ao invés da arca, os levitas lideraram o exército e cantavam a beleza da santidade e o imutável amor do seu Deus. Como o Senhor havia prometido, Judá não precisou lutar. Uma disputa interna surgiu entre os soldados que os atacariam, e estes lutaram uns contra os outros. Nem sequer um dos inimigos escapou!

(2) *Os despojos e o retorno triunfante* (20.25-30). Os soldados de Judá despojaram os corpos mortos de seus inimigos durante três dias, e recolheram mais jóias do que podiam carregar. O jubiloso retorno a Jerusalém, com voz alta e tocando os seus instrumentos, foi uma ocasião alegre para toda a terra de Judá. Outras nações, ao ouvirem falar da ajuda que Deus dera a este povo, deixaram o pequeno país em paz.

*j. Resumo* (20.31-37)

(1) *O trabalho de Josafá* (20.31-34). O reinado deste homem de Deus durou vinte e cinco anos, nos quais ele agradou ao Senhor, e teve um avivamento maior do que o de seu pai. No entanto, ainda existiam alguns **altos** (33) – uma indicação de uma idolatria remanescente em Judá. As obras de Josafá foram registradas **nas notas de Jeú, filho de Hanani, que as inseriu no livro da história dos reis de Israel** (34; cf. 19.2; 1 Rs 16.1,7).

(2) *A sua aliança marítima com Acazias* (20.35-37). Esta é a segunda censura ao rei, expressa por um profeta (cf. 19.2,3). Eliézer repreendeu Josafá por uma aliança com Acazias, rei de Israel. Os dois construíram embarcações em Eziom-Geber para irem a Társis ou, como alguns sugeriam, em Társis para irem a Ofir no leste da África. Mas a frota foi destruída[7]. Este relato parece ter sido escrito após o reinado de Josafá. Sua morte e sepultamento estão descritos em 21.1. Assim se fecha o primeiro ciclo da história de Judá.

## B. O Segundo Ciclo na História de Judá, 21.1—32.33

Este segundo ciclo representa o período mais longo e inclui os melhores monarcas de Judá. Durante os dois séculos que o segundo ciclo durou, viu-se um grande reino de paz e prosperidade na metade do século VIII a.C. sob o governo de Uzias. O segundo ciclo também testemunhou o maior avivamento de Judá na segunda metade do século VIII a.C. sob o governo do rei Ezequias e o ministério dos profetas Isaías e Miquéias. O Reino do Sul durou aproximadamente um século e meio a mais do que o do Norte, porque a nação foi reavivada, e Deus honrou as orações do povo que pedia a libertação do domínio dos assírios.

*1. Jeorão*, 848-841 a.C. (21.1-20)

Este capítulo possui um relato paralelo em 2 Reis 8.16-24, com alguns fatos adicionais aos relatos dos julgamentos de Jeorão.

*a. O caráter de Jeorão* (12.1-7). Seis irmãos mais novos receberam riquezas e cidades cercadas, enquanto Jeorão herdou o cetro do reino. Mas ele matou todos eles assim como alguns príncipes de Israel. Os dois nomes dados em português como **Azarias** (2) são escritos de forma diferente em hebraico.

Jeorão tinha trinta e dois anos de idade quando se tornou rei, mas havia servido por cinco anos com seu pai como co-regente (2 Rs 8.16). Ele governou durante oito anos por si só. Era um idólatra, como sua esposa, Atália, filha de Acabe, e a **casa de Acabe** (6). Apesar de sua idolatria, Deus não destruiu a linhagem real, por causa da aliança que tinha com Davi.

*b. A revolta de Edom e Libna* (21.8-11). Este povo dominado teve a oportunidade de se revoltar. Como Jeorão havia feito Judá se comprometer com a idolatria, Deus permitiu que seus inimigos fossem bem-sucedidos em sua revolta. Embora tenha ferido os **edomitas** (9) e escapado de seu cerco, ele não os conquistou. **Lugares altos** (11) eram santuários cananeus dedicados à adoração aos ídolos, e eram assim chamados por estarem geralmente localizados em uma montanha, ou, em locais elevados.

*c. Uma mensagem de Elias* (21.12-15). A mensagem de Elias foi evidentemente entregue a Jeorão depois do profeta ter sido levado para o céu em um redemoinho (2 Rs 2.1). Caso contrário, o cronista teria mencionado Eliseu; pois ele profetizou durante o reinado de Josafá, após Elias[8]. Qualquer que seja o caso, esta é a única menção de Elias em Crônicas. O profeta havia se preocupado com os assuntos do norte. Esta mensagem do velho oponente de Jezabel deve ter instilado terror no coração de sua filha Atalia, esposa de Jeorão. Uma terrível doença intestinal foi prevista para o rei e uma terrível praga para o povo (14,15).

*d. A invasão dos filisteus e dos árabes* (21.16,17). Aqui novamente mais dois povos dominados se revoltaram. Elas invadiram Judá, levaram e destruíram propriedades e mataram todos os filhos do rei, exceto **a Jeoacaz, o mais moço** (17; 25.23). O nome significa o mesmo que Acazias, embora seja escrito de forma diferente (cf. 22.1).

*e. Sua doença e morte* (21.18-20). Jeorão morreu em conseqüência da doença profetizada por Elias. Ele foi sepultado em Jerusalém sem cerimônias, longe dos outros reis e **sem deixar de si saudades** (20). **O seu povo lhe não queimou aromas** (19); esta menção se refere à queima de incenso em honra aos mortos.

2. *Acazias*, 841 a.C. (22.1-9)

*a. A ascensão* (22.1,2). Estima-se que Acazias tenha começado a reinar com quarenta e dois anos de idade, e que governou durante um ano (cf. 2 Rs 8.25-29 e 11.1). Seu pai tinha somente quarenta anos quando morreu; assim, alguns acreditam que o relato em Reis deva ser lido como "vinte e dois anos" (2 Rs 8.26). O quadragésimo segundo ano do reinado da casa de sua mãe possivelmente esteja incluído[9].

*b. Seu caráter* (22.3-5a.). Acazias seguiu o conselho de Atalia para ir com Jorão, rei de Israel, para a guerra contra a Síria em Ramote-Gileade. Ele seguiu o exemplo de impiedade de seu pai, encorajado por sua mãe, que era uma mulher iníqua.

*c. Acazias e Jorão em Jezreel* (22.5*b*-6). **Azarias** (6) deveria ser lido como "Acazias". Ele **desceu... para ver a Jorão** enquanto se recuperava dos ferimentos da batalha com Hazael, rei da Síria.

*d. Jeú mata Acazias* (22.7-9). A primeira parte do versículo 7 pode ser mais claramente lida da seguinte forma: "Foi da vontade de Deus que Acazias, para a sua ruína, fosse visitar a Jorão". Jeú havia sido recentemente proclamado rei de Israel. Ele

veio de Jezreel para capturar e matar o monarca, que se recuperava ali. Jeú destruiu não somente a casa de Acabe, mas também tirou Acazias de seu esconderijo em Samaria e o matou.

3. *Atalia,* 841-835 a.C. (22.10-12)

Atália, a rainha-mãe, em Judá, aproveitou a morte de Acazias como desculpa para assassinar toda a família real, a fim de ser a única governante de Judá (10). Mas a irmã de Acazias, Jeosebate, tomou Joás, filho dele, e o manteve em segredo por seis anos no Templo, porque o marido dela, Joiada, era o sumo sacerdote. Atalia reinou durante seis anos (11,12). O cronista atribui pouco tempo a esta usurpadora e profanadora do reino (cf. 2 Rs 11.1-3).

4. *Joás*, 835-796 a.C. (23.1—24.27)

*a. Joiada eleva Joás ao trono* (23.1-7). **No sétimo ano** (1) do reinado de Atalia e do esconderijo de Joás, Joiada agiu. Ele reuniu seguidores, apresentou e executou seu plano para colocar Joás no trono (cf. 2 Rs 11.4-16). **Fez aliança com o rei** (3) – isto seria uma garantia de suporte para fazer dele um rei. Joiada ainda era o líder do plano para depor Atalia. Os levitas recebem mais proeminência aqui do que no relato paralelo em Reis. As três divisões de levitas, todas presentes no sábado, prepararam o cenário para a coroação.

*b. A conspiração contra Atália* (23.8-11). Os levitas, totalmente armados sob a direção de Joiada, ungiram Joás e clamaram: **Viva o rei!** (11) – "Longa vida ao rei!" (cf. 1 Sm 10.24; 2 Sm 16.16).

*c. Atalia é deposta* (23.12-15). Atraída pela música e pelos clamores, Atalia se dirigiu ao Templo. Seus gritos de **traição, traição** (13) silenciaram o povo durante um tempo suficiente, a fim de que Joiada desse as instruções para a sua execução. Eles não iriam matá-la na área do Templo. **Tirai-a para fora das fileiras** (14) significa "tragam-na para fora, entre as margens". Os levitas levaram-na para fora do Templo e mataram-na perto da **entrada da Porta dos Cavalos, da casa do rei** (15).

*d. A aliança* (23.16-21). A aliança entre o rei, os sacerdotes, e o povo, que dizia que deveriam ser **o povo do Senhor** (16) os motivou a destruir os sacerdotes e o templo de Baal. Então estabeleceram Joás no trono da casa do rei e restauraram os levitas aos seus locais de trabalho no Templo.

*e. O caráter de Joás* (24.1-3). A partir dos sete anos de idade, Joás reinou por quarenta anos. Joiada, o sumo sacerdote, era a mão que o guiava, e a influência determinante para o bem. O rei só seguiu ao Senhor durante a vida de Joiada. Ele tinha duas esposas, filhos e filhas.

*f. A reforma do Templo* (24.4-14). A grande obra de Joás foi a reparação do Templo (cf. 2 Rs 12.1-16; Jeoás é apenas uma forma de escrita diferente do mesmo nome). Os

levitas foram negligentes quanto à sua responsabilidade de coletar dinheiro – eles **não se apressaram** (5). Mas o imposto do Templo foi novamente instituído com a finalidade de gerar os recursos necessários (Êx 30.12-16; Nm 1.50). Uma caixa de ofertas serviu a este propósito, e houve rapidamente bastante material para os trabalhadores, e também os recursos necessários para a restauração dos utensílios sagrados.

Nesta história, Alexander Maclaren destaca: (1) O rei ambicioso e os preguiçosos a quem ele designou a tarefa, 4,5; (2) A retirada do trabalho dos preguiçosos, 6-9; (3) Aqueles que contribuíram com alegria, 10; (4) Os negócios do rei, 11; e (5) A aplicação do dinheiro, 12-14.

*g. A morte de Joiada* (24.15,16). Joiada, o sumo sacerdote, morreu com cento e trinta anos de idade, e foi sepultado **com os reis** (16), como um homem amado pelo povo.

*h. A apostasia* (24.17-19). A seção 15-22 é peculiar a Crônicas.

(1) *Os pecados* (24.17-19). Os príncipes de Judá logo levaram Joás de volta à idolatria. Deus enviou os seus profetas, mas ele e seus príncipes não deram ouvidos.

(2) *O apedrejamento de Zacarias* (24.20-22). Joás estava tão imerso em sua idolatria, que mandou que o filho de Joiada, seu amigo, fosse apedrejado **no pátio da casa do Senhor** (21). Em Mateus 23.35 o nosso Senhor se refere a este homem de Deus como o último mártir do Antigo Testamento.

*i. Punição e morte* (24.23-27).

(1) A *Síria traz a destruição* (24.23,24). Até mesmo com um número inferior de homens, o inimigo conquistou facilmente Judá. As palavras profetizadas por Zacarias por ocasião de sua morte: **O Senhor o verá e o requererá** (22), se cumpriram.

(2) *A morte de Joás* (24.25-27). Joás, após ter infligido a morte a outros, foi assassinado por dois de seus próprios servos que foram seus aliados, enquanto estava doente sobre a sua cama. A frase **porque em grandes enfermidades o deixaram** (25) pode ser traduzida como "pois o deixaram muito doente". Ele foi sepultado em Jerusalém, mas não com os reis. Sua principal reivindicação à fama foi a restauração do Templo. Mas Judá nunca se recuperou completamente de sua idolatria, que contaminou o povo. **O livro da história dos reis** (27) foi um registro contemporâneo que sobreviveu, escrito pelo cronista, mas que não deve ser confundido com os livros canônicos de Reis.

5. *Amazias,* 796-767 a.C. (25.1-28)

Este capítulo é um paralelo de 2 Reis 14.1-20 exceto pelo material encontrado em 5-10 e 12-16.

*a. A ascensão* (25.1-14). Amazias começou a reinar com a idade de vinte e cinco anos, e governou durante vinte e nove anos. Ele seguiu os caminhos instáveis de seu pai, Joás. Começou a fazer a vontade de Deus, **porém não com coração inteiro** (2). Apesar do fato de ter matado todos os servos que tinham assassinado seu pai, o cronista relata que ele poupou os filhos deles, conforme ordenado em Deuteronômio 24.16. No entanto, ele logo se tornou um idólatra e perseguiu os profetas.

*b. A vitória sobre Edom* (25.5-13). Amazias organizou seu exército de acordo com as famílias, e recrutou 300.000 homens acima de vinte anos de idade. Ele contratou mercenários do Reino do Norte – 100.000 soldados – por 100 talentos de prata. Este era um pequeno contingente quando comparado ao exército de Asa ou Josafá (cf. 14.8; 17.14ss). Ele foi avisado por um homem de Deus que não deveria utilizar os homens do norte, que não eram tementes nem fiéis ao Senhor, descritos como **os filhos de Efraim** (7). **Deus te fará cair diante do inimigo** (8); esta seria a sua sentença caso levasse consigo os efraimitas.

Amazias considerou cuidadosamente esta advertência, enviou o exército do norte para casa, e dirigiu-se ao **vale do Sal** (11), ao sul do mar Morto. Ali ele derrotou os inimigos, os edomitas do monte Seir, e saiu completamente vitorioso, ao ferir 20.000 inimigos (11,12). Os mercenários do norte, furiosos por terem sido dispensados, saquearam **as cidades de Judá** (13) em seu caminho de volta a Samaria e mataram 3.000 homens.

*c. A idolatria de Amazias* (25.14-16). Tal pai, tal filho – Amazias trouxe de volta os deuses dos edomitas, e queimou incenso a eles, assim como faziam os governantes pagãos (cf. 1 Sm 5.1,2). Novamente, um profeta o repreendeu; mas desta vez ele recusou o conselho, uma atitude que trouxe a sua própria destruição. A frase: **Puseram-te por conselheiro do rei?** (16) também pode ser lida como "Não fizemos de ti o conselheiro do rei?" (Smith-Goodspeed).

*d. A guerra com Joás, de Israel* (25.17-24). Evidentemente Amazias queria uma prova e uma satisfação pelo modo que os mercenários haviam agido (13). **Viram-se face a face** (21), significa "enfrentaram-se em uma batalha". O resultado foi uma vergonhosa derrota para Judá. Joás levou Amazias em cativeiro, destruiu parte do muro de Jerusalém e levou consigo o tesouro do Templo (23,24).

*e. Resumo e morte* (25.25-28). Amazias viveu quinze anos após a morte do rei de Israel, Joás. Finalmente, seu próprio povo o levou ao exílio em Laquis, a sudoeste de Jerusalém, e mais tarde mataram-no ali. **E o trouxeram... (à) cidade de Davi**, ou seja, trouxeram-no a Jerusalém, sobre cavalos, e o sepultaram (28; cf. 2 Rs 14.20 e 2 Cr 24.1).

6. *Uzias,* 767-740 a.C. (26.1-23)

Uzias é considerado um dos melhores reis e reformadores. Ele começou a reinar em 791 a.C. enquanto seu pai, Amazias, estava no exílio (25.27). Ele governou na metade do século VIII a.C., que foi a "idade áurea" em Judá e Israel, um período de paz e prosperidade, pelo menos aparentemente. Os profetas, no entanto, indicaram a falta de uma classe média, enquanto os ricos se tornavam cada vez mais ricos e os pobres se tornavam cada vez mais pobres. A reforma de Uzias e a promessa de um avivamento espiritual fizeram com que Isaías considerasse a sua morte uma calamidade (Is 6.1; cf. 2 Rs 14.21-22; 15.1-7).

*a. Sua ascensão* (26.1-3). Seu nome é escrito como Azarias em Reis. O cronista dá um relato mais completo de seu reinado, e aumenta o nosso apreço por Uzias. Ele era relativamente jovem – tinha dezesseis anos de idade na ocasião de sua ascensão – e chegou perto de ter o reinado mais longo dentre os reis de Judá; cinqüenta e dois anos (cf. 33.1-20 – o mais longo foi o de cinqüenta e cinco anos de Manassés). **Adormeceu (ou dor-**

**miu) com seus pais** (2) é uma forma característica de descrever a morte e o sepultamento dos governantes de Judá, nos livros de Reis e de Crônicas.

*b. O caráter de seu reino* (26.4,5). Os projetos de construção de Uzias foram uma de suas maiores reivindicações à fama (2-6ss.). Ele começou bem, assim como seu pai, e teve grandes realizações; mas o orgulho foi a causa de sua decadência até o final do seu reino (16). Ele prosperou por honrar a Deus e ouvir os conselhos de Zacarias, o profeta.

*c. As guerras e a grandeza de Uzias* (26.6-15). Ele lutou e dominou as cidades dos filisteus (**Jabné** [6] ou Jamnia estava entre Jope e Asdode), **os arábios, os meunitas** (ou meuins), e **os amonitas.** Uzias construiu as torres de vigia em Jerusalém e **edificou torres no deserto** (10) onde também cavou **poços**. Ele tinha extensas pastagens a sudeste e a sudoeste das montanhas da Judéia, assim como a leste do mar Morto[10]. Seu controle se estendeu "**até à entrada do Egito**" (8).

O exército de Uzias não era grande, mas era bem treinado e equipado com **couraças** (14) ou "casacos de armadura", e **fundas (ou aparatos) para atirar pedras** (15), provavelmente semelhantes às catapultas[11].

*d. Seus pecados e punições* (26.16-23)

(1) *A enfermidade* (26.16-21). No ápice de sua carreira, Uzias usurpou o lugar do sacerdote ao oferecer incenso. Ele persistiu apesar dos protestos de oitenta sacerdotes, que, com Azarias, tentaram detê-lo em seu ato arrogante e pecador. A expressão, **A ti... não compete** (18) pode ser lida como "Isto não é para você". Ele se tornou leproso enquanto ainda estava com **o incensário na sua mão** (19). Foi excluído de seu palácio e do convívio com as pessoas – morou... numa casa separada (21) – até a sua morte; e seu filho, Jotão, tornou-se rei em seu lugar.

(2) *A morte de Uzias* (26.22,23). O profeta Isaías, filho de Amós, escreveu uma biografia de Uzias (22). Ele foi sepultado em um campo próximo, mas não no local de sepultamento dos reis, por causa de sua lepra.

7. *Jotão,* 740-732 a.C., co-regente a partir de 750 (27.1-9)

*a. Sua ascensão* (27.1,2). Jotão governou por aproximadamente dez anos como co-regente de seu pai, a partir de 750 a.C., e dezesseis anos ao todo, ao começar com a idade de vinte e cinco anos. Ele era um bom rei, e aprendeu a lição com seu pai; mas não foi capaz, ou pelo menos não levou o povo a um reavivamento (cf. 2 Rs 15.32-38).

*b. Suas construções* (27.3,4). Esta é uma expansão dos relatos dos livros de Reis. Jotão deu continuidade ao programa de construção de seu pai. Ele construiu um portão em **Ofel** (o extremo sul da colina do Templo), diversas **torres**, e também **edificou nos bosques castelos e torres –** fortalezas – na região montanhosa.

*c. O domínio dos amonitas* (27.5,6)

Este inimigo do povo de Deus chamou a atenção de quase todos os reis. O tributo que foi tomado enriqueceu o reino de Jotão. O *coro* (5; heb., *cors*) é igual a dez alqueires;

portanto, a quantidade para cada tipo de grão era de 100.000 alqueires[12]. Um propósito de vida forte e fixo na direção correta contribuiu de forma decisiva para o sucesso de Jotão, pois ele **dirigiu os seus caminhos na presença do Senhor, seu Deus** (6).

*d. Sua morte* (27.7-9). Jotão morreu com a idade de quarenta e um anos e foi sepultado com os reis em Jerusalém. Ele foi um bom governante. Acaz, seu filho, tornou-se seu sucessor.

8. *Acaz,* 732-716 a.C. (28.1-27)

Certamente a lição a se aprender com os reis é que hereditariedade e meio ambiente não são as únicas bases para o sucesso, quando se trata de servir ao Senhor. O mais importante é a resposta pessoal ou as escolhas de cada um. Houve casos em que bons reis tiveram filhos iníquos que os sucederam no governo. E houve também monarcas iníquos que tiveram filhos bons que os sucederam. Este é um relato mais sucinto do que aquele que encontramos em 2 Reis 16, exceto pelo registro da guerra. Admite-se que a cronologia deste período é difícil, e por esta razão os estudiosos diferem em suas reconstruções.

*a. A ascensão e a apostasia* (28.1-4). Acaz foi um rei iníquo que governou durante dezesseis anos, e que morreu ainda jovem, aos trinta e seis anos de idade. Ele fez ídolos para Baal, **andou nos caminhos dos reis de Israel** (2), queimou seus próprios filhos a Moloque no vale de Hinom, e participou da adoração licenciosa nas montanhas e bosques.

*b. Foi derrotado por Israel e pela Síria* (28.5-25). Somos gratos pela adição dos detalhes a respeito desta guerra siro-efraimita (cf. 2 Rs 16 e Is 7).

(1) *Derrotado por Rezim e Peca* (28.5-7). A coalizão entre a Síria e Israel derrotou as forças de Acaz. Os sírios, sob o comando de Rezim, levaram muitos cativos à escravidão, e Peca matou 120.000 em um só dia, inclusive o filho do rei, Maaséias. Ele devia ser muito jovem nesta ocasião, pois o próprio Acaz morreu aos trinta e seis anos de idade[13].

(2) *Odede (ou Obede), o profeta* (28.8-15). Quando os israelitas levavam 200.000 mulheres e crianças a Samaria, foram abordados por Obede, o profeta. Ele disse aos líderes do exército que suas vitórias só foram alcançadas devido aos pecados de Judá. Também lembrou-lhes que Deus só os usara para punir Judá, e não para aniquilar a nação; além do mais, os próprios pecados de Israel fizeram com que eles também estivessem sujeitos ao juízo divino (8-11).

Os líderes que estavam em casa, em Efraim, concordaram com Obede. Eles alimentaram, vestiram e cuidaram daqueles cativos. Permitiram que os mais enfraquecidos retornassem montados a Jericó, a cidade das palmeiras, perto da fronteira de Israel e Judá (12-15) (veja o mapa). A expressão **os homens que foram apontados por seus nomes** (15) significa "os homens já mencionados por seus nomes" (Berk.).

(3) *Os edomitas e as invasões dos filisteus* (28.16-19). Novamente os inimigos de Judá prevaleceram sobre a nação, por causa dos pecados praticados. Os filisteus invadiram e recapturaram muitas cidades, e os edomitas levaram muitos cativos.

(4) *O apelo à Assíria* (28.16,20-25). Para compensar os ataques do sul, Acaz apelou para a Assíria, ao norte. Mas Tiglate-Pileser (20) só trouxe mais problemas a Judá. Depois que conquistou a Síria e Israel, ele também o obrigou a pagar-lhe tributos (20,21).

Em tudo isto, Acaz pecou ainda mais ao adorar os deuses da Síria, quando construiu altares em todos os cantos de Jerusalém e **em cada cidade de Judá** (25, ou "em todas as cidades de Judá"), e fechou o Templo de Deus (22-25; cf. 29.3,7).

*c. A morte de Acaz* (28.26,27). Acaz era tão iníquo que não foi sepultado com os reis, apesar de ter sido sepultado em Jerusalém. **Ezequias, seu filho, reinou em seu lugar** (27).

9. *Ezequias,* 716-687 a.C., co-regente a partir de 729 (29.1—32.33)

Ezequias foi o maior reavivalista e reformador dos reis de Judá. Ele ultrapassou Josafá e Josias no resultado de suas reformas. O Reino do Sul durou quase um século e meio a mais do que Israel, principalmente por causa do reavivamento promovido por Ezequias e pelos profetas Isaías e Miquéias. O seu reinado também é importante para os estudiosos do Antigo Testamento, porque é um período-chave para a obtenção dos indícios que levam à determinação da cronologia dos reis de Israel e Judá a partir dos livros de Reis[14]. Ezequias, aparentemente, reinou com Acaz, como co-regente, de 729 a 720 a.C., pois 2 Reis 18.10 indica que 723 a.C. foi o sexto ano de seu reinado.

*a. Ascensão e caráter* (29.1,2). A maior parte do conteúdo aqui é exclusivamente do cronista; onde existem paralelos com Isaías e 2 Reis; o autor de Crônicas escreveu brevemente e com as suas próprias palavras (cf. Is 36—39; 2 Rs 18—20). A ênfase é política em Reis, mas religiosa em Crônicas. Aos vinte e cinco anos de idade, Ezequias iniciou o seu reinado de vinte e nove anos de duração, que foi notório por sua reforma religiosa e por seu reavivamento espiritual.

*b. A purificação do Templo* (29.3-19). Ezequias primeiro reabriu e reparou as portas do Templo que haviam sido fechadas por Acaz (3; 28.24). Ele também renovou a aliança de Judá com o Senhor (10). Os levitas foram chamados para recomeçar os sacrifícios, depois que toda a imundície foi removida (4,12-14). A **praça oriental** (4) significa "o espaço aberto ao leste do templo" (Moffat). **Os entregou à perturbação, à assolação, e ao assobio** (8) pode ser interpretado como: "ele os deixou para ser um terrível exemplo, diante do qual o homem estremece e assobia" (Moffat).

Foram necessários oito dias para que os levitas retirassem toda a contaminação do ribeiro de Cedrom e concluíssem a tarefa de purificação. O próprio Templo foi limpo, assim como o seu pátio, onde ficava o altar das ofertas queimadas, junto aos vasos sagrados (15-19). Não há neste evento (5) um paralelo exato com o trabalho que o Senhor realiza na alma humana? Toda a casa de Deus deve ser limpa da imundície antes que esteja pronta para ser separada para receber a presença de Cristo.

*c. A adoração no Templo* (29.20-30). Os sacerdotes ofereceram o **sacrifício expiatório** (21); primeiro, o cordeiro assim como dois novilhos, como no dia da Expiação. Então os levitas, o rei, os cantores e a congregação ofereceram um **holocausto** (27) de devoção e comunhão com Deus. O problema do pecado deveria ser tratado por meio da oferta queimada, antes que eles pudessem adorar a Deus e ter comunhão com Ele. Este foi um momento de grande alegria no Senhor.

*d. A adoração individual* (29.31-36). Cada um trouxe uma oferta voluntária, **e todo o que tinha essa vontade do coração trouxe holocaustos** (31). Isto exigiu que os levitas ajudassem os sacerdotes a **esfolar** (34) os animais para as ofertas pacíficas e queimadas. Pode ser que alguns deles tivessem seguido o exemplo do sumo sacerdote Urias na adoração idólatra sob o governo do rei Acaz (2 Rs 16.1-16), e desta forma não estivessem tão preparados quanto os levitas para participar da adoração restaurada a Deus. Houve uma grande alegria neste reavivamento da consagração pessoal tanto entre os clérigos como também entre os leigos. Esta foi uma resposta espontânea à vontade e à chamada de Deus – **porque apressuradamente se fez esta obra** (36).

*e. A preparação da Páscoa* (30.1-12). Um convite foi enviado de Dã até Berseba, para as doze tribos, com a finalidade de que todas participassem juntas daquela que seria a maior Páscoa que já havia sido comemorada desde a divisão do reino, após a morte de Salomão. Este convite foi, provavelmente, enviado quatro anos após a queda final do Reino do Norte.

Alguns zombaram e riram dos mensageiros em uma atitude de desdém; porém, outros – que estavam unidos em um só coração com o povo de Judá – responderam positivamente ao convite com a finalidade de honrar os mandamentos de Deus. De fato, devemos considerar que o sofrimento e as ameaças de destruição nem sempre levam o homem a Deus (6,7).

*f. A celebração da Páscoa* (30.13-27). O povo limpou a cidade assim como os sacerdotes purificaram o Templo. A festa dos Pães Asmos e a Páscoa foram observadas juntas. **Contudo**, eles **comeram a Páscoa, não como está escrito** (18) – "comeram o cordeiro Pascal de uma forma irregular" (Moffat). Alguns estavam cerimonialmente impuros devido ao breve intervalo envolvido, mas a oração de Ezequias fez com que se tornassem aceitáveis. O termo **benignamente** (22) pode ser entendido com o sentido de "encorajamento".

Outros sete dias foram adicionados à festa porque o rei e os príncipes haviam dado à congregação mais animais como oferta pacífica do que o número que podia ser consumido na primeira semana (24; cf. Lv 7.15,16). Havia um grande regozijo em Judá junto com **os estrangeiros que vieram da terra de Israel** (25). Estes quatorze dias de festa foram os maiores desde Salomão (7.9). Eles agradaram a Deus!

*g. A destruição dos ídolos* (31.1). Isto aconteceu em Judá, em Efraim, e em Manassés – um trabalho radical.

*h. A organização dos sacerdotes e levitas* (31.2-21). Ezequias prosseguiu na organização dos sacerdotes e levitas como Davi havia feito (1 Cr 23.6; 24.1), uma vez que a ordem havia sido interrompida quando Acaz descontinuou os serviços do Templo. Este relato não tem um paralelo com 2 Reis.

A reorganização consistiu em regularizar **as turmas dos sacerdotes e levitas** (2); os arranjos para uma contribuição oficial aos sacrifícios (3); a regulamentação de como os dízimos deveriam ser pagos e entre quem eles deveriam ser divididos (4-10); e a inscrição dos levitas a partir de vinte anos de idade, bem como dos sacerdotes com as suas famílias (11-19). Moffat se propôs a explicar o significado do versículo 19 da seguinte forma: "E em toda a cidade havia oficiais especialmente nomeados para cuidar dos sacer-

dotes aronitas, que viviam no interior dos distritos das cidades, para distribuir suprimentos a todos os homens entre os sacerdotes, e todos se inscreviam no registro dos levitas". Ezequias foi bem-sucedido nisto, e em tudo o que realizou, porque fez o que era bom, e reto, e verdadeiro perante o Senhor, seu Deus (20,21).

*i. A preparação para a invasão de Senaqueribe* (32.1-8). A ocasião deste acontecimento talvez seja quinze anos depois da celebração da Páscoa registrada no capítulo 30. O relato aqui é mais curto do que em 2 Reis 18.13–20.21, mas acrescenta alguns detalhes. A fonte de Ezequias que estava do lado de fora dos muros não fornecia mais água; ele distribuiu armas de guerra ao povo; eles repararam os muros, e tanto o rei como todo o povo se encorajaram no Senhor contra Senaqueribe, pois **com ele está o braço de carne, mas conosco, o Senhor, nosso Deus** (8).

"Descansando nas promessas" é o tema dos versículos 6-8. (1) A presença de Deus é a base da força e da coragem, 7; (2) O **braço de carne** fracassará, 8; (3) **O Senhor nosso Deus nos ajudará e pelejará as nossas pelejas, 8.**

*j. As ameaças de Senaqueribe* (32.9-23). O poderoso exército assírio tomou as cidades muradas que estavam situadas nas redondezas, e veio às portas de Jerusalém (9-15). Rabsaqué (2 Rs 18.19) fez ameaças em voz alta e enviou cartas ameaçadoras, mas Judá se recusou a se submeter (16-19). O próprio Senaqueribe ficou engajado no cerco de Laquis, quarenta quilômetros a sudoeste de Jerusalém.

Ezequias e Isaías oraram, e Deus enviou um anjo que interveio. Senaqueribe voltou à Assíria, e ali foi assassinado por seus próprios filhos. O rei de Judá foi exaltado e recebeu presentes das nações das redondezas por sua grande vitória (20-23; cf. Is 37.14-38; veja os comentários sobre 2 Reis 18.13—19.36).

*k. Resumo* (32.24-33)

(1) *Enfermidade e recuperação* (32.24). O cronista nos dá aqui poucos detalhes em vista dos textos em 2 Reis 20 e Isaías 38. O sinal não é descrito, e o conteúdo da oração de Ezequias não é revelado.

(2) *Orgulho e arrependimento* (32.25,26). A natureza do ato orgulhoso do rei não é mencionada especificamente aqui, mas, por ter se humilhado sob a mão de Deus, o juízo foi postergado até sua morte (cf. 2 Rs 20.19 e Is 39.5-7). Este juízo viria através das invasões dos caldeus que ocorreram no período de 606-586 a.C.

(3) *A riqueza e as construções de Ezequias* (32.27-31). A riqueza e os recursos de Ezequias eram grandes. **Currais para os rebanhos** (28) significa currais de ovelhas. No versículo 30 foi registrada a construção do aqueduto subterrâneo de Giom até o tanque de Siloé (cf. Is 22.9,11)[15].

A visita dos príncipes da Babilônia foi um teste. Isaías 39 nomeia a embaixada como de Merodaque-Baladã. Ezequias não passou na última prova de Deus. Parece que teria sido melhor ter morrido na ocasião em que ficara doente. Às vezes, através de um ato tolo, o homem desfaz todo o bem que conquistou ao longo dos anos.

(4) *A morte de Ezequias* (32.32,33). Ezequias foi sepultado como um dos maiores reis de Judá, com Davi e seus descendentes mais honrados. **Manassés, seu filho, reinou em seu lugar** (33)[16].

## C. O Terceiro Ciclo na História de Judá, 33.1—35.27

Este período é o do mais baixo nível da degradação moral sob o governo de Manassés, e também o último ímpeto por uma vida espiritual adequada sob o governo de Josias. Na verdade, a morte deste rei marca o final da monarquia davídica autônoma, porque os monarcas do quarto ciclo foram todos vassalos dos impérios egípcio ou caldeu.

1. *Manassés*, 687-642 a.C. (33.1-20)

O reinado de Manassés foi registrado como o governo mais longo e iníquo quando comparado a qualquer um dos dezenove reis e uma rainha que governaram Judá. Ele parece ter sido um co-regente com seu pai aproximadamente no período de 696 a 687 a.C.

*a. Ascensão e excessiva idolatria* (33.1-9). Manassés começou a reinar com doze anos de idade e reinou durante cinqüenta e cinco anos; participou de todas **as abominações dos gentios** (2). Neste aspecto, ele só foi superado por Acaz, que era o arquiidólatra de Judá. Ele construiu altares para Baal **nos altos** (3); construiu altares idólatras na própria casa de Deus (4,5); queimou seus filhos como sacrifícios nas fogueiras de Hinom e consultou feiticeiras e espiritualistas (6); chegou a esculpir uma imagem para o Templo com a finalidade de substituir a verdadeira adoração a Deus (7). Sob seu governo, o povo ultrapassou até mesmo as nações pagãs em termos de iniqüidade (9; cf. 2 Rs 21.1-9, que é quase um paralelo literal).

*b. Cativeiro, arrependimento e restauração* (33.10-13). Esta passagem é um adicional feito pelo cronista ao conteúdo encontrado em Reis. O povo trilhou um caminho de iniqüidade, e somente a prisão do rei foi capaz de interromper sua espiral descendente. **Espinhais** (11) também significa "ganchos". O rei assírio, Esar-Hadom, é mostrado em um monumento encontrado perto de Beirute, na Síria, puxando dois prisioneiros por meio de anéis ou ganchos nos lábios destes[17]. Manassés reconheceu a sua própria iniqüidade, arrependeu-se e entregou-se ao Deus de Israel. O Senhor o restaurou ao seu trono em Jerusalém. **Então reconheceu Manassés que o Senhor é Deus** (13).

*c. Os atos de Manassés* (33.14-20)

(1) *O esforço pela reforma* (33.14-17). Manassés então tentou incentivar um reavivamento para compartilhar a sua nova fé em Deus, e para ser um bom rei. Mas seus anos de degradação foram difíceis de superar. O povo evidentemente pensou que, por ser um homem idoso, já estivesse cansado de pecar. A idade às vezes resolve o problema de alguns atos exteriores e visíveis; porém nunca é capaz, por si só, de transformar o coração. Esta é a obra de Deus.

O rei deu início às suas reformas: (*a*) reconstruiu o muro perto de Ofel na **Porta do Peixe** (14*a*); (*b*) colocou uma unidade militar **em todas as cidades fortes** (muradas) **de Judá** (14*b*); (*c*) retirou os ídolos e os altares do Templo e de toda a Jerusalém e destruiu-os (15); (*d*) reparou **o altar do Senhor** e ofereceu sacrifícios (16) – mas nenhuma oferta pelo pecado é mencionada! **Ainda o povo sacrificava nos altos, mas somente ao Senhor, seu Deus** (17).

Na história do pecado e do arrependimento de Manassés existe um padrão universal a ser visto. Aqui se encontram: (1) Rigorosas acusações e advertências de Deus, 9,10; (2) Uma punição debaixo da misericórdia, 11; (3) Arrependimento, 12; (4) Perdão e restauração, 13; (5) Nova vida e serviço a Deus, 14-16 (Maclaren).

(2) *A morte de Manassés* (33.18-20). Manassés morreu e foi sepultado **em sua casa** (20; cf. 2 Rs 21.18, "no jardim de sua própria casa, no jardim de Uzá"), e **Amom, seu filho, reinou em seu lugar**. A conversão de Manassés, no final de sua vida, teve pouco efeito sobre o seu povo ou sobre o seu filho.

2. *Amom*, 642-640 a.C. (33.21-25)

*a. Ascensão* (33.21). Amom, cujo nome veio de uma divindade egípcia, sentou-se no trono de seu pai aos vinte e dois anos de idade, e reinou apenas dois anos (cf. 2 Rs 21.19-26).

*b. Seu caráter* (33.22,23). Como no caso de Manassés e Acaz, o nome da mãe de Amom não é mencionado. Certamente nenhuma mulher teria ficado orgulhosa de qualquer um destes três homens. Amom **não se humilhou perante o Senhor, como Manassés, seu pai, se humilhara** (23), mas o ultrapassou em suas transgressões e pecados ao adorar os antigos ídolos pagãos.

*c. A morte de Amom* (33.24,25). Os servos de Amom **o mataram em sua casa** (24). O cronista não nos informa sobre a fonte da história, nem o local de seu sepultamento. Os servos culpados foram mortos e Josias, seu filho, foi feito rei. Era um povo iníquo e idólatra. Eles teriam se encaixado melhor no período de anarquia da época dos juízes, do que no período do grande reavivamento promovido por Ezequias e que havia ocorrido a apenas meio século.

3. *Josias*, 640-608 a.C. (34.1—35.27)

Nos relatos do reinado de Josias, o cronista difere do escritor de Reis ao separar as reformas iniciais daquelas que vieram após a descoberta da lei (cf. 2 Rs 22.1–23.30).

*a. Ascensão* (34.1,2). Josias era um ano mais velho do que Joás quando começou o seu reinado de trinta e um anos em Jerusalém. Ele andava por um caminho reto à medida que seguia ao Senhor.

*b. A reforma* (34.3-7,33). Josias promoveu sua reforma durante toda a sua vida. Estas reformas começaram **no duodécimo ano** (3) de seu reinado, quando ele tinha vinte anos de idade. Elas foram o resultado de sua atitude de começar a **buscar o Deus de Davi** quando tinha dezesseis anos de idade. Para liderar a outros, é necessário que o líder se aprofunde em sua vida espiritual. As reformas do rei consistiram em: (*a*) purificar a nação dos altos, bosques e imagens esculpidas e de fundição (3); (*b*) destruir os altares de Baal e queimar os ossos dos sacerdotes sobre os seus altares (4,5); (*c*) estender a sua influência até o território que havia sido ocupado pelo Reino do Norte (6,7). A frase **em seus lugares assolados** (6) é traduzida em algumas versões como "no meio das suas ruínas".

*c. A reforma do Templo* (34.8-13). **No ano décimo oitavo do seu reinado** (8), Josias ordenou que o Templo fosse reparado. Hilquias, o sacerdote, pagou honestamente pelos materiais e também os salários dos trabalhadores com o dinheiro coletado em Judá e Israel (9-13). Evidentemente o versículo 11 se refere à reconstrução das casas e câmaras dos sacerdotes no Templo e em seus átrios[18].

As **Junturas** (11) devem ter sido vigas apoiadas entre as paredes. A frase "**peritos em instrumentos de música**" (12) também pode ser lida como: "sabiam tocar bem instrumentos musicais".

*d. Encontrando o livro da lei* (34.14-18). A descoberta, feita por Hilquias, de uma cópia do **livro da Lei** (14) foi prontamente reportada ao rei por **Safã, o escrivão** (15). Ele então leu as palavras do livro para o rei (18).

*e. O efeito sobre Josias* (34.19-22). Josias ficou atemorizado pelos julgamentos ameaçadores que ouviu do livro da lei. Então ele consultou a profetisa Hulda para o aconselhar (cf. 2 Rs 22.11-20). A expressão **na segunda parte** (22) representa a "cidade baixa" de Jerusalém.

*f A mensagem de Hulda* (34.23-28). A mensagem foi suportável; Josias escaparia dos futuros juízos porque tinha um coração inclinado às coisas de Deus, e havia se humilhado perante o Senhor. Era um presságio, porque o juízo viria mesmo que muitos dentre o seu povo se arrependessem. O cativeiro era inevitável!

"Josias e a Lei Recentemente Encontrada" é o tópico de outra obra-prima de Alexander Maclaren, uma exposição baseada nos versículos 14-28. Ele destaca três pontos: (1) A descoberta do livro da Lei, 14,15; (2) O efeito da lei redescoberta 16-22; (3) A mensagem de dois gumes da profetiza, que confirma as ameaças da lei e assegura a Josias que ele foi aceito diante de Deus, 23-28.

*g. A aliança* (34.29-33). Josias renovou a aliança com todo o povo, e eles seguiram ao Senhor e o serviram durante todos os dias da vida do rei. **Fez concerto... com todo o seu coração e com toda a sua alma** (31) indica a profundidade do comprometimento dele. **Fizeram conforme** (32) significa "aceitaram" ou "aderiram".

*h. A Páscoa de Josias* (35.1-19). O escritor de Reis dedica apenas três versículos a este evento (2 Rs 23.21-23). No tempo prescrito pela lei, **no décimo quarto dia do mês primeiro** (1; cf. Êx 13.4-7; Lv 23.5), Josias designou aos sacerdotes para os **seus cargos** (2, ou "ofícios"). Os levitas se prepararam (2-6) e colocaram **a arca sagrada na casa** (3). A arca pode ter sido removida durante o período de reparos do Templo. Ellison (NBC) sugere que a expressão "**não tereis mais esta carga aos ombros**" (3) pode ter tido um sentido figurado, para significar: "Não pensem no passado, mas sirvam conforme a ocasião de hoje exige". O rei e os príncipes deram ao povo os animais para o sacrifício – **reses de gado miúdo** (8) que seriam cordeiros e cabritos (7-10). Os sacerdotes matavam os animais e os levitas os esfolavam (11). Eles cozinhavam a carne **prontamente** (13). Cada um deles estava em seu lugar, de acordo com a lei (14-16), e eles mantiveram esta Páscoa e **a Festa dos Pães Asmos, durante sete dias** (17).

Não tiveram uma páscoa desta magnitude nem nos dias de Ezequias – e nem mesmo desde a época de Samuel (18).

*i. A morte de Josias* (35.20-24). Em 609 a.C. quando o faraó Neco veio através de Megido para lutar contra os exércitos dos caldeus em Carquemis, Josias tentou, de forma tola, detê-lo, e foi morto em um combate. Ele foi levado para Jerusalém e enterrado na sepultura de seus pais em meio a um grande lamento. Sua morte, no final, marcou a conclusão de uma grande reforma. Também marcou o final do reinado davídico, pois o próximo ciclo foi um período de sujeição, primeiro ao Egito, e depois à Babilônia.

*j. Resumo* (35.25-27). Aqui está a primeira menção de **Jeremias**, que lamentou a morte de Josias. **As deram por estatuto em Israel** (25) significa "fez disto um costume regular" (Moffat). Aqui é mencionada, novamente, a principal fonte da história: o **livro da história dos reis de Israel e de Judá** (27).

## D. O Quarto Ciclo, 36.1-23

O cronista trata estes últimos anos de Judá de forma muito breve (cf. 2 Rs 23.31—25.21).

*1. Joacaz*, 608 a.C. (36.1-4)

Este filho de Josias governou durante três meses, com a idade de vinte e três anos, escolhido pelo **povo da terra** (1). Ele foi deposto e levado em cativeiro ao Egito por Neco, que o substituiu por seu irmão Eliaquim, renomeado Jeoaquim por Faraó. **Condenou a terra** (3), ou seja, "impôs uma multa ao país" (Moffat).

2. *Jeoaquim*, 608-597 a.C. (36.5-8)

Este filho mais velho de Josias reinou como um rei vassalo por onze anos desde a sua coroação, aos vinte e cinco anos de idade. Ele era ímpio, e Nabucodonosor o levou cativo para a **Babilônia** (6), junto com os tesouros do Templo.

3. *Joaquim,* 597 a.C. (36.9-10)

Joaquim, filho e sucessor de Jeoaquim, havia reinado apenas três meses e dez dias quando Nabucodonosor ordenou que ele fosse deportado para a Babilônia. A sua idade é dada aqui como oito anos, mas os dezoito anos, em 2 Reis 24.8, provavelmente representem a idade correta. Uma variação por parte de algum copista antigo pode ter ocasionado esta discrepância. **No decurso de um ano** (10) – pode ser lido como "na virada do ano" (Berk.). Zedequias reinou em seu lugar.

4. *Zedequias,* 597-586 a.C. (36.11-14)

Zedequias era, sem dúvida, tio de Joaquim, o irmão de seu pai (10) e não seu irmão. Em outras passagens fica claro que ele era um filho de Josias (cf. 2 Rs 24.18–25.21). Ele governou os últimos e terríveis onze anos do reino de Judá; começou a reinar com a idade de vinte e um anos. Ele **fez o que era mau aos olhos do Senhor**, não **se humilhou**

**perante o profeta Jeremias** (12); e **se rebelou contra o rei Nabucodonosor** (13). Os sacerdotes e o povo fizeram o mesmo (14); diante de tal situação, os caldeus destruíram a cidade.

5. *A Destruição de Jerusalém* (36.15-21)

*a. A impiedade do povo* (36.15,16). O povo seguiu os passos iníquos de Zedequias, a ponto de zombarem dos **mensageiros de Deus** (16), os profetas do Senhor.

*b. A destruição* (36.17-21). Os caldeus mataram jovens e velhos sem demonstrar misericórdia (17), demoliram completamente o Templo e a cidade (19) e levaram o povo cativo **para a Babilônia** (20). Só então a terra passou a ter os **sábados** de descanso (21). Estas palavras de Jeremias sugerem que o ano sabático não foi observado durante o período da monarquia. Elas lembraram o povo de que havia pelo menos duas razões para o cativeiro: (1) a idolatria; e (2) a falha em manter o ano do jubileu. Por esta razão o cativeiro (606-536 a.C.) deveria durar setenta anos – um sábado de repouso (cf. Jr 25.12; 29.10).

6. *A Restauração: Um Apêndice* (36.22-23)

Ciro, o conquistador medo-persa do Império Babilônico, em 538 a.C. decretou que Jerusalém e o Templo fossem reconstruídos. Ele estendeu o seu desafio a todos aqueles que retornariam, em nome do Senhor (cf. Is 44.28; 45.1; e também Ed 1.1-3).

Aprendemos com Esdras, que foi Zorobabel quem liderou o retorno a Jerusalém em 536 a.C.

Assim, o cronista mostra um raio de esperança além dos dias sombrios da destruição e do cativeiro. Ele aponta para o crescimento da nova nação de Israel sob o comando de seu Deus. Ele faz apenas uma alusão a esta era brilhante, provavelmente porque a história já havia sido escrita ou planejada para os livros de Esdras e Neemias.

Deus realiza a sua vontade na história, apesar das falhas dos homens. Quem dera o Senhor encontrasse um Ezequias ou um Josias em cada geração! Os livros de Crônicas deveriam nos inspirar, em nossos dias, a sermos o povo de Deus, com corações perfeitos, determinados a fazer a vontade do Senhor em meio às circunstâncias de nossa geração.

# *Notas*

## INTRODUÇÃO

[1] W. H. Bennett, "Books of the Chronicles", *The Jewish Encyclopedia* (New York and London: Funk and Wagnalls Company, 1947), IV, p. 59.

[2] C. F. Keil e F. Delitzsch, "Chronicles", *Commentary on the Bible*, trad. Andrew Harper (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, n.d.), pp. 22ss.

[3] W. F. Albright, "The Date and Personality of Chronicles", *Journal of Biblical Literature*, XL (1921), pp. 104-24.

[4] Robert H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament* (New York: Harper and Brothers, 1941), p. 812.

[5] Merrill F. Unger, *Introductory Guide to the Old Testament* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1951), p. 408.

[6] Samuel A. Cartledge, *A Conservative Introduction to the Old Testament* (Athens: University of Georgia Press, 1944), p. 98.

[7] Carl F. Keil, "Introduction", *Commentary on the Old Testament*, traduzido por Geo. C. M. Douglas (Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1952), II, p. 14.

## SEÇÃO I

[1] P. C. Barker, "I and II Chronicles", *The Pulpit Commentary*, eds. H. D. M. Spence e Jos. S. Exell (New York: Funk and Wagnalls Company, n.d.), I, 3.

[2] Keil, *op. cit.*, p. 57. Observe que Dã é completamente omitido em Apocalipse 7.5-8.

[3] Charles Thomson, *The Septuagint* (Indian Hills, Colorado: Falcon Wings Press, 1954), pp. 662ss.

[4] W. A. L. Elmslie, "I and II Chronicles", *The Interpreter's Bible*, ed. G. A. Buttrick, III (New York: Abingdon Press, 1954), p. 353.

[5] Keil, *op. cit.*, p. 73.

[6] Pfeiffer, *op. cit.*, p. 316.

[7] Otto Zochler, "I and II Chronicles", traduzido por James G. Murphy, *Commentary on the Holy Scriptures*, ed. John Peter Lange e Philip Shaff (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, n.d.), pp. 41,42.

[8] Berker, *op. cit.*, p. 21.

[9] Keil, *op. cit.*, p. 73.

[10] Keil, *op. cit.*, pp. 55ss.

[11] H. L. Ellison, "I and II Chronicles", *The New Bible Commentary*, ed. por F. Davidson, A. M. Stibbs, E. F. Kevan (Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1954), p. 342.

[12] Keil, *op. cit.*, p. 82.

[13] Unger, *op. cit.*, p. 408.

[14] Ellison, *op. cit.*, p. 343.

[15] Zockler, *op. cit.*, p. 76.

[16] Ellison, *op. cit.*, p. 344.

[17] Zockler, *loc. cit.*

[18] Cf. Zockler, *op. cit.*, p. 78, e Keil, *op. cit.*, pp. 139ss.

[19] Dummellow, *op. cit.*, p. 252.

[20] Ellison, *op. cit.*, p. 344.

[21] Keil, *op. cit.*, p. 144.

[22] Dummelow, *op. cit.*, p. 252.

[23] *Ibid.*

[24] Keil, *op. cit.*, pp. 153ss.

[25] M. S. Terry, "I and II Chronicles", *Commentary on Old Testament*, ed. D. D. Whedon (New York: Phillips & Hunt, 1886), IV, p. 341.

[26] Ellison, *op. cit.*, p. 345.

[27] Keil, *op. cit.*, p. 163.

[28] Wm. Smith, *A Dictionary of the Bible* (New York: Fleming H. Revell Co., s.d.), p. 449.

[29] Keil, *op. cit.*, p. 168.

## SEÇÃO II

[1] Adam Clarke, *A Commentary and Critical Notes* (New York: Abingdon-Cokesbury Press, s.d.), II, pp. 600ss.

[2] Dummelow, *op. cit.*, p. 255.

[3] Elmslie, *op. cit.*, p. 411.

[4] Robert Jamieson, A. R. Fausset e David Brown, *Pocket Commentary*, (Chicago: H. R. Thompson & Co., s.d.), II, p. 273.

[5] Keil, *op. cit.*, p. 229.

[6] Ellison, *op. cit.*, p. 349.

[7] Elmslie, *op. cit.*, p. 413.

[8] Ellison, *op. cit.*, p. 350.

[9] Elmslie, *op. cit.*, p. 420.

[10] Terry, *op. cit.*, p. 353.

[11] *Ibid.*, p. 354.

[12] Ellison, *op. cit.*, p. 352.

[13] Terry, *op. cit.*, p. 355; Jamieson, Fausset e Brown, *op. cit.*, p. 284.

[14] Kyle Yates, *Preaching from the Prophets* (New York: Harper and Brothers, 1942), p. 2.

## SEÇÃO III

[1] W. T. Purkiser (ed.), *Exploring the Old Testament* (Kansas City, Mo.: Beacon Hill Press, 1955), p. 206.

[2] Ellison, *op. cit.*, p. 354; Zockler, *op. cit.*, p. 168.

[3] Keil, *op. cit.*, p. 313.

[4] Dummelow, *op. cit.*, p. 258.

[5] Keil, *op. cit.*, p. 316.

[6] Cf. Elmslie, *op. cit.*, p. 448; também Ellison, *op. cit.*, p. 354; Dummelow, *op. cit.*, p. 259.

[7] Cf. Terry, *op. cit.*, p. 359.

[8] Zockler, *op. cit.*, p. 172.

[9] Ellison, *op. cit.*, p. 309.

[10] Cf. Clarke, *op. cit.*, p. 642.

[11] Jamieson *et al.*, *op. cit.*, p. 295.

[12] Cf. Clarke, *op. cit.*, p. 417.

[13] Cf. Jamieson *et al.*, *op. cit.*, p. 297; Dummelow, *op. cit.*, p. 259.

[14] Cf. Elmslie, *op. cit.*, p. 464; Ellison, *op. cit.*, p. 356; Jamieson *et al.*, *op. cit.*, p. 298.

[15] Cf. Ellison, *op. cit.*, pg. 356; Jamieson *et al.*, *op. cit.*, p. 298.

[16] Douglas Jones, "I and II Chronicles", *Twentieth Century Bible Commentary*, eds. G. Henton Davies, Alan Richardson, Charles L. Wallis (New York: Harper and Brothers, 1955), p. 220.

[17] Cf. Elmslie, *op. cit.*, p. 466; Joseph Free, *Archaeology and Bible History* (Wheaton, Ill.: Van Kampen Press, 1950), p. 171; Merrill F. Unger, *Archaeology and the Old Testament* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1954), pp. 86, 225; D. Harvey, "Sheba, Queen Of", *The Interpreter's Dictionary of the Bible*, ed. G. A. Buttrick, (New York: Abingdon Press, 1962), IV, p. 311.

[18] Jamieson, *et al.*, *op. cit.*, p. 299.

[19] Loyal H. Larimer, "I and II Chronicles", *Old Testament Commentary*, eds. Herbert C. Alleman e Elmer E. Flack (Filadélfia: Muhlenberg Press, 1948), p. 452.

[20] Free, *op. cit.*, p. 172.

## SEÇÃO IV

[1] Terry, *op. cit.*, p. 361.

[2] Elmslie, *op. cit.*, p. 478.

[3] Cf. Terry, *op. cit.*, p. 363; Ellison, *op. cit.*, p. 357.

[4] Terry, *op. cit.*, p. 305.

[5] Cf. Elmslie, *op. cit.*, p. 484; Ellison, *op. cit.*, p. 358.

[6] Dummelow, *op. cit.*, p. 261.

[7] Cf. Terry, *op. cit.*, p. 371; Jamieson, *et al.*, *op. cit.*, p. 315.

[8] Cf. Dummelow, *op. cit.*, p. 263; Terry, *op. cit.*, p. 371.

[9] Jamieson, *et al.*, *op. cit.*, p. 317.

[10] Dummelow, *op. cit.*, p. 265.

[11] Keil, *op. cit.*, p. 428.

[12] Dummelow, *op. cit.*, p. 264.

[13] *Ibid.*, p. 265.

[14] Cf. E. R. Thiele, "The Cronology of the Kings of Judah and Israel", *Journal of Near Eastern Studies*, II, No. 3 (Julho de 1944), pp. 137-86, para outra cronologia.

[15] Dummelow, *op. cit.*, p. 267; Free, *op. cit.*, pp. 41, 211ss.

[16] Cf. Terry, *op. cit.*, pg. 382; Keil, *op. cit.*, p. 479.

[17] Free, *op. cit.*, p. 213.

[18] Terry, *op. cit.*, p. 384.

# *Bibliografia*

## I. COMENTÁRIOS


BARKER, P.C. "I & II Chronicles". *The Pulpit Commentary*. Editado por H. D. M. Spence e Joseph S. Exell. Nova York: Funk & Wagnalls Company, n.d.

BARNES, WM. E. *The Books of Chronicles*. "Cambridge Bible for Schools and Colleges". Cambridge University Press, 1899.

BENNET, W. H. *The Book of Chronicles*. "The Expositor's Bible". Editado por W. Robertson Nicoll, Cincinnati: Jennings & Graham, n.d.

CARROLL, B. H. "The Hebrew Monarchy". *Interpretation of the English Bible*, Editado por J. B. Cranfill, Vol. V. Nashville, Tenn.: Broadman Press, 1948.

CLARKE, Adam. *A Commentary and Critical Notes*, Vol. II Nova York: Abingdon-Cokesbury Press, n.d.

CROCKETT, William Day. *A Harmony of the Books of Samuel, Kings and Chronicles*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1951.

CURTIS, Edward L., e MADSEN, A. H. *I & II Chronicles*. "International Critical Commentary". Edinburgh: T. & T. Clark, 1910.

DUMMELOW, J. R. *A Commentary on the Holy Bible*. Nova York: The Macmillan Company, 1946.

ELLISON, H. L. "I & II Chronicles". *The New Bible Commentary*, Editado por F. Davidson, A. M. Stibbs, E. F. Kevan. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1954.

ELMSLIE, W. A. L. "The First and Second Books of Chronicles". *The Interpreter's Bible*, Vol. III. Nova York: Abingdon Press, 1954.

GAEBELEIN, A. C. *The Annotated Bible*, Vol. II. Nova York: Publication Office *Our Hope*, 1915.

JAMIESON, Robt., FAUSSET, A. R., e BROWN, David. *The Practical Pocket Commentary*, Vol. II. Chicago: H. R. Thompson & Co., 1872.

JONES, Douglas. "I and II Chronicles." *The Twentieth Century Bible Commentary*. Ed. rev. Editado por G. Henton Davies, Alan Richardson, e Chas. L. Wallis. Nova York: Harper & Bros., 1955.

KEIL, C. F., e Delitzsch, Franz. *Biblical Commentary on the Old Testament*. "The Books of the Chronicles", traduzido por Andrew Harper. Vol. II. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., n.d.

LARIMER, Loyal H. "First and Second Chronicles". *Old Testament Commentary*. Editado por Herbert C. Alleman e Elmer E. Flack, Filadélfia: The Muhlenberg Press, 1948.

SIMEON, Charles. *Expository Outlines on the Whole Bible*, Vol. IV. Grand Rapids: Zondervan Publishing House (reimpresso).

TERRY, M. S. "Chronicles". *Commentary on Old Testament*. D. D. Whedon, Vol. II. Nova York: Phillips e Hunt, 1886.

## II. OUTROS LIVROS


CARTLEDGE, Samuel A. *A Conservative Introduction to the Old Testament*. Athens: University of Georgia Press, 1944.

DRIVER, S. R. *An Introduction to the Literature of the Old Testament*. "The International Theological Library". Editado por Charles A. Briggs e Stewart D. F. Salmond. Nova York: Charles Scribner's Sons, 1891.

FREE, Joseph P. *Archaeology and Bible History*. Wheaton Ill: Van Kampen Press, 1950.

HALLEY, Henry H. *Pocket Bible Handbook*. 17ª edição. Chicago, Illinois: Henry H. Halley, 1946.

KEIL, Karl Friedrich. *Manual of Historico-Critical Introduction to Old Testament*, Vol. II. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1952.

OESTERLY, W. O. E., e Robinson, T. H. *An Introduction to the Old Testament*. Nova York: The Macmillan Company, 1934.

PURKISER, W. T. (ed.). *Exploring the Old Testament*. Kansas City, Missouri: Beacon Hill Press, 1955.

SMITH, William. *A Dictionary of the Bible*. Nova York: Fleming H. Revell Company, n.d.

THOMSON, Charles. *The Septuagint Bible*. Editado, revisado e ampliado por C. A. Muses. Indian Hills, Colorado: The Falcon's Wing Press, 1954.

UNGER, Merrill F. *Introductory Guide to the Old Testament*. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1951.

YOUNG, Edward J. *An Introduction to the Old Testament*. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1960.


## III. ARTIGOS


ALBRIGHT, W. F. "Review of Pfeiffer". *Journal of Biblical Literature*, LXXXII (junho de 1942), p. 126.

BENNETT, W. H. "Books of Chronicles". *The Jewish Encyclopedia*, Vol. IV. Nova York: Funk & Wagnalls Company, 1947.

NORTH, Robert. "Theology of the Chronicler". *Journal of Biblical Literature*, LXXXII, Parte IV (Dezembro de 1963), pp. 369-81.

THIELE, E. R. "The Chronology of the Kings of Judah and Israel". *Journal of Near Eastern Studies*, Julho de 1944, p. 184.

# Comentário Bíblico Beacon

2

Josué a Ester

O *Comentário Bíblico Beacon* traz uma interpretação abrangente da Bíblia Sagrada elaborada por 40 teólogos evangélicos conservadores. São 10 volumes, cinco para o Antigo Testamento e cinco para o Novo.

Em cada livro bíblico são comentados versículos de forma expositiva, exegética e sempre com uma sugestão homilética, o que torna o *Beacon* particularmente útil para pregadores e professores da Escola Dominical. Mas também ele tem uma característica devocional que faz dele uma obra cativante e indispensável a todos os crentes que desejam estudar a Palavra de Deus.

*Beacon* tem erudição teológica, todavia num tom equilibrado na sua interpretação e no seu objetivo inspiracional. Seu formato é atraente e prático.

Seus comentaristas e editores acreditam que esta obra é de grande valor para todos que buscam descobrir as verdades profundas da Palavra de Deus, que "subsiste eternamente".

Chester O. Mulder
R. Clyde Ridall
W. T. Purkiser
Harvey E. Finley
Robert L. Sawyer
C. E. Demaray

ISBN 85-263-0686-3
9 788526 306868